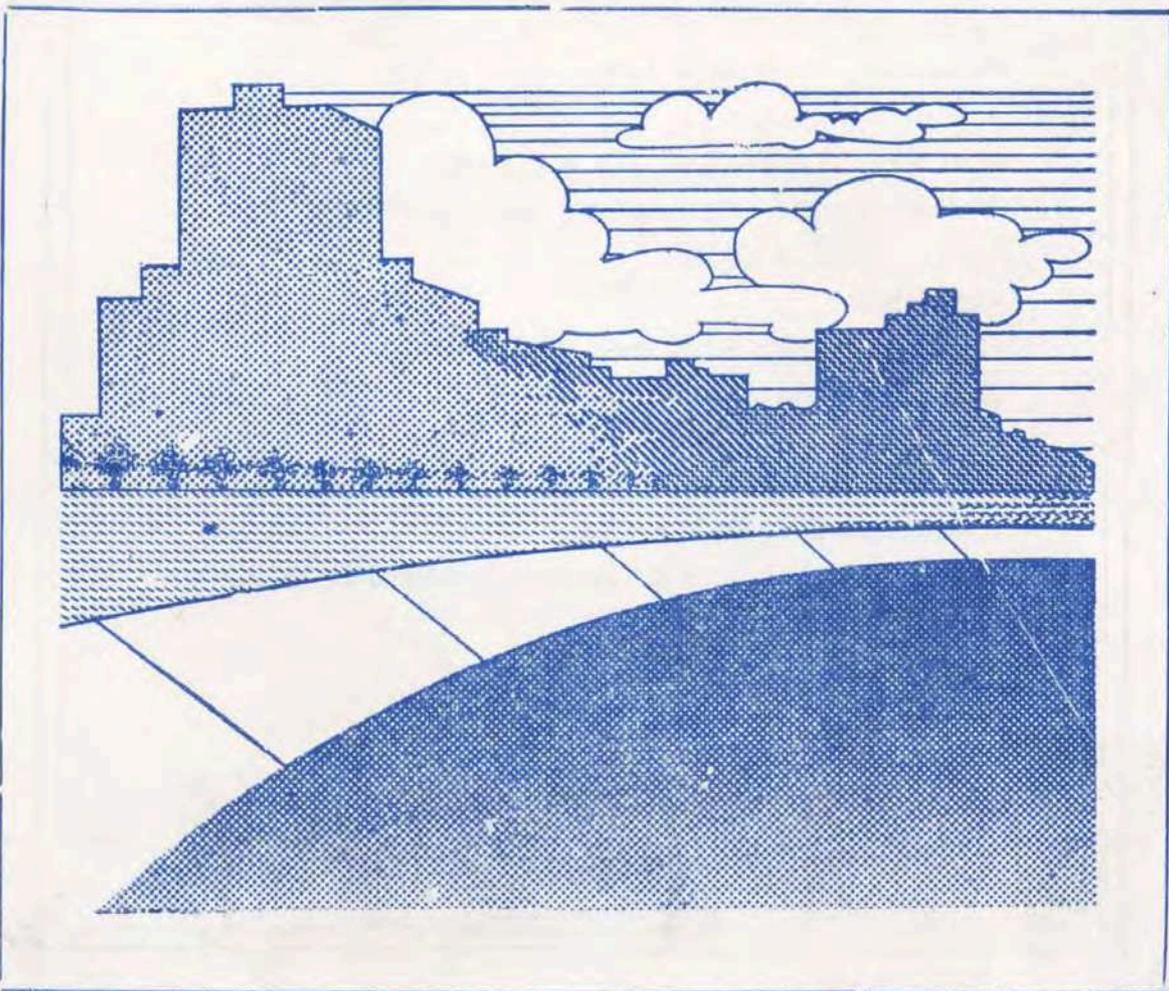


Blumenau em Cadernos

TOMO XXXV

Nov/Dez de 1994

Nº. 11/12



IMPRESSO

A QUEM DEVEMOS A REGULARIDADE DESTAS EDIÇÕES

A FUNDAÇÃO "CASA DR. BLUMENAU", editora desta revista, torna público o agradecimento aos aqui relacionados pela contribuição financeira que garantirão as edições mensais durante o corrente ano:

TEKA — Tecelagem Kuehnrich S/A.
Companhia Hering
Cremer S/A. Produtos Têxteis e Cirúrgicos
Casa Willy Sievert S/A. Comercial
Distribuidora Catarinense de Tecidos S/A.
Schrader S/A. Comércio e Representações
Companhia Comercial Schrader
Madeira Odebrecht Ltda.
Arthur Fouquet
Paul Fritz Kuehnrich (in memória)
Walter Schmidt Com. e Ind. Eletromecânica Ltda.
Cristal Blumenau S/A.
Sul Fabril S/A.
Herwig Shimizu Arquitetos e Associados
Auto Mecânica Alfredo Breitkopf S. A.
UNIMED - Blumenau
Casa Flamingo Ltda.
•Gráfica 43 S/A Ind. e Com.
Lindner, Arquitetura e Gerenciamento S/C Ltda.
Genésio Deschamps
Padre Antonio Francisco Bohn
Curt Fiedler
Altamiro Jaime Buerger
Arnaldo Buerger
Banco de Crédito Real de Minas Gerais S. A.
Nelson Vieira Pamplona

BLUMENAU EM CADERNOS

TOMO XXXV

Nov/Dez de 1994

Nº. 11/12

SUMÁRIO

Página

O "Sentinela do Vale" é Brig. Jacinto M. Bittencourt — Theobaldo Costa Jamundá	322
Figura do Presente	325
Um pouco de história na correspondência dos imigrantes — Trad. Emilio Odebrecht	330
Reminiscências de Ascurra — Atilio Zonta	334
Um Cartório que preserva a história de Santa Catarina — José Gonçalves	336
Registros de Tombo de São Francisco do Sul (VII) — Pe. Antônio Francisco Bohn	338
Apêndice ao II Ramo da Família Gerent	340
Autores Catarinenses — Enéas Athanázio	343
Sociedade Assistencial Alemã em Blumenau na década de 1930	345
A Família Arriola em Santa Catarina — Antônio Roberto Nascimento	347
Sobre o desenvolvimento de nossa cidade no começo do século	357
Aconteceu... há 50 anos passados — José Gonçalves	360
Retrato de Blumenau e de suas principais personalidades no começo do século	361
Figura do Passado	375
Aconteceu — Outubro de 1994 — José Gonçalves	377
A nossa mensagem — José Gonçalves	380
COOPERHERING comemorou 50 anos	381

BLUMENAU EM CADERNOS

Fundado por José Ferreira da Silva

Órgão destinado ao Estudo e Divulgação da História de Santa Catarina
Propriedade da FUNDAÇÃO "CASA DR. BLUMENAU"

Diretor responsável: José Gonçalves — Reg. nº. 19

Assinatura por Tomo (12 nºs.) R\$ 10,00

Número avulso R\$ 3,00

Assinatura para o exterior (porte via aérea) R\$ 30,00

Alameda Duque de Caxias, 64 — Caixa Postal 425 — Fone: 26-6787

89015-010 — BLUMENAU — SANTA CATARINA — BRASIL

O "SENTINELA DO VALE" É BRIGADEIRO JACINTO MACHADO BITTENCOURT

Theobaldo Costa Jamundá

Outra vez como outras tantas, recorro ao livro de Henrique Boiteux, SANTA CATARINA NO EXÉRCITO (1942) e releio sob o título: "REVIVER FATOS DE PASSADO GLORIOSO COMPETE, NÃO SOMENTE AOS MESTRES NAS ESCOLAS, COMO AOS OFICIAIS NOS QUARTÉIS" (...) — Associo testemunhada atuação do atual comandante do 23 BI, cel. Andrade. Ingressa na História do Exército Brasileiro em Blumenau como já ingressados os comandantes da Infantaria sediada na geografia dos itajaís; com eles a Canção da Infantaria é cantada neste período de 55 anos.

Salientado na ação aplicada de relacionamento-associativo através da "Sociedade dos Amigos do 23 BI", e alcançando ter aprovado nome de patrono para o "Sentinela do Vale" o cel. Andrade sedimenta a vanguarda cívica com ponto de partida lá quando o 32 BC desembarcou em Itajaí para vir ser o representante do E. B. (Exército Brasileiro) aquartelado em Blumenau.

Neste raciocínio se compreende a presença da História na informação dada pelo presidente da "SAB" maj.-ref. Rebelo, dizendo que agora o 23 BI, é o "BATALHÃO JACINTO MACHADO BITTENCOURT." Entenda-se a decisão ministerial contendo a motivação propositada do solicitante cel. Andrade. Atando pontas a de ontem e a de hoje, se tem em 1939 o maj. Nilo Augusto Guerreiro Lima na fala-proclamação aos seus comandados:

"Meus camaradas e companheiros de arma!" (...) "Eu tenho muita fé no destino do Brasil;" (...)**"E de hoje por diante seja qual for a região brasileira de origem onde teu vulto assome, seja um pa-**

drão de exemplo e abnegação ao teu IRMÃO DO SUL, EM PARTICULAR DE BLUMENAU, QUE É SOLDADO TAMBÉM e que de braços abertos radiante de felicidade te recebe nesta hora." (a Nilo Augusto Guerreiro Lima, maj.-comandante).

A presença do Exército Brasileiro na geopolítica aplicada ao Brasil dos Barrigas-Verdes no espírito da Constituição de 1937, na qual estão as assinaturas: (1) De oficial superior da Marinha almt. Henrique A. Guilhem; (2) De oficial superior do Exército, gen. Eurico Gaspar Dutra, Ministro da Guerra 1936-1945, também o organizador da Força Expedicionária Brasileira, e da hidrelétrica da cachoeira de Paulo Afonso; foi saudada pelo general Meira de Vasconcelos com telegrama do qual se extrai o seguinte: **"Em meu nome e da 1ª. D.I. Envio os mais valorosos sauda-** res aos lídimos representantes do Exército Brasileiro (...) **que orgulhosos da sagra-** da missão que vão desempenhar com inteligência e patriotismo, tudo farão por um Brasil uno e indivisível " (a Saudações — gen. Meira de Vasconcelos) (A matéria grifada é do livro: T.C.J. O Itajaí-açu e outras águas, Tip. e Liv. Blumenauense, Blumenau, SC/1945).

ESTE E OUTROS COMANDOS CONSEQUENTES

Os que comandados do maj. Nilo (os pioneiros do Batalhão para Blumenau) passaram à hospedagem da Família catarinense com a experiência vivida. E essa começou com o desembarque em Itajaí a 10.04.1939 do vapor "Murtinho" (este era da cabotagem praticada pelo "Lloyd Brasileiro). Desembarcados do vapor entramos

nos ônibus. E neles depois aproximadas quatro horas pisamos o chão blumenauense na rua Itajaí. Desta saímos para o desfile (o primeiro desfile) da Unidade do E. B. criada com a finalidade: SER BLUMENAUENSE. Assim os que foram conduzidos pelo maj. Nilo Augusto de Guerreiro Lima sentem a dignidade. Dai por que os permanecidos na hospedagem fraterna da Família catarinense, avaliam este comando do cel. Andrade assemelhada continuação dos anteriores, sem solução de continuidade, portanto, comandantes conseqüentes.

Existem testemunhas e testemunhos da atuação de cada um na Comunidade maior circunscrita na geografia dos itajaís. Eles, os comandantes do E.B. sediado em Blumenau, sem repetitividade ou sendo copiadores, iniciaram ou colaboraram nos atos e nos fatos responsavelmente. Atuantes conscientes desde aquela "Proclamação do maj. Nilo" (11.04.39) deram presença ativa e competente com a propriedade da formação castrense.

Permitido seja dizer sobre alguns como: (1) O maj. Floriano de Lima Brayner sendo homenageado nos municípios do médio Vale durante dia inteiro e parte da noite; (2) O ten-cel. Oscar Rosa Nepomuceno merecedor de aplauso das classes produtoras na construção do "Estádio Gen. Dutra"; aplicando influência para que o Serviço Nacional de Malária atuasse no território da Bacia do Itajaí; conclamando empresários para conclusão do "Teatro Carlos Gomes" (Vanguardeiros na conclamação estiveram Curt Hering e Willy Renaux); (3) O cel. Moziul Moreira Lima, planejando e coordenando abrangente programa de sociabilidade. Depomos ter ouvido dizer-se sentinelando o patrimônio cultural brasileiro com marca catarinense. E por tal sensibilidade definiu o 23 B I: "SENTINELA DO VALE". O apelido é formado de uma competente militar que é "Sentinela"; e de uma civica-geopolítica "Vale". O funcionamento do apelido é pelo canal de pedagogia fecundante regida

por Educação democrática. — Algo sugere existir a vitalidade celular da "Proclamação do maj. Nilo" — PADRAO DE EXEMPLO E ABNEGAÇÃO AO TEU IRMÃO DO SUL, EM PARTICULAR DE BLUMENAU, QUE É SOLDADO TAMBÉM".

E dos mais salientados aparece o que chegou no posto de capitão comandante de companhia (capixaba de pouca fala e nenhuma arrogância, singular na aparência, plural nas suficiências) radicou-se nas blumenauensidades, e no posto competente comandou o 23 B I. — **De cap. Mário a gen. Mário, amealhou o bem querer comunitário distinto e antes de falecer aos 94 anos, usufruiu a distinção de Personalidade maior. Em nós os da ativa do seu tempo, ele fecundou orgulho ainda persistente.**

Comum nas atuações de todos os comandantes foi o enfrentamento do fenômeno cíclico definido: "Enchente". Ativos e objetivos assumiram a responsabilidade cabível e potencializada, exatamente, investidos de liderança, cada um no seu tempo, motivando a Comunidade à resistência inteligente.

E se tem agora documentário escrito que informa e prova. — É o "RELATO DA ATUAÇÃO DO 23 B I, NA GRANDE ENCHENTE DE 1983". Tem este a autoria do cel. Barreto (Antonio Bascherotto Barreto).

O "Relato" subsidia à História das Enchentes. Aqui está sumariado tre tanto pleno do pensamento do autor. Este diz como participe tendo responsabilidade indimensionável: "SÓ QUEM VIVEU A DIMENSÃO EXATA DA TRAGÉDIA" e foi vítima envolvida por Angústia e Terror pode falar sobre a potencialidade danosa da "ENCHENTE DE 1983". Por entrelinhas e não escrito insinua o cel. Barreto inspiração deífica na estruturação da Resistência. E depondo informa ter presenciado prática de Civilidade inspirada nos santos e nos heróis.

E como pessoa de formação castrense, cel. Barreto, destaca para seus oficiais,

graduados e soldados o reconhecimento dosado de Gratidão. (Este agradecer e reconhecer é normal entre os militares e jamais praticado pelo líder civil envolvido com o funcionário público). E pleno no orgulho consciente libera saudação à Unidade que comandou como se estivesse em continência: "GLÓRIA ETERNA AO 23 BATALHÃO DE INFANTARIA".

BATALHÃO JACINTO MACHADO BITTENCOURT ?

— POR QUÊ ?

Existe e é pública a aparência que o Exército Brasileiro cultua a História e preserva a Memória: aqui perto na Ilha de Santa Catarina, a Brigada é "Silva Paes", e no continente avizinhado o ex-14 B C é "Batalhão Fernando Machado". E agora a unidade iniciada como 32 B C depois 23 B I e do comando o cel. Moziul para frente ilustrada, pedagogicamente, "**Sentinela do Vale**", é o "Batalhão Jacinto Machado de Bittencourt".

O Brigadeiro Jacinto Machado de Bittencourt, Nossa Senhora do Desterro, 1823 — Assunção (Paraguai) 1869, está no Panteão nacional, onde estão Duque de Caxias (1803-1880), Gen. Osório (1808-1879), Gen. Sampaio (cearense contemporâneo na guerra c/Lopaz até 1866, foi substituído no comando da Infantaria por J.M.B.).

Quem queira relacionar todos os catarinenses distinguidos no Panteão nacional, escreverá livro. — Só um deles como o brigadeiro Jacinto Machado Bittencourt requer páginas e páginas. Nascido em N. S. do Desterro em 1823, faleceu em Assunção (Paraguai) 1869; herdeiro de herança militar foi modelar na vida militar por isso ilustrou a memória paterna do herói conhecido barriga-verde maj. Camilo Machado de Bittencourt, oficial do Regimento d'Infantaria de Linha da Província de Santa Catarina.

A vida caserneira de Jacinto Machado começou aos 15 anos no 7º. Batalhão de Caçadores atuando na intervenção do Uruguai de Aguirre. Quando o professor catarinense Feliciano Nunes Pires (1785-1860 presidiu o Rio Grande do Sul o teve como ajudante-de-ordens; já no posto de coronel e no comando do 13 de Infantaria fez a vanguarda no combate de Paisandu; na Batalha de Tuiuti teve os dois filhos feridos. Anotam cronistas que a unidade do seu comando foi conhecida como "Arranca-toco". A promoção ao posto de brigadeiro ocorreu quando em ação em Potreiro Pires (Agosto 1866).

É respeitável a quantidade de catarinenses feitos e afeitos nas "Campanhas do Sul" e sendo eles do "REGIMENTO D' INFANTARIA DE LINHA DA PROVINCIA DE SANTA CATARINA" (Cf. T.C.J. O Barriga-Verde Versões e Versões (1989). E tal quantidade pela limpa qualidade de combatente, exatamente, aparece configurada no destemido soldado do Brasil.

E desta qualidade ímpar foi revestida a militariedade do brigadeiro Jacinto Machado Bittencourt. Anota-se-lhe do que de alferes ao alto posto de Brigadeiro quando as responsabilidades esmagavam pelo peso de decisões finais, foi produto de experiências adquiridas como a própria vida o levasse na escalada para a História pátria.

Abramos reflexão focalizando momento épico da "**Guerra contra Lopez**": postal de História brasileira com marca catarinense, no qual, o barriga-verde cel. Fernando Machado está iluminado no heroísmo imortalizador. — O Exército do Brasil era organizado em duas alas. E a ordem do dia do Marquês de Caxias (243, 16.08) atribuía ao brig. Fernando Machado Bittencourt o comando do 1º. Corpo do Exército. E tudo aconteceu na Batalha da Ponte de Itororó, onde no teatro das operações também estava o ten.-cel. Gama d'Eça.

E avivado permaneça o orgulho ensi-

nado nas escolas e nos quartéis: quando o marquês de Caxias retirou-se da comandância-em-chefia do Exército aliado, foi

substituído pelo catarinense marechal-de-campo Guilherme Xavier de Sousa (N.S. Desterro, 1818-1870).

Literatura consultada:

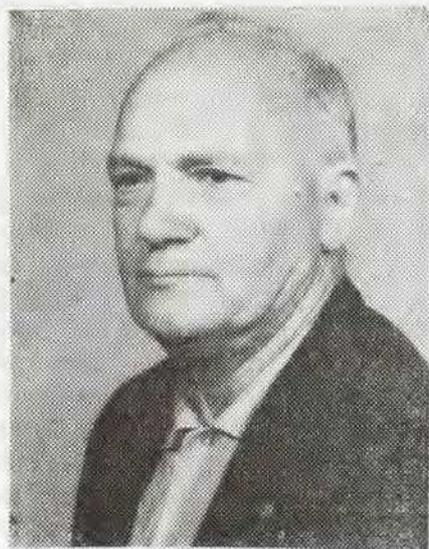
H. BOITEUX, Santa Catarina no Exército, DIONÍSIO CERQUEIRA, Reminiscências da Campanha do Paraguai, GEN. P. Q. DUARTE, Os Voluntários da Pátria, vs. 1, 2, 3, e T. C. JAMUNDA, O Barriga-Verde Versões e Versões, W. F. PIAZZA, O Brigadeiro José da Silva Paes — Estruturador do Brasil Meridional, J. MEIRINHO e T. C. JAMUNDA, Nomes que ajudaram a fazer Santa Catarina, pág. 75: "Fernando Machado" M. GOMES, Memória Barriga-Verde, pág. 101: "Jacinto Machado de Bittencourt".

FIGURA DO PRESENTE

EMIL WILHELM JULIUS POST

Um pouco da história de sua imigração, aventuras e muito trabalho

Na nossa busca contínua por fatos que se liguem a algumas ramificações da história de nossa região e especialmente de Blumenau



Emil Wilhelm Julius Post, numa foto tirada quando sua idade estava ainda entre os anos 60/70.

para o enriquecimento das páginas desta revista cuja missão, desde que foi criada e lançada em novem-

bro de 1957 é a de pesquisar e resgatar a memória histórica sob vários aspectos, fomos encontrar o nosso entrevistado — Emil Wilhelm Julius Post em sua residência à rua Martim Afonso, 121 bairro de Itoupava Seca. Emil fala com um pouco de dificuldade o português, mas sua esposa dona Leonor prontificou-se a ajudar nas explicações de alguns detalhes que dificultavam a expressão de seu marido. E assim, começou nossa entrevista, por sinal muito agradável, porque Emil, apesar de seus 90 anos, é figura muito bem disposta, alegre e versátil nas suas expressões. E então sua história, a história de sua vida, foi desfilando e nós anotando tudo do que, a seguir passamos a narrar:

Emil Wilhelm Julius Post nasceu na cidade alemã de Hamburgo, no dia 1º de dezembro de 1904. Viveu naquela cidade, com seus pais até completar dezesseis anos. No dia 19 de janeiro de 1920, ele, seus pais e seu irmão Paulo que era mais jovem, viajaram de Hamburgo para Rotterdam, na Holanda,

com o objetivo de tomar um navio que levaria a família com destino ao Brasil, na qualidade de imigrantes. Em Rotterdam, embarcaram no navio «Avaré». A viagem foi longa e estafante e durou quatro semanas. Finalmente o navio aportou no Rio de Janeiro, quando ele e seus pais e irmão foram encaminhados para um alojamento destinado a imigrantes na Ilha das Flores, em cujo local permaneceram durante mais 4 semanas. Finalmente, chegou o dia de embarcar para o destino que os esperava, isto é, para o Vale do Itajaí, e eram direcionados pela Sociedade de Colonização Hanseática. Além de Emil e seus familiares, embarcaram também mais 15 famílias no vapor «Anna», que pertencia à Cia. de Navegação Hoepcke, de Florianópolis. O vapor que os conduzia, atracou, após pouco mais de dois dias e duas noites de viagem, no porto de Itajaí. Ali todos desembarcaram e, após regularizarem a situação de imigrantes junto às autoridades locais, foram embarcados no vapor «Blumenau», seguindo para a cidade do mesmo nome, aonde Emil chegou em abril do mesmo ano de 1920. Todas as dezesseis famílias foram hospedadas em Blumenau por conta da Sociedade Colonizadora Hanseática, ficando hospedadas algumas famílias no Hotel Brasil, que mais tarde também denominou-se de Hotel Ruehle, cujo prédio atualmente está recondicionado e situa-se na esquina da Alameda Duque de Caxias com a Travessa Ceará, isto é, logo após o prédio da CELESC. Outras famílias ficaram instaladas na sede do Clube Náutico América.

Depois de alguns dias em Blumenau, os imigrantes continuaram sua viagem, embarcando pela Estrada de Ferro Santa Catarina, com destino a Hansa. Este trajeto foi o

mais ameno e tranquilo que os imigrantes tiveram desde que partiram de Hamburgo. Ao desembarcarem em Hansa, as famílias foram distribuídas cada qual com seu destino em busca de terras que lhes haviam sido reservadas de acordo com o plano de imigração. Contamos Emil que sua família se instalou num dos carroções que os esperava em Hansa e então seguiram adiante, ultrapassaram Hamônia e embrenharam-se pela floresta, viajando por estrada que mais parecia um picadão, em demanda da localidade de Alto Rio Krauel. A viagem foi penosa, muito difícil mesmo. Eram só florestas, descida e subida, terrenos irregulares e, às vezes, até assustador. Mas, depois de dias de viagem, chegaram ao Alto Rio Krauel. Aí, então, outra surpresa desagradável os esperava: teriam de viajar, em seguida, em lombo de animais ou a pé, durante cerca de seis horas para atingir o local em que Emil e seus familiares iriam morar. Era um fim de mundo, local sem nada que pudesse garantir-lhes algum conforto e tranquilidade.

A perseverança e a vontade de firmar-se na nova pátria adotiva, fez com que a família Post fincasse o pé e se lançasse ao trabalho. Construíram sua primeira casa, usando ripas extraídas dos pés de palmito para os frontais e outras madeiras para as travessas, caibros, etc., cobrindo com palha extraída do mato. E a casa estava concluída após muitos dias de estafante trabalho. A vida foi difícil, como fora para todos os demais imigrantes. Plantaram, colheram, sofreram e, ao longo dos tempos, foram ajudando a construir uma estrada que os aproximasse mais da pequena civilização que já se

constituía a localidade de Alto Rio Krauel.

Emil permaneceu com seus pais durante dois anos. Ao atingir dezoito anos, com larga experiência de trabalhos de lavoura e de artifice, quando aprendeu muito de carpintaria, aceitou a primeira oferta de emprego que lhe foi feita, indo trabalhar no açougue de propriedade de Fritz Lemle. Isto pelo ano de 1922. E foi naqueles anos que Emil conheceu o também jovem Otto Wille que havia emigrado com seus pais para aqueles lugares. Pouco antes de deixar o lar, Emil foi confirmado na religião Evangélica Luterana. Trabalhou pouco mais de um ano no açougue. E então resolveu aceitar a oferta para trabalhar como ajudante na cervejaria pertencente a Ricardo Marmein, em cujo emprego permaneceu durante três anos, oportunidade em que, realizando serviços gerais, também aperfeiçoou seus conhecimentos de carpintaria. Depois de três anos de cervejaria, Emil resolveu conhecer outra profissão. E assim, foi trabalhar na Charutaria de Hermann Schlupp. Tornou-se um mestre charuteiro. Tanto assim que, após algum tempo, foi para a localidade de Lontras, para ocupar um emprego de profissional na charutaria da senhora Schloemfelder, isto já em 1926, quando possuía 22 anos de idade. No ano seguinte, ou seja, em 1927, Emil viajou para Curitiba, aonde empregou-se como carpinteiro, trabalhando algum tempo numa firma para mais tarde, em 1929, empregar-se na Estrada de Ferro Curitiba-Paranaguá-Antonina permanecendo nesta segunda cidade durante algum tempo. Trabalhava naquela ferrovia com o carpinteiro quando atracou naquele porto um navio de bandeira sueca.

Falando com o almoxarife do navio, soube que haviam três vagas para marinheiro-auxiliar. Candidatou-se a uma das vagas e então, ele com mais outros dois rapazes de Antonina, embarcou no referido navio. Dali em diante viajou por numerosos portos das Américas. Circulou por todo o continente norte e sul. Algum tempo depois, ao chegar a Nova York, Emil teve que desembarcar, porque o navio seguiria para a Europa e ele, sem vistos regulares não poderia ir para o continente europeu. Permaneceu em Nova York por algum tempo, trabalhando em sua profissão primitiva. Finalmente o navio retornou às Américas e ele embarcou novamente, viajando para New Fairland, local em que o navio foi buscar um grande carregamento de bacalhau destinado ao nordeste brasileiro. O navio viajou em seguida até o porto de São Francisco, dali para Buenos Ayres e outros portos das Américas. Depois de muitos meses de viagem, o navio chegou novamente a Nova York, levando um grande carregamento de cacau procedente da Bahia. Em Nova York, teve que desembarcar novamente, porque o navio faria nova viagem para a Europa. Era o ano de 1932, quando desembarcou naquele porto norte americano. Emil possuía então 28 anos de idade. Trabalhou mais alguns meses em Nova York, na sua profissão primitiva de carpinteiro, quando surgiu a oportunidade de embarcar num navio alemão. Era o «Ilona Zimas», no qual trabalhou durante 26 meses, viajando pelos diversos mares, até que enfim aportou na Alemanha, portos de Bremen e Hamburgo. Fixando-se na Alemanha, Emil permaneceu embarcado durante 14 anos a partir daquele ano de 1932, e até 1946, atraves-



Na foto acima, vemos a primitiva casa construída pelos pais de Emil, com sua participação e de seu irmão, casa esta toda feita com ripas (palmito rachado), bem amarradas e revestidas com barro em seus entremeios. A cobertura é de palha obtida na floresta. O chão é de terra batida, tudo de acordo com o que a própria natureza podia fornecer aos imigrantes que chegavam na região naqueles idos. Vê-se, na mesma foto, Emil, montado no cavalo sadio e seu irmão Paulo, no outro cavalo, e, na frente da casa, estão o pai e a mãe deles, ao lado de vizinhos amigos que os visitavam na ocasião. Esta foto foi tirada no ano de 1922, portanto, há 72 anos passados.

sando toda a guerra 1939/1945 na marinha mercante alemã como marinheiro de primeiro escalão. Deixando o primitivo navio, Emil trabalhou no petroleiro «Adria», isto quando a Alemanha já se achava em plena guerra. Teve a felicidade de os navios em que trabalhou nunca terem sido torpedeados, embora viajassem muito através de zonas muito perigosas, fazendo viagens até para o Japão. Nesta altura, Emil já era mestre marinheiro. O maior navio que ele trabalhou foi o «JIL». Quando esteve

no Japão, Emil teve problemas com a vista esquerda, em face de ferimento recebido quando trabalhava. Foi hospitalizado mais tarde em Hamburgo para sua recuperação. Mais tarde, já recuperado, foi enviado para uma localidade mais ao sul de Hamburgo, isto em janeiro de 1943, afim de exercer uma atividade num serviço que atendia à marinha. Quando trabalhava naquele serviço, os aviões bombardeiros aliados que, naquela ocasião já faziam longas incursões sobre o território alemão, bombar-

dêaram toda aquela região, no dia 25 de junho do mesmo ano, em face do que Emil perdeu tudo o que tinha em sua casa, que também foi diretamente atingida pelas bombas. Seus familiares e ele salvaram-se no «Bunker» ali existente, mas muitas outras pessoas do lugar perderam a vida. Naquela época Emil já era casado. Consorciara-se com Anne Klimptwort, no ano de 1937 e possuía três filhos: Hans, Wolfram e Christa.

Vivendo em constantes sobressaltos em face do avanço e dos bombardeios dos aliados sobre o território alemão, Emil, sua esposa e filhos conseguiram, felizmente, escapar com vida até o fim da guerra em 1945. Veio então um período muito difícil para todo o povo alemão, inclusive para ele e seus familiares. Mas, como sua profissão — carpinteiro era muito solicitada, nunca lhe faltou trabalho para ganhar relativamente bem e poder suprir a casa com o mínimo necessário. E assim, foi vivendo. Permaneceu na Alemanha, durante oito anos após a guerra. Finalmente, em 1953, conseguiu retornar ao Brasil, viajando com sua esposa Anne, seu filho Hans de 16 anos, sua filha Christa, de 13 anos e pequeno Wolfram, que contava 7 anos. A viagem deu-se pelo navio «Louis Lumier», até o porto de Santos. Em Santos, a família embarcou no trem que os conduziu a São Paulo (capital), com baldeação para a Estrada de Ferro São Paulo-Rio Grande, viajando de São Paulo até Mafra e em seguida para Joinville. Diz Emil que esta foi uma das piores viagens já realizadas pela família, ou seja, partindo de Santos por ferrovia até Joinville. Foi muito penoso, diz ele. Em Joinville, a família embarcou no ônibus da Empresa Auto Viação Catarinense com

destino a Blumenau. Nesta viagem também sofreram diversos aborrecimentos, porque o ônibus apresentou defeitos de motor e, à certa altura, foi preciso apelar para reboque.

Emil conta que, quando residia na Alemanha, entre 1945 e 1953, teve oportunidade de visitar o casal Koenig, cuja viúva ainda vive nos dias de hoje (novembro de 1994), e que festejou recentemente seus 100 anos de vida, e cujo casal retornou posteriormente ao Brasil, fundando mais tarde a hoje conceituada «Livraria Alemã».

Desde que chegou a Blumenau, Anne, a esposa de Emil, sentiu-se enferma. E, assim, passaram-se cinco anos durante os quais sua saúde esteve sempre muito abalada. Finalmente recuperou a saúde, mas alguns anos mais tarde, ou seja, em 1961, ela faleceu.

Depois de oito anos de viuvez, Emil encontrou a viúva dona Leonor Wanderert, com a qual consorciouse e nos dias de hoje estão se aproximando de suas bodas de prata. Deste consórcio, o casal não tem filhos.

Ao chegar em Blumenau, em 1957, Emil empregou-se na Fábrica de Gaitas «Alfred Hering», cuja empresa só deixou depois de aposentar-se, com 23 anos de trabalho efetivo na mesma. Além desta aposentadoria que não lhe proporciona o suficiente para sua manutenção, Emil conseguiu, para sua felicidade, aposentadoria junto ao governo alemão, pelos trabalhos efetivos desenvolvidos na marinha mercante e noutras atividades, cujos proventos recebe até os dias de hoje e que lhe permitiu até agora, uma vida sem maiores preocupações para atender aos encargos familiares e de saúde.

Os filhos de Emil, que com ele vieram da Alemanha em 1957,

adaptaram-se muito bem na nova pátria, com destaque para Hans, que, desde que aqui chegou apaixonou-se pelo esporte do remo, tornando-se um dos mais eficientes remadores do Clube Náutico América, integrando a equipe de quatro e a de oito remos, ombreando-se, naqueles tempos, com seus companheiros os irmãos Edgar e Waldemar Annuseck, Kreutzfeld, Antonio Assini e outros. Ainda nos dias de hoje, Hans Post é um dos mais dedicados adeptos do América, participando inclusive de seu grupo diretivo.

Emil Wilhelm Julius Post, que neste 1º de dezembro de 1994 atingiu aos seus 90 anos, vive numa residência tranquila ao lado de sua esposa e cercado de carinho e atenções não só de sua companheira mas também dos filhos da mesma e de seus filhos e netos.

Guarda consigo dezenas de fotos tiradas desde os tempos de suas viagens, desde jovem, o que lhe permite, ao longo de seus dias, reviver, em imagens, os anos passados. Fala o português com alguns tropeços e ainda caminha com certa desenvoltura, mostrando assim que os seus 90 anos ainda não lhe pesam demasiadamente, embora vez por outra seja atropelado pelos achaques próprios dessa avançada idade. Sua descendência assim se compõe: Wolf, casado e possui 2 filhos. Christa, casada e possui 2 filhos. Hans, casado e possui 2 filhas e uma neta. Portanto, Emil tem seis netos e uma bisneta. Seu irmão Paulo reside em Itajaí. O pai de Emil chamava-se Emil Otto Gustav Post e sua mãe Ella Hermine, nata Pfeiffer e era de descendência dinamarquesa. Os pais de Emil faleceram em Blumenau.

Um pouco de história na correspondência dos imigrantes

Carta de August Zitlov à sua mãe residente na Alemanha.

«Iguape, 27 de janeiro de 1876.

Querida mãe!

Agora mesmo recebi a tua carta de 05.12.75, e me apresso a preencher meu escasso tempo, para vos escrever algumas linhas. Em primeiro lugar peço desculpas pela demora de lhes escrever; em seguida detalho os motivos e vocês terão compreensão e me desculparão.

As cartas da mãe estão recheadas com notícias do Heinrich. Por que tanto medo (preocupação?) Se Deus o quisesse, Heinrich estaria aqui há muito. A predestinação, na qual eu creio, não o quis e quem sabe lá, se isto foi bom. Heinrich não é mais criança; ele saberá vencer na vida. Além disto, a colocação que ele tem, também não é das piores. Creia-me, aqui no Brasil também suportamos muito. A mim me alegrou saber que Heinrich, embora tenha passado penúrias, não se dirigiu aos seus pais; este orgulho de caráter deve, ser louvado em Heinrich, e como todos nós, também Heinrich terá seus lados bons e

maus. Eu sem dúvida teria um bom relacionamento com ele, mesmo que nossos antigos caracteres se distanciaram; nós entretimentos já nos aproximamos, com as experiências que Heinrich teve.

Heinrich, como todos nós, teve uma ótima educação, e isto é o principal. Por isto não sejas infeliz, querida mãezinha; todos nós estamos crescidos, e deixamos a infância para trás. E vocês ainda se preocupam tanto por nós. Nós todos temos vontade de trabalhar; somos fortes e venceremos na vida. Se Deus quiser, em breves tempos Heinrich estará aqui comigo e vocês verão e se convencerão, que eu farei tudo, a fim de tornar-lhe a vida mais agradável e introduzi-lo na vida cotidiana local.

Koester até agora não recebeu notícias do falecimento de seu pai; assim que as receber, ele mandará transferir dinheiro, para que vocês o mandem a Heinrich, pois daqui é muito complicado. Os vapores não seguem regularmente e remeter com veleiros é muito inseguro e demorado. Koester já teria transferido o dinheiro agora, ante a comunicação de vocês do falecimento de seu pai, porém isto poderia parecer que ele estivesse esperando pela morte.

Eu sempre emprestei dinheiro ao Koester e também continuaria a fazê-lo. Aliás seria muito bom se Karl vivesse um pouco mais acomodado e estudasse mais; eu porém não quero mencionar nada, pois ele poderia crer que eu quero me pôr como símbolo da virtude.

Alegro-me saber que Marie conseguiu um emprego; não há dúvida de que ela preencherá o mesmo. Agradeço pela foto dela, que é muito boa. Aqui as pessoas vêem grande semelhança entre mim e Marie, isto é fato!

Quer dizer, que Dorothea será confirmada na Páscoa, assim somente os dois continuariam na Escola e logo estarão fora.

Eu por vez tenho meus pensamentos sobre minha vida, como tudo se tornaria diferente, se eu não tivesse vocês lá na Europa. Eu teria uma visão muito diferente da vida. Aqui em Iguape há uma «Zinha» doidinha por mim, muito bonitinha, mas pobre. Pelo meu gênio de me dar bem com todos e por já ter dançado com ela em diferentes bailes familiares, já creê que eu tenha idéias de casamento; mas a que distância eu me acho daí! Quando por vezes penso nessas coisas, então como um relâmpago me vem à lembrança: EUROPA. Nunca, nunca eu tomaria uma decisão assim, sem o consentimento de vocês.

Nos últimos tempos tive que trabalhar muito. Desde novembro percorro o II Distrito telegráfico e está fazendo um calor, que na Europa não se conhece coisa idêntica. Em novembro do ano passado foi enviado um engenheiro, em comissão, pela Diretoria Geral dos Telégrafos, a fim de inspecionar os trabalhos realizados. Recebi ordem de acompanhá-lo e dar esclarecimento de tudo. Com o mesmo, um alemão, Christian Roehe, viajei até 14 de dezembro; em seguida recebi ordem de ir a Paranaguá. Chegando lá, me foi entregue a Linha Iguape-Paranaguá e a Linha Iguape-Antonina. No mesmo mês voltei a Iguape.

De uma viagem assim, vocês não têm a menor idéia; devo andar 30 milhas sempre acompanhando os fios, inspecionar toda ligação, cada poste e além dos inúmeros pára-raios e cabos; tudo tem que ser inspecionado e verificado. Finalmente chegado ao destino, o primeiro cami-

nho é ir até a Estação, verificar os livros de controle, etc. Chegando a Iguape, as trovoadas do dia 10 deste mês provocaram enormes prejuízos, de maneira que achei por bem ir pessoalmente e cheguei pelas 19 horas em Antonina, onde já encontrei uma ordem de vir pelo primeiro vapor à Paranaguá, onde cheguei às 22 horas. Lá recebi ordem de ir o mais depressa possível até a Foz do Rio Ribeira (além de Iguape), inspecionar o cabo, do qual presume-se que haja indução. Cheguei no dia 26 a Iguape e encontrei aqui a carta da mãe. Isto é só para que vocês possam ver como é minha vida.

Aqui a gente «voa» de um lugar para o outro. Por enquanto minha residência ainda é em Iguape. Se dependesse da vontade do Engenheiro-Distrital eu moraria numa das casas pertencentes à linha telegráfica. Lá é muito ruidoso. Por este motivo aluguei a parte superior de uma casinha pequena, porém muito bonita, na qual eu, juntamente com Koester, levo uma vida de solteiro muito agradável.

Sempre que estou em Iguape, cada qual tem seu dormitório, uma sala de estar em comum, com móveis bonitos e uma sala de desenho. Iguape é uma cidadezinha pequena muito agradável. Eu me dou com todos, tenho acesso a todas as famílias, sou benvisto por todos, apesar de sair pouco.

Na minha casa, reina a maior limpeza. Da linha telegráfica posso mandar 2 a 4 homens, toda vez que acontece algo. Estes homens, entre os quais sempre há um cozinheiro, moram na minha casa e estão à minha disposição; dois já trabalham aqui.

Desde que estou aqui, há alguns negros que sempre me carregam através dos banhados quando viajo. Em tudo há homens, que só pelo meu olhar já sabem o que eu quero. Trato-os com rigor, porém muito bem e todos querem trabalhar comigo.

Isto o Koester não consegue; ele não sabe lidar com essa gente. De início ele admite, estimulando-os a tomarem liberdades excessivas e então ele ameaça: «Eu contarei ao August».

A língua aqui ele já domina bem, isto é, a falada, porque a escrita ainda está muito atrasado. Com o tempo ele aprende, pois sempre exijo que ele copie para mim. Eu tenho muita burocracia: as duas linhas, muitos recibos dos funcionários e dos trabalhadores das diversas turmas dos (Fourier) forageiros (sic) e contas dos alimentos.

Estava previsto que eu trabalhasse com um Engenheiro na construção da Estrada de Antonina até aqui. Porém, a direção achou melhor me encarregar do serviço telegráfico, porque sei lidar com os aparelhos e me encarregaram exclusivamente do serviço telegráfico. Então agora sou inspetor II Classe. Virá porém o tempo em que me tornarei Classe I. Paranaguá e Antonina são cidades maiores que Iguape, e há mais vida e comércio. De Paranaguá está sendo construída a Estrada de Ferro para o planalto de Curitiba. A companhia é inglesa, os Engenheiros são alemães. O governo brasileiro estabeleceu uma taxa de juros de 7% e mesmo assim não conseguiu reunir o dinheiro necessário na Província do Paraná, nem na Província de São Paulo. Creio que principalmente pelo fato das divergências e desavenças, se Antonina ou Paranaguá será o ponto de partida.

Depois de um exame efetuado por engenheiros competentes,

decidiu-se por Paranaguá, por ser o melhor porto. Sendo que o empresário não conseguiu reunir o dinheiro, vendeu a história aos ingleses, a quem pertencem todos os maiores empreendimentos no Brasil. Estradas de ferro quase todas, até a navegação costeira é em parte realizada por vapores ingleses, aos quais o governo brasileiro contribui com uma certa subvenção. Aos poucos o Brasil conseguirá se soerguer e se igualar em cultura aos Estados europeus. O que falta, são imigrantes e justamente alemães, pois a experiência demonstrou, que para a colonização só prestam alemães e portugueses. Os alemães, porém, preferem o planalto. Eles não gostam de se fixar no fundo da floresta; eles querem o campo. De Antonina parte uma estrada para Curitiba, e é uma das melhores estradas existentes no Brasil, também construída por um engenheiro alemão.

Aqui se fixaram muito bem os alemães, aos quais não agradou as Colônias; muitos foram bem sucedidos, como carreteiros e artífices. Outros têm grandes tropas de mulas, com as quais transportam o chá (mate) do planalto até em baixo, no porto de Antonina, levando outras mercadorias de volta ao planalto.

Aqui no planalto é muito saudável e a vida se parece muito com a vida colonial da Alemanha. Leite e pão de milho são os principais alimentos; aqui também cresce o centeio, trigo, aveia e todas as qualidades de frutas. Também é feito muito queijo, que é vendido em Antonina. Eu ainda continuo comendo aqui no padeiro alemão, apesar de ter um cozinheiro na casa. Eu quis comer em casa e mandar cozinhar, pois o padeiro dispensou todos os hóspedes. Porém quando também eu ia sair, ele não gostou, e me disse que doravante nós iríamos comer juntamente com a família e ele em seguida iria cobrar somente 45\$000. Eu também não quis recusar, pois sempre se está numa família alemã.

De vez em quando brinco com as crianças, e quando volto das viagens sempre lhes trago algo ou compro algumas gulodices etc. Em Santos está grassando a febre amarela e a varíola. Este lugar é um verdadeiro buraco pestilento do Brasil. Eternamente doenças, pode-se dizer, não param nunca.

Eu, assim que voltar de Ribeira, vou me deter alguns dias em Iguape e em seguida viajarei de vapor até Antonina, de onde voltarei a pé pela linha, realizando pequenos trabalhos e efetuarei os pagamentos dos últimos meses.

Como vão os avós? Como decorreu a história Karmeling? O que fazem os recém-casados Sophie e Woermann? Em Brakwede ninguém mais casou?

Agora, querida mãe, finalizo! Querida mãe, não fiques tão receosa e não tome a vida por tão pesada. Deus ajudou a superar a maior dificuldade e não nos faltará, não me tome mal a falta de escrever. De fato eu tinha muito, muito trabalho e as vezes nem sabia onde estava a cabeça, tu bem sabes, quanto cuidado se deve ter em matéria de dinheiro.

Lembranças a todos que podem ser cumprimentados, especialmente o pai e sejas tu, querida mãe cumprimentada e beijada por teu fiel filho.

August».

Tradução: Emilio Odebrecht (Neto) — 1994.

REMINISCÊNCIAS DE ASCURRA

Atilio Zonta

— Segundo mandato de Prefeito Municipal de Indaial de Germano Brandes Júnior.
(complemento do artigo anterior)

Germano Brandes Júnior, possuído de elevados propósitos, proporcionou à população do município, melhores condições de tráfego nas rodovias municipais, construiu e reformou escolas, empenhou-se em aproveitar dos recursos de que podia contar em sua administração afim de ajudar eficientemente à população de seu município.

Não poupou esforços em dar atendimento às reivindicações dos líderes e representantes dos distritos. Pela sua dedicação à função de Oficial de Registro de Imóveis da Comarca de Indaial, pelo seu trabalho construtivo frente à administração municipal, por suas lutas, seus feitos, fôra Germano Brandes Júnior, um dos homens que marcou sua trajetória terrena. Ao Distrito de Ascurra e seus representantes, sempre tem dispensado especial atenção, prontificando-se a dar um atendimento rápido aos pedidos. Vamos declinar neste artigo, algumas das solicitações do povo ascurrense atendidas pelo Prefeito Brandes: Pela Lei nº. 211 de 27 de abril de 1959, ficou autorizado por Decreto do Legislativo Municipal, a aplicar os recursos financeiros necessários para a construção da ponte sobre o Rib. São Paulo, na localidade do mesmo nome, obra essa executada nesse ano.

A Câmara Municipal de Indaial,

em reunião de 5 de abril de 1960, promulgou a Lei, autorizando o Chefe do Executivo Municipal a denominar de «Dr. Nereu Ramos» a praça pública sita na sede do Distrito de Ascurra.

Consequentemente por força da Lei nº. 238 de 14 de abril de 1960, denominou de «Rua de Lurdes» a Estrada Tamanduá, que começa na Estrada de Guaricanas e segue em direção à residência do lavrador Ângelo Bordin, situada nos fundos dessa localidade .

O Prefeito Municipal, de acordo com o que decretou a Câmara de Vereadores, em reunião de 5 de abril de 1960, é autorizado a denominar de «Rua 7 de Setembro» a via pública localizada na sede da Vila de Ascurra, Distrito do mesmo nome, tendo início ao lado da residência de Celeste Bonetti, seguindo paralela com a atual Estrada Tamanduá, desembocando na estrada pública onde se encontra o Grupo Escolar, cuja Lei entrou em vigor na data de sua publicação ou mais exatamente, em 14 de abril de 1960.

Na mesma data, por força da Lei nº. 239, o Prefeito Brandes, atendendo solicitação do Legislativo, denominou de «Rua Santa Catarina», o caminho situado na sede da Vila, cujo início fica na Rua Benjamin Constant, seguindo em

direção a Rodeio, passando em frente à Indústria de Móveis do sr. Francisco Tomio, indo terminar no final do perímetro urbano.

Ainda em 14 de abril do mesmo ano, pela Lei nº. 242 a Câmara Municipal autoriza o Executivo a denominar de «Rua Bela Vista» a via pública, localizada no perímetro urbano. Tem início em frente à Escola Municipal da Val Nova, subindo em linha reta por uma colina e terminando onde encontra um caminho sem denominação.

O Prefeito Germano Brandes Júnior, ficou autorizado por força da Lei 243, criada na mesma data, a denominar de «Avenida Dr. Jorge Lacerda», a rua próxima à margem esquerda do Rio Itajaí-açu, em frente à propriedade de Ervin Bonetti, passando pela ponte de cimento armado denominada de «Ponte Irineu Bornhausen», indo terminar na Estrada Geral, em direção a Rio do Sul, paralela à Estrada de Ferro Santa Catarina.

Em 17 de maio de 1970, a Câmara de Vereadores, criou a Lei nº. 246, autorizando o Prefeito Municipal, a denominar de Avenida Brasília, a rua situada na Vila de Ascurra, que tem início na Rua Dom Bosco, seguindo em linha reta até atingir a Alfaiataria de Alberto Bonetti, cuja publicação desta Lei ocorreu, em 27 de maio de 1960.

Autorizado ainda pelo Legislativo, através da Lei nº. 248, de 27 de maio de 1960, o Prefeito Municipal, recebe de Juvenal Tonon e de sua mulher Ana Tonon, por doação gratuita, a área de 506 m² (quinhentos e seis metros quadrados), sita em Ribeirão Cabras, no Distrito de Ascurra, terreno esse, que se destina à construção de uma Escola Municipal, de ensino primário.

Foi denominada de «Rua Escrivão Jacó Badalotti», pela Lei nº. 256, de 21 de novembro de 1960, a via pública que tem início na Rua Benjamin Constant, passando em frente à residência de Pedro Polidoro, atravessando o Ribeirão São Paulo, cruzando a Rua 7 de Setembro, indo terminar na Rua de Lurdes. Lei promulgada na mesma data.

A Lei nº. 257, de 21 de novembro de 1960, autoriza o Chefe do Executivo Municipal, a denominar de «Santa Bárbara» a atual localidade situada no município de Indaial, no Distrito de Ascurra, com a denominação de Ribeirão das Cabras, Lei esta publicada na mesma data.

O Prefeito Germano Brandes Júnior, visitava regularmente os interiores do extenso município de Indaial e, com esforço, com valor e desinteresse, sempre procurou beneficiar a coletividade, emprestando aqui e ali, a sua colaboração decisiva no impulsionamento do progresso. Além de Oficial do Registro de Imóveis, fora um político brilhante e ativo e, por conseguinte, partidário. E para a população pouco importava o partido ao qual pertencia. Os munícipes queriam ver o homem e, acima de tudo, o Prefeito que devia procurar ser, não apenas político de uma facção, mas de toda a laboriosa comunidade indaialense. Não fazia promessas que não pudesse cumprir e, não vivia em regime permanente de compromissos ou concessões. Indubitavelmente fora fiel ao seu ideal político, sem ser traidor dos seus elevados propósitos.

Germano Brandes Júnior, demonstrou coragem e um desejo constante de, cumprindo seu de-

ver, deu a todos aquilo que merecidamente reivindicavam, sem trair os ideais que estavam à base de suas ações.

Proveniente da zona rural, des-

cedente duma família de lavradores, contribuiu significativamente para a grandeza do município, soube dignificar e engrandecer o extremado município de Indaial.

- Na próxima edição desta revista, apresentaremos os dados cronológicos da vida do Padre Tercílio Chiarelli, vocação salesiana de Val Nova. Posteriormente, a brilhante administração do Prefeito Municipal de Indaial, Alfredo H. Hardt.

UM CARTÓRIO QUE PRESERVA A HISTÓRIA DE SANTA CATARINA

José Gonçalves

De há muito, o município de Penha, bela paisagem do litoral catarinense, tem enriquecido a história de Santa Catarina através de variadas manifestações culturais, fixando raízes de usos e costumes trazidos pelos pioneiros que ocuparam os territórios daquela orla marítima de nosso Estado. Já pelas manifestações de cunho religioso, revelando, através dos decênios a prática de costumes e tradições na Festa do Divino Espírito Santo, assim como por outras tradições que mantêm viva no espírito do povo a evolução histórica pela herança deixada pelos açorianos que povoaram toda a região, como os cantos dos reis, as brincadeiras de terreiro, com destaque para o «Boi Mamão» ou «Boi de Mamão» como muitos assim o entendem, toda a região que forma o amplo município de Penha tem sido um manancial de promoções e manifestações que têm dado amplo material para pesquisas de cunho histórico e tradicional.

«Blumenau em Cadernos» já

possui um bojo de seus 36 (trinta e seis) tomos encadernados nestes trinta e seis anos de circulação mensal ininterrupta, muito da história da Penha, sua colonização, fatos e outros acontecimentos que hoje fazem parte de seu acervo histórico. O próprio fundador desta revista, Prof. e historiador José Ferreira da Silva, muito escreveu sobre o município de Penha, suas histórias e suas tradições. Agora, para ampliar ainda mais o acervo histórico que enriquece a memória histórica do Município de Penha, chegou-nos às mãos um trabalho efetuado por Jane Cardozo, publicado num periódico da região, enfocando a importância histórica do Cartório daquele município, hoje conhecido como Cartório Figueiredo, detalhes que vêm enriquecer o grande acervo histórico de Penha. Eis porque vamos transcrever, na íntegra, o texto daquela autora, para que também fique nos arquivos desta revista e, consequentemente, nos arquivos históricos da Fundação «Casa Dr. Blume-

nau». Eis o que escreveu Jane Cardozo :

«O Município de Penha, na região da foz do rio Itajaí, sedia um dos mais antigos cartórios de Santa Catarina. Criado no século passado, ele abriga em seus arquivos documentos históricos importantes que permitem um contato com os costumes, o desenvolvimento e a vida nos primeiros povoados catarinenses.

Uma visita ao cartório, que funciona defronte à praça da Igreja Matriz, é uma viagem ao passado do qual pouco se ouve nos dias atuais. Pode-se ver ali, entre as dezenas de arquivos cuidadosamente conservados pelo titular Ludgero Francisco Figueiredo, termos de audiência como o do dia 15 de outubro de 1836, em que Mateus Pires cita os baleeiros Salvador Luís, Silvano Luís, Fidelis Pereira, Manoel Luís e Joaquim Alves de Siqueira, «para lhe pagarem o que ficaram devendo da pesca de 1831 a 1834». A pesca aí citada é a da baleia, a partir da qual se formou o povoado chamado inicialmente **Armação do Itapocoroy** que, mais tarde, com a decadência da atividade pesqueira, seria parte da Freguesia de Nossa Senhora da Penha do Itapocoroy, a que pertenciam também Itajaí e Piçarras.

ASSINATURA EM CRUZ

Os documentos históricos que constituem o acervo do Cartório do atual município de Penha guardam ainda outras características curiosas e constituem-se todos eles de papel importado, manuscritos feitos à pena de ganso em que, na maior parte das vezes, as assinaturas das pessoas envolvidas, aparecem sob a forma de cruz. Ludgero Figueiredo explica esse estranho

código: — «Na época, como ainda não se fazia uso da impressão digital, os analfabetos firmavam sua assinatura desenhando o sinal da cruz. Interessante é que nenhum sinal é igual ao outro».

Mapas estatísticos também fazem parte dos arquivos. Neles, a população aparece dividida entre homens livres e escravos. E destes últimos, é possível saber até de que parte da África procediam. O primeiro assentamento do livro de óbitos trata, inclusive, do falecimento de um escravo, vítima de disenteria sinal dos maus tratos a que eram submetidos os cativos e dos poucos conhecimentos de medicina existentes na época.

FONTE DE PESQUISA

Importante fonte de pesquisa, os arquivos do Cartório de Penha serviram ao historiador e ex-prefeito de Blumenau José Ferreira da Silva para elaboração do livro «História do Município de Penha», em que o autor cita várias vezes os documentos constantes desses arquivos como orientação para reconstituir a formação do povoado. É ainda José Ferreira da Silva quem, nessa mesma obra, esclarece a data da criação do cartório, quando afirma: «Já no ano anterior (1834), fora ali criado um Distrito Judiciário, cujo primeiro Juiz de Paz foi o mencionado cirurgião Luiz Rodrigues Pereira e escrivão, José Borges Pitta».

Uma rápida leitura dos livros mais antigos do cartório, datados dessa época, confirmam a informação. Os termos ali constantes, aparecem subscritos por Pitta, que teve, logo de início, uma ingrata tarefa: na primeira audiência, em 26 de abril de 1834, compareceu a cunhada do escrivão — Cecília

Rosa — que citava o marido, Antonio Borges Pitta, «para dividir os bens do casal, pois tendo abandonado o lar, não desejava a ele voltar».

Depois de José Pitta, vieram outros titulares, entre os quais a população do município destaca Manoel Henrique de Assis e João Assis. Ambos ficaram muitos anos à frente dos trabalhos de registro

e tornaram-se figuras bastante conhecidas no lugar.

Para o atual titular Ludgero Francisco Figueiredo, o acervo que se encontra guardado no cartório de Penha tem valor «inestimável e merece ser conhecido da geração contemporânea, que terá oportunidade de travar conhecimento ali da vida e formação dos municípios litorâneos de Santa Catarina».

Registros de Tombo de São Francisco do Sul (VII)

Pe. Antônio Francisco Bohn

Termo n.º. 321: Registro da colocação da Via Sacra na dita capela, em 21.09.1919.

Termo n.º. 322: Colocação da Via Sacra na capela do Colégio das Irmãs em Joinville e na capela do Asilo também em Joinville, em 12.03.1916.

Termo n.º. 323: a) O mesmo Fr. Libório Greves, vigário faz uma anotação à margem dizendo: "Já foi por mim registrado neste Livro o termo n.º. 322, sob o n.º. 201, em 17.02.1920.

b) Registro da eleição dos membros da administração da Irmandade de Nossa Senhora da Graça e do Santíssimo Sacramento para os anos de 1919 e 1920.

Termo n.º. 324: Festa da Padroeira celebrada com todo esplendor (sem data).

Termo n.º. 325: Registro das solenidades em ação de graças pelo término da Guerra Mundial, em 03.10.1919.

Termo n.º. 326: Passagem de Dom Joaquim pela cidade que seguia em Visita Pastoral, em 17.10.1919.

Termo n.º. 327: Dispensa matrimonial em favor de Bonifácio Severino da Silva e Carolina Salles da Silva, em 25.11.1919.

Termo n.º. 328: Dispensa matrimonial em favor de Francisco Raposo da Fonseca e Emma Baggenstohs (sem data).

Termo n.º. 329: Dispensa matrimonial (idade) de Nobélia Anna de Paula e Antônio João da Silveira, em 25.12.1919.

Termo n.º. 330: Dispensa matrimonial em favor de Damásio Carlos Maciel e Gertrudes Maria Cordeiro, em 29.12.1919.

Termo n.º. 331: Registro sobre falsos indivíduos que pedem esmolas (sem data).

Termo n.º. 332: Registro da questão a respeito da subvenção concedida pela Câmara Municipal ao Colégio Stella Matutina (sem data).

Termo n.º. 333: Dispensa matrimonial em favor de Jacob e Laura Lima, em 01.12.1919.

Termo n.º. 334: Provisão de vigário em favor de Fr. Justino, em 17.12.1919.

Termo n.º. 335: Faculdades concedidas ao vigário, em 17.12.1919.

Termo n.º. 336: Faculdades especiais, em 31.12.1919.

Termo n.º. 337: Provisão de coadjutor e faculdades dadas a Fr. Jorge Hollmanns, em 17.12.1919.

Termo n.º. 338: Registros das obras realizadas na Igreja Matriz durante o ano de 1919.

Termo n.º. 339: Movimento religioso de 1919: Comunhões (6.854), confissões (4.425), batizados (350), casamentos (66), visitas (59), práticas (310), aulas de catecismo (294).

Termo n.º. 340: Registro da posse do novo vigário da paróquia Fr. Libório Greve, em 02.02.1920.

Termo nº. 341: Provisão de confessor ordinário das Irmãs a favor de Fr. Libório, em 25.02.1920.

Termo nº. 342: Provisão de confessor extraordinário em favor de Fr. Justino em 25.02.1920.

Termo nº. 343: Provisão de confessor das Irmãs de Joinville e Jaraguá em favor de Fr. Libório, em 25.02.1920.

Termo nº. 344: Informe sobre o Cânon 1375 acerca de licença para abertura de colégios e escolas católicas, em 19.03.1920.

Termo nº. 345: a) Informe sobre o recenseamento a realizar-se e pedindo colaboração dos vigários, em 09.06.1920.

b) Termo da visita Pastoral de Dom Joaquim à Paróquia, de 07.05 a 14.05.1920.

c) Comentários e notícias diversas sobre Visita Pastoral. Observação: As páginas 190-192 acham-se em branco. A partir da página 193 os termos originais não são mais numerados.

Termo nº. 346: Estatística paroquial de 1920: batizados (358), total de comunhões (8.674), confissões (5.650), unções (73), encomendações (110), casamentos (62), pregações (226), doutrina cristã na matriz (174), nas capelas (135), em 31.12.1920.

Termo nº. 347: Provisão para benzer solenemente e expor à visitação pública a nova imagem de Santo Antônio, em 21.12.1920.

Termo nº. 348: Dispensa para matrimônio em oratório particular em favor de Fridenico Lenz e Laudelina de Souza Lima, em 31.12.1920.

Termo nº. 349: Dispensa para matrimônio em oratório particular em favor de ... Bezerra e ..., em 17.11.1920.

Termo nº. 350: Prorrogação de faculdades ao vigário e coadjutores, em 14.12.1920.

Termo nº. 351: Récepção da Tabela de Emolumentos, em 18.12.1920.

Termo nº. 352: Edital de convocação do clero para o Retiro Espiritual, em 26.10.1920.

Termo nº. 353: Edital da Cúria solici-

tando relatórios paroquiais, em 28.10.1920.

Termo nº. 354: Estatística do Colégio Stella Matutina, em 1920.

Termo nº. 355: Dispensa matrimonial em favor de Vicente Evaristo e Anna Evaristo de Maia, em 12.07.1920.

Termo nº. 356: Registro de licença para vender um terreno pertencente à Irmandade do Rosário, em 27.05.1920.

Termo nº. 357: Provisão para benzer a imagem do Sagrado Coração de Jesus na Capela Nossa Senhora da Glória, em 06.07.1920.

Termo nº. 358: Bênção da referida imagem, em 14.08.1920.

Termo nº. 359: Registro da Carta Pastoral de Dom Joaquim sobre a "Instrução", em 07.09.1920.

Termo nº. 360: Leitura da Carta Pastoral aos fiéis (sem data).

Termo nº. 361: Dispensa matrimonial em favor de David Eloy Correa e Maria da Glória da Rosa, em 07.07.1920.

Termo nº. 362: Dispensa matrimonial em favor de João Mamede da Costa e Thomazia Philogonia da Silva, em 28.09.1920.

Termo nº. 363: Registro do ofício dirigido pelo vigário ao Sr. José Antônio de Oliveira Filho, apresentando os nomes dos novos membros da Mesa Administrativa das Irmandades de Nossa Senhora da Graça e do SS. Sacramento, em 15.08.1920.

Termo nº. 364: Licença do Sr. Bispo para a remodelação externa da Matriz, em 15.08.1920.

Termo nº. 365: Licença para a bênção da imagem do Sagrado Coração de Jesus no Colégio Stella Matutina, em 14.08.1920.

Termo nº. 366: Provisão para a exposição do SS. Sacramento, em 17.08.1920.

Apêndice: Título do terreno (Escritura) da Capela de Santo Antônio da Gamboa.

Observação: As folhas 194v-195 encontram-se em branco.

Termo de encerramento: Na folha 195v encontra-se o seguinte: "Tem este

Livro cento e noventa e cinco folhas, que foram por mim numeradas e rubricadas com a rubrica "Nóbrega" e deve servir para o fim indicado no Termo de Abertura. Do que para constar lavro este termo de encerramento. Rio de São Francisco do Sul, 15 de novembro de 1894. Pe. Antônio Francisco Nóbrega, vigário da Vara e da Paróquia".

Nota: Amedrontados por uma violenta tempestade, os tripulantes do navio espanhol "La Concepción" em 1555 fizeram uma promessa. Caso se salvassem, atra-

cariam na Ilha mais próxima e lá fariam uma capela onde a imagem da proa de Nossa Senhora da Graça seria deixada. Passada a tormenta, cumprem a promessa.

A Igreja Matriz foi construída no ano de 1665 por escravos. É o ano da criação da paróquia. Deveria ter sido construída no Morro do Hospício, mas como uma das paredes da construção foi levantada três vezes e sempre caía, os escravos supersticiosos acreditaram que a Igreja não deveria ser ali construída. Resolveram edificá-la no centro da vila.

Apêndice ao II Ramo da Família Gerent

Carlos Waltrich (Gerent), nascido a 19.04.1850, filho de João Gerent, n. 1822 e Ana Maria Waltrich, n. 1821 (Encontramos as duas grafias Waltrich e Waltrick).

Do trecho de uma carta de Frei Bartolomeu Meurer à sua mãe Filomena Gerent Meurer, sobrinha de Carlos, escrita depois que ele acompanhou o bispo de Lages à São Joaquim a 26.12.1940, para inaugurar o telhado da igreja.

Informação que Frei Bartolomeu conseguiu lá com os descendentes de Carlos, encontrados pela 1ª. vez.

Carlos teria morrido há mais de 40 anos. Pai de 6 filhos:

F1 — José Waltrick;

F2 — Maria Francisca Waltrick, já + (falecida);

F3 — Maria Joana Waltrick, viúva, c/ 8 filhos.

F4 — Manuel Waltrick — cc Maria Joaquina Machado, c/ 7 filhos;

N1-1 — Carlos Waltrick;

N2-2 — Manuel Waltrick;

N3-3 — Joaquim Carlos Waltrick;

N4-4 — Waldemar Waltrick;

N5-5 — Deli Waltrick;

N6-6 — Cecília Waltrick;

N7-7 — José Carlos Waltrick — cc Joaquina Maria Ribeiro, encontramos 1 filho:

N1-8 — Sebastião José Waltrick, + a 15.09.1980, c/ 60 a., n. 1920 — cc Neivinha, c/ 5 filhos.

F5 — Antônio Carlos — cc Etelvina dos Santos. Pais de 5 filhos:

N1-9 — Noêmia Waltrick;

N2-10 — José Waltrick;

N3-11 — Joaquina Waltrick;

N4-12 — Sebastião Waltrick;

N5-13 — Domingos Waltrick.

F6 — Leonor Waltrick — cc Francisco Rodrigues. Pais de 6 filhos:

N1-14 — Edite Rodrigues;

N2-15 — Maria Rodrigues;

N3-16 — Gilberto Rodrigues;

N4-17 — Célia Rodrigues;

N5-18 — Edi Rodrigues;

N6-19 — Sadi Rodrigues.

Diz Frei Odorico Durieux, sobrinho de Filomena Gerent, n. 1881, mãe de Frei Bartolomeu, que sua mãe Augusta Gerent Durieux, n. 06.02.1882, contava que Carlos, irmão de Pedro, n. 21.08.1854, pai delas, também morou em São Joaquim, era conhecido como Pedro Ferreiro, por volta de 1888, quando aí, lhe nasceu a filha Albertina, n. 19.06.1889.

Em 1893, nasceu outro filho de Pedro, desta vez já em Capivary, Município de Tubarão.

Quando Carlos chegou à idade escolar, foi entregue ao avô Sebastião Waltrick, n. 1796, ou a um tio, para deixá-lo num colégio em Lages. Lá o matricularam com o sobrenome de quem o trouxe: Waltrick, sobrenome da mãe e do avô. Esse sobrenome ficou nos documentos escolares.

Mamãe (Augusta Durieux), o chamava simplesmente "tio Carlos". Na fazenda dele, em São Joaquim, passou boas temporadas. Recordando-as, mencionava a prosperidade dela, etc.

N1-16 — Pedro Longen, n. 05.12.1865, f. Pedro Longen e Ana Maria Waltrich, n. 09.09.1843 — n/p Pedro Longen, n. 1801 e Maria Gorges, n. 1807 — n/m Ana Maria Waltrich, n. 1821, bat. Spa, a 06.01.1866, (73v-64) — cc Margarida Martendal, n. a 04.06.1866, f. Nicolau Martendal, n. 30.04.1839 e Maria Gerent, (já estudado no Cap. I, I Ramo, F1-1).

Trecho de uma carta de Frei Bartolomeu à sua mãe Filomena Gerent Meurer, copiada pela irmã Augusta Gerent que estava com seu filho Frei Odorico Durieux. (Trecho da carta que muito nos interessa, por se tratar de parentes).

Diz Frei Bartolomeu :

"No segundo dia de Natal, 26 de dezembro de 1940, o sr. bispo foi à São Joaquim e convidou-me para ir junto. Não esperei segundo convite, pois há muito tempo que estava à espera de uma ocasião assim. Iamos inaugurar a nova matriz que está coberta. O dia era muito quente e o auto mais parecia um forno de fazer pão. Fomos subindo cada vez mais. Quando chegamos bem lá na altura, o ventinho agradável começou a soprar, apesar de o sol estar quente. Como não deve ser aquilo no inverno! De repente, sem esperar, lá estava a pitoresca cidade de São Joaquim diante dos olhos. E que linda! Uns 300 cavaleiros estavam nos esperando a alguma distância. E nas ruas da cidade via-se o povo reunido para a chegada do sr. bispo. Houve discurso etc. Depois disso tudo, na casa do vigário, perguntei se alguém conhecia a família do falecido CARLOS GERENT. Perguntei daqui e dali, e ninguém sabia informar. Fiquei desapontado, pois era o principal motivo por que eu tivera vontade de ir até lá. Passaram-se dois ou três dias, e não encontrei ninguém que me pudesse dizer. Finalmente, chamaram para visitar um doente, e quem me acompanhava era um bom velhinho, que sem eu perguntar, de repente me disse que naquela casa tinha morado um músico, a quem tratavam de PEDRO FERREIRO (Pedro João Gerent, nosso avô materno). Agora, sim. Perguntei pelo irmão chamado CARLOS.

Ah!, pois esse era o falecido CARLOS WALTRICK, pai e avô de toda essa Valtrizada aqui de São Joaquim. O MANUEL VALTRICK mora ali no fim dessa rua; a MARIAZINHA, viúva, nessa casa amarela ali defronte da Matriz. Ali naquela fazenda que o sr. avista daqui, é a LEONOR, gente rica e bem católica, casada com um RIBEIRO. Essa senhora que vem vindo aí é a JOAQUINA, filha do ANTÔNIO CARLOS, neta do falecido Carlos. Por intermédio desta Joaquina, que é uma gorducha muito parecida com as filhas do tio Leopoldo, de Jaraguá, foi que cheguei a conhecer uma boa parte dos outros parentes. Foi uma festa e um não-mais-acabar de notícias e recordações. Um filho de D^a. Leonor é aluno do nosso ginásio aqui de Lages, e eu não sabia que ainda éramos parentes. Pena que no dia seguinte tínhamos que partir,

e assim não pude ir à casa de nenhum deles. Fica para outra ocasião. Perguntei pela sepultura do falecido tio Carlos. Me disseram que devia estar enterrado no antigo cemitério, atrás da casa do vigário. Mas aquilo está completamente abandonado. Por entre os restos de pedras e catacumbas que lá existem, andam as galinhas e as criações. Mesmo faz mais de quarenta anos que ele faleceu. Os descendentes, conforme me disseram, são os seguintes, todos assinam por Valtrick; **1º. JOSÉ;** **2º. MARIA FRANCISCA**, que é falecida; **3º. MARIA JOANA**, que é viúva e tem oito filhos; **4º. MANUEL**, casado com Maria Joaquina Machado, e tem sete filhos: Carlos; Manuel, Joaquim Carlos, Valdemar, Deli, Cecília, José Carlos; **5º. ANTÔNIO CARLOS**, casado com Etelvina dos Santos, tem os seguintes filhos: Noêmia, José, Joaquina, Sebastião, Domingos; **6º. LEONOR**, casada com Francisco Rodrigues, mãe de seis filhos: Edite, Maria, Gilberto, Célia, Edi, Sadi".

(Até aqui, o trecho da carta que mamãe copiou. A carta foi escrita por Frei Bartolomeu, filho dum tio do Vilmar chamado João Meurer, e que trabalhou no Colégio Diocesano de Lages. O trecho copiado não trazia data nenhuma, mas pelos registros paroquiais deve constar a data em que foi inaugurada a matriz de São Joaquim) = 26.12.1940. **Diz Frei Odórico :**

* Contava mamãe que, quando **CARLOS**, irmão de **PEDRO**, pai dela, chegou à idade escolar, foi entregue ao avô (ou a um tio), para deixá-lo num colégio em Lages. Lá o matricularam com o sobrenome de quem o trouxera: **WALTRICK**, sobrenome do avô materno (Sebastião Waltrick). Esse sobrenome dos documentos escolares ficou. Mamãe o chamava simplesmente "**tio Carlos**". Na fazenda dele passou boas temporadas. Recordando-as, mencionava a prosperidade da fazenda. Leite abundante. A cada sobrinho entregavam uma guampa de coalhada diariamente, além do leite, da nata, do queijo e tantos outros derivados culinários do leite, cujas vultosas sobras eram dadas em alimento aos suínos.

* Lembro-me também de, na guia de sepultamento de mamãe, ter lido: "**AUGUSTA FLORENTINA WALTRICK DURIEUX**", onde, em vez de Waltrick, deveria estar **SCHMITT**.

III Ramo —

Pedro João Gehrent, nosso avô materno, n. 21.08.1854, f. João Gehrent, n. 1822, e Ana Maria Waltrick, n. 1821, n/p. Miguel Gehrent e Ana Maria Pudinger. n. 1787 n/m Sebastião Waltrick, n. 1796 e Ana Maria Wilhelms (Guilherme), n. 1787.

Pedro João Gehrent deve ter casado em 1876 com Ana Schmidt, n. 30.09.1857, **spa** f. Nicolau Schmidt, n. 1815 e Margarida Bins, n. 1819, f. Nicolau Bins, n. 1791 e Ana Maria Pudinger, que + morreu a 02.06.1863, c/ 76a, n. 1787 — n/p Miguel Bins e Maria Catarina Mintin — n/p João Pedro Schmidt, n. 08.09.1791 e Maria Madalena Wirschem, n. 1792 — + por volta do 2º. semestre de 1858.

Teve 9 filhos (Ver detalhes em F12 — Ana Schmidt, II Ramo Nicolau Schmidt e Margarida Bins). Pai de :

F1-1 — Hermann Gehrent, n. **06.07.1877** — bat. CT a 02.09.1877, Capela Rio Scharf.

F2-2 — Maria Gehrent, n. 1879. Em 22.07.1899, cas. SAI, L6, T31, fl. 44 — cc Antonio Pedro Koerich, n. 1874 — f. Pedro Estefano Koerich e Margarida Schmidt, f. João Adão Schmidt e Ana Maria Bins. **Tiveram 8 filhos.**

F3-3 — Filomena Gehrent, n. 1881. Em 05.02.1898, cas. SAI, L7, fl. 30, T3, cc João José Meurer, n. 1873. Teve 5 filhos.

F4-4 — Augusta Gehrent, n. 06.02.1882. Em 22.03.1907, cas. SAI, L8, fl. 12, T10, cc Pedro Durieux, n. 1885, Itajaí — f. Luís Durieux e Maria Werner. Teve 8 filhos.

F5-5 — Leopoldo Augusto Gehrent, n. 1884. Em 18.03.1905, cas. SAI, L7, fl. 40, T5 — cc Maria Thiesen, n. 1883 — 1ª. esposa — f. Carlos Thiesen e Joaquina Michels.

(Conclui no próximo número)

O LIVRO DE RUTH

Com muito capricho e preocupação com os detalhes, Ruth Laus se entregou às pesquisas e publicou o livro «A Décima Carta — Laus. Apenas» (Ed. Luminar/C.C. Harry Laus — 1994), com excelente apresentação gráfica. Nesse trabalho, por ela designado como «memórias familiares», levantou a «história de uma família brasileira construída com raízes européias e indígenas», tendo como troncos Rodolpho e Minervina Laus, do ilustre chão de Tijucas, com diversos de seus membros se destacando em várias atividades, inclusive de ordem cultural. O resultado foi um livro de leitura agradável e com informações confiáveis a respeito das figuras focalizadas e sua atuação.

Entre elas, para citar algumas, estão a escritora Lausimar Laus (1916-1979), autora de uma obra significativa, com destaque para o célebre livro «O Guarda Roupas Alemão», importante crônica da colonização germânica no Estado. Outro focalizado é Harry Laus (1922-1992), contista, cronista, crítico de artes plásticas e agitador cultural muito conhecido. Destacam-se ainda, como poetas ou escritoras, Esther Laus Bayer (1902-1983), Celeste Laus (1911), Córa Laus Simas (1916-1969) e a própria Ruth (1920), organizadora da obra. Não devo esquecer que ela contou com a colaboração de Marinho Laus, meu colega de Ministério Público e amigo, a cujo lado trabalhei por muitos anos no Fórum de Blumenau.

O livro se enriquece com trabalhos, em prosa e verso, de todos eles, manifestações críticas, cartas, documentos, autógrafos, fotos e outros elementos que fazem dele um grande repositório sobre a família Laus, sua terra e seu tempo, seus integrantes e suas vidas. Documentos como este facilitariam sobremodo o trabalho dos historiadores, inclusive literários, e de sua ausência sempre reclamaram nossos pesquisadores.

EDITORA DO ESCRITOR, 25 ANOS

Foi em 1970, há quase vinte e cinco anos, que o bacharel em Direito Benedicto Luz e Silva deu as costas a qualquer carreira da área jurídica e encarnou o editor. Com muito entusiasmo e o apoio de um punhado de amigos, fundou a **Editora do Escritor**, instalada na sala 201 do antigo Edifício da Paz, no chamado centro velho de São Paulo. O prédio abrigou por muitos anos a célebre Confeitaria Vienense, ponto de atração dos elegantes e o local de reunião mais procurado nas redondezas. A sala, por sua vez, fora outrora o escritório do poeta Guilherme de Almeida, então no auge da fama literária, e onde ele recebia seu grupo seletivo de amigos, poetas, escritores, artistas, **marchands**, gente do meio cultural.

Dessa sala histórica, Luz e Silva começou a espargir livros de autores de todo o País e de todos os gêneros. Lançou também inúmeras coletâneas, em prosa e verso, e criou a série «Em Revista», com 22 números em circulação, e a mais original de suas realizações, capaz de interessar a uma grande quantidade de leitores graças à variedade de seus temas e estilos.

Apesar das dificuldades, a **Editora do Escritor** prosperou e pode exibir hoje um catálogo com o apreciável número de mais de 500 títulos publicados, além de uma presença forte na vida literária nacional. Para celebrar os vinte e cinco anos de sua luta dura mas profícua, o próximo ano será marcado por diversos eventos, entre eles a publicação da coletânea «O Livro de Prata», reunindo trabalhos dos mais assíduos colaboradores e editados.

Como a **Editora do Escritor**, ao longo de suas atividades, deu destaque ao nosso Estado publicando diversos catarinenses, quer em livros individuais, quer em coletâneas, é com prazer que registramos o fato de nos associarmos aos festejos, desejando crescente sucesso ao Luz e Silva e sua Editora, esperando que publique ainda muitos outros de nossos conterrâneos e brasileiros de todos os recantos.

TRÊS NOTAS

A 22^a. Bienal Internacional de Artes, realizada no pavilhão do Ibirapuera, em São Paulo, apesar do debate provocado, deixou certa frustração. O excessivo número de instalações, em sua maioria herméticas, coerentes com a proposta de libertação do suporte, deixou os visitantes perplexos. As salas especiais, com muita forma e cor, equilibraram o conjunto e, apesar das muitas críticas negativas, grandes nomes, inclusive estrangeiros, não regatearam elogios à exposição.

*** A «Revista de Informação Legislativa», editada pelo Senado Federal, vem se firmando como a melhor publicação doutrinária do momento na área jurídica. Tem publicado ensaios de diversos autores de nosso Estado. Vamos esperar que os abusos cometidos na gráfica do Senado, envolvendo parlamentares, não afetem a excelente Revista, pagando a inocente pelos pecadores. *** Vale como reforço à fé em nossas letras a leitura de «O Último e Outros Dias», coletânea de contos de Adolfo Boos (Editora da UFSC — 1988), onde avulta o primoroso «A Carroça que Acordava a Cidade», sempre realçado pela crítica e que me trouxe tão boas lembranças. O autor é um incansável trabalhador literário, criativo e inquieto, buscando com sofreguidão novos e inexplorados caminhos. Um expoente de nossas sufocadas letras, como as classificou o crítico Jayme Copstein.

VARIADAS

Está circulando o número 7 do «Jornal da Cultura», publicado pela Fundação Franklin Cascaes, de Florianópolis, que tem como superintendente o escritor Salim Miguel. A edição tem muita e variada matéria cultural. *** «Recordando Jaldir B. Faustino da Silva», foi a sessão da saudade promovida pela ACL para homenagear a memória

de seu integrante, que ocupava a Cadeira número 30. *** Tendo os «orelhões» espalhados pela cidade como suporte, a Fundação «Casa Dr. Blumenau» e a Telesc promoverão a implantação do Projeto Telearte, visando humanizar a telefonia através da arte com a colocação de obras de nossos artistas nesses locais de grande afluxo de público. Uma idéia excelente. *** O Departamento de Cultura de Balneário Camboriú promoveu o lançamento do romance «Champagne», de Berenice Dunbar, também lançado, anteriormente, em Blumenau. *** Fórum sobre a denominação Desterro/Florianópolis foi realizado pelo IHGSC, nas dependências do Palácio Cruz e Sousa. Um tema deveras relevante! *** A Associação dos Artistas Plásticos de Santa Catarina promoveu exposição, na Galeria Municipal de Artes de Blumenau, com a participação de mais de trinta artistas. Foi lançado na ocasião o livro «Miscelânea», da colunista Juliana Wosgraus. *** Márcio Camargo Costa acaba de lançar seu mais recente livro, «Queras» editado pela UFSC/Letras Contemporâneas. Sobre os dois últimos livros voltaremos a falar. *** «Cruz e Sousa: No centenário de Broquéis e Missal», organizado por Iaponan Soares e Zahidé L. Muzart (Editora da UFSC/FCC), foi lançado no hall da Reitoria da UFSC, em Florianópolis. *** Está circulando mais um número — o 4 — do jornal cultural «Releituras», inteiramente dedicado à educação em SC, com trabalhos assinados por vários **experts** no assunto. O jornal é editado pela FURB e a editoria é de José Endoença Martins. *** O IHGSC promoveu sessão solene de fim de ano, com várias solenidades e palestra sobre Gustavo Richard (1847/1929), seu fundador.

Sociedade Assistencial Alemã em Blumenau na década de 1930

Fundada em 10 de maio de 1933, a Sociedade Assistencial Alemã, vem exercendo a sua atividade em Blumenau há meio ano.

A idéia de fundar esta sociedade partiu do Pastor Evangélico e do Consulado Alemão. Na maioria das vezes, escutam sobre a existência de grande miséria e necessidade de auxílio. É aí que as pessoas são atendidas. As pessoas atingidas muitas vezes não têm culpa da sua situação. Estes casos tem surgido com maior frequência, mas é preciso que haja ajuda.

Esta é uma lei que nunca foi

escrita, e muito menos foi tentado algo para realizá-la. A obra assistencial pode ser útil, se for sustentada por muitos.

Quando os sacrifícios são feitos por várias partes, estes se revertem em benefício dos necessitados. Este reconhecimento precedeu a idéia de fundar a Sociedade Assistencial Alemã, e logo em seguida, a idéia foi aprovada por muitos. É uma obra assistencial que se desenvolveu do nada e hoje se pode dizer, que o seu crescimento será progressivo. Isto foi possível porque neste espaço de tempo, muitos conhecidos tornaram-se

membros desta sociedade e fizeram várias doações e contribuições.

Em verdade, o objetivo desta sociedade já foi marcado por um nome. Ela quer auxiliar os alemães e os seus descendentes germânicos em seu sentido amplo e que no estrangeiro estão ameaçados pela miséria. O número daqueles que anualmente passam por Blumenau sem qualquer recurso não é pouco.

Faz-se necessário conseguir trabalho ou conceder-lhe abrigo por alguns dias.

Por hora há um abrigo particular, mas a sociedade pretende construir o seu quanto antes. Há também na própria comunidade e regiões mais próximas, muita miséria e pobreza.

A sociedade já tem feito e quer se dedicar a estes casos. O auxílio doença é imediato. A Sociedade deve aos dois Hospitais de Blumenau (Evangélico e Católico), bem como aos médicos.

Com grandes reduções, foi possível à Sociedade internar doentes nos casos de saúde por uma diária mínima. Várias Farmácias blumenauenses participam de ação assistencial fornecendo medicação a preço baixo. Há casos de doenças que não curáveis e necessitam de uma atenção especial dos órgãos públicos.

A Sociedade poderá atuar numa base ampla se estiver alicerçada. Hoje, a Sociedade Assistencial Alemã, com meio ano de fundação tem 240 associados. A ela se uniram 6 cooperativas. A união das sociedades é de grande importância para a obra. Quantas vezes um membro desta Instituição esteve em dificuldades e mesmo não sendo de grande porte, ela pode atuar beneficentemente junto ao seu associado.

Fora os casos de doenças, existem outras urgências, como a falta de empregos. Há carências que o próprio carente pode superar, quando lhe é estendida a mão por curto espaço de tempo. Aqui a Sociedade intervém na necessidade momentânea, concedendo-lhe um empréstimo que depois de determinado tempo será devolvido.

Estes objetivos são quadros para o futuro. Quando se olha as atas da Sociedade, verifica-se que neste meio ano de existência se acumulou, não apenas casos de necessidades, mas também auxílio que o próprio indivíduo ajudado já prestou.

A obra precisa crescer. É preciso envolver mais pessoas que reconheçam a utilidade e ajudem a sustentá-la. Só então os seus objetivos poderão ser alcançados e ampliados.

* * *
Fonte: «Deutscher Kalender für die Südstaaten Brasiliens» — (Calendário Alemão para os Estados do Sul do Brasil) Ano: 1934 — Pp. 261.
Proprietário e Editor: Otto Wille (Blum. — SC). (V 059 A445a).
Tradução: Edith Sophia Eimer — 1992.

ERRATA

Na pág. 214, linha 01, leia-se Meissen.

Na pág. 252, linha 34, leia-se Ariel Maturana Gajardo Meisen.

Na pág. 313, linha 30 e 31, leia-se Johann Rökes e Elisabeth Lüttleschöttelkötte. Pe. Guilherme Röer.

A FAMÍLIA ARRIOLA EM SANTA CATARINA

Antônio Roberto Nascimento

Ao tempo da fundação da Vila de N. S^a. da Graça do Rio de São Francisco, um Vicente de Arriollas obteve sesmaria na Ilha do Mel (1). Por essa época, outrossim, João de Arriolo, bandeirante paulista, foi mandado para o sertão de Curitiba, em busca de minas de prata, segundo ordem de 13 de agosto de 1679 (2). Após 1748-1756, estabeleceram-se, na Enseada das Garoupas, Antônio Correia e Maria Raiola, naturais de Cananéia (3). É evidente que o genuíno patronímico andava aí estropiado: REIOLA por ARRIOLA. Também encontramos, nos antigos registros eclesiásticos catarinenses, a grafia ARRIOLEY, a demonstrar a variabilidade do apelido.

Nos primórdios do povoamento da Ilha de Santa Catarina, vamos encontrar um Martinho de Arrioles, casado com Josefa Lopes, com quem teve a filha Filipa Madeira, casada, por seu turno, com Thomás Fernandes Camacho, natural da freguesia de N. S^a. do Desterro, filho de Diogo Fernandes Camacho (4) e de Francisca Martins (5), conforme batismo da filha Florência, aos 24.3.1756 (6), tendo por padrinhos Máximo Antônio Paes e Catarina Rodrigues Palácio, sua mulher.

Se não nos enganamos, esse Martinho

de Arrioles foi casado duas vezes, segundo veremos adiante.

Os Arriolas, portanto, estiveram ligados aos primeiros povoadores de Santa Catarina, mais precisamente aos assim chamados "segundos povoadores".

Veremos, igualmente, que o nome dessa família ficou registrado na antiga toponímia catarinense, a "Costeira dos Arriolas", talvez desaparecida nos dias em que vamos.

Aos 20.7.1783, no primeiro livro de óbitos da Matriz de N. S^a. da Graça do Rio de São Francisco do Sul, vamos encontrar o obituário de Susana Ferreira. "filha solteira de Lourenço de Arriola" (7). No mesmo local, aos 16.7.1785, (8), encontramos também o obituário de Sebastião de Arriola, com cerca de 70 anos. Seis anos depois, aos três de março de 1791, vamos encontrar, outrossim, o registro da morte de Maria Pires, mulher de Luiz da Silva de Arrioles, com cerca de 25 anos, "sem sacramentos por morrer repentinamente picada de uma cobra" (9). Em registro indevidamente incluído no sobredito livro de óbitos, iremos encontrar, em 1^o.4.1792, o batismo de Rosa, filha de Tiago Lamim e de Ana da Silva, neta paterna de Silvestre Lamim e de Ana Cardoso, e materna de Martinho de Arrioles

- 1 — Cf. DR. LUIZ GUALBERTO, Contribuição para a História do Estado de Santa Catarina, Fundação da Cidade de S. Francisco do Sul, in: Rev. do Inst. Hist. e Geog. de Santa Catarina, n. 1, Vol. I, 1902, p. 69.
- 2 — Cf. FRANCISCO DE ASSIS CARVALHO FRANCO, Dicionário de Bandeirantes e Sertanistas do Brasil, São Paulo, 1989, p. 42.
- 3 — Cf. WALTER FERNANDO PIAZZA, Santa Catarina: sua História, Florianópolis, 1983, p. 241.
- 4 — V. "Antigos Moradores de Desterro" in: Blumenau em Cadernos, Tomo XXXII, abril de 1991, n. 4, p. 110.
- 5 — Cf. OSWALDO RODRIGUES CABRAL, Raízes Seculares de Santa Catarina. Separata do 11^o. Vol. do Boletim do Inst. Hist. da Ilha Terceira, 1953.
- 6 — 2^o. livro de batismos da Matriz de N. S^a. do Desterro.
- 7 — 1^o. livro de óbitos da Matriz de N. S^a. da Graça.
- 8 — Id. Ib.
- 9 — Id. Ib.

e da Maria da Silva (10), tendo por padrinhos Isidoro Ribeiro de Araújo e Ana Maria de Santa Ana, com assinatura do Pe. José Dias de Siqueira. Seria já o segundo leito de Martinho de Arrioles? Aos 12.12.1798, faleceu Luzia Lamim, solteira, de 40 anos "pouco mais ou menos", filha de Telles de Arrioley, "que faleceu de ar" (11). Antônio, de 10 anos, filho legítimo de Manoel da Silva de Arrioles e de Ana Joaquina, tem obituário de 21.9.1802 (12).

No batismo de Francisco, aos 22.2.1796, filho de Miguel Antônio de Siqueira e de Antônia Clara de Jesus, os avós maternos são Félix de Arrioles e Margarida Pedroso (13). Padrinhos foram Antônio Gomes Pereira, sacristão, e Maria Pedroso. Cremos que esse avô era o mencionado Telles de Arrioley (v. supra).

Um Antônio da Silva Arrioles, também grafado Antônio da Silva Cardoso, foi casado com Antônia Cardoso, com quem teve o filho Manoel da Silva Cardoso, casado, de sua vez, com Maria da Silva, filha de Manoel Teixeira da Silva e de Antônia França de Medina, conforme batismo da filha Maria, aos 19.2.1796 (14), tendo por padrinhos Manoel Pereira da Costa e Antônia Cardoso.

Uma Inácia de Arrioles foi casada com Francisco Rodrigues, com quem teve o filho Antônio Rodrigues, casado, por seu turno, com Maria Rita, natural de Paranaguá, filha de Manoel Vieira e de Margarida da Silva, também naturais de Paranaguá, segundo o batismo da filha Angélica, aos 30.7.1797 (15).

Lourenço Gonçalves de Arrioles foi casado com Ana Vieira, com quem teve a

filha Maria Francisca, casada, de sua vez, com Agostinho Dias Nogueira, filho de Francisco Nogueira e de Josefa Dias Alves, de acordo com o batismo do filho Joaquim, aos 13.8.1797 (16).

Sebastião de Arrioles foi casado com Antônia Barbosa, com quem teve a filha Ana Gonçalves, moradora no lugar Arriolas, onde foi casada com João Martins, filho de Sebastião Martins e de Ana Dias, neto paterno de José Martins e de Maria das Neves, e materno de Miguel Dias (Arzão?) e de Maria Tavares, consoante o batismo do filho Caetano, aos 18 de agosto de 1797 (17), tendo por padrinhos Manoel Furtado Mancebo e sua mulher Isabel Maria de Jesus.

Lourenço Gonçalves de Arrioles e Ana Francisca Vieira também foram pais de Amanda Carvalho, casada com Manoel do Rosário, filho de Salvador Moreira e de Ana Francisca, com quem teve a filha Maria, batizada aos 20.6.1796 (18), tendo por padrinhos José Joaquim Afonso e Escolástica.

Félix da Silva de Arrioles foi casado com Catarina Gonçalves, com quem teve a filha Rosa da Silva, casada com Pedro Vieira Jacques, filho de Antônio Vieira Jacques e de Francisca Lopes, de acordo com o batismo do filho José, aos 5.7.1796 (19), nascido aos 29 de junho daquele ano, tendo por padrinhos Lourenço José do Couto e Maria Fernandes.

Miguel Joaquim Arrioley, filho de José de Oliveira e de Helena de Meneses, foi casado com Catarina de Oliveira, filha de José Meneses e de Catarina de Oliveira, com quem teve a filha Constantina, batizada aos 17.9.1796 (20), nascida aos

10 — Id. Ib.

11 — Id. Ib.

12 — Id. Ib.

13 — Livro n. 5 de batismos da Matriz de N. S^{ra}. da Graça.

14 — Id. Ib.

15 — Livro n. 5 de batismos da Matriz de N. S^{ra}. da Graça.

16 — Id. Ib.

17 — Id. Ib.

18 — Id. Ib.

19 — Id. Ib.

20 — Id. Ib.

7 daquele mês, tendo por padrinhos Pedro de Oliveira Camacho e Maria de Oliveira Camacho.

Um Manoel Arrioley e Antônia foram pais de Maria da Silva, casada com Pedro Rodrigues, filho de Tomás Rodrigues e de Paula Ribeiro, segundo o batismo do filho João, aos 22.9.1796 (21), tendo por padrinhos o Sacristão Antônio Gomes Pereira e ... (ilegível) ... Gonçalves.

Lourenço Gonçalves de Arrioles e Maria Ferreira (?) também tiveram o filho José Gonçalves de Arrioles, casado com Maria Ribeira da Silva, filha de Joaquim Ribeiro da Silva e de Leonor Peres, naturais de "São José da Curitiba", consoante o batismo do filho Joaquim, aos 28.10.1797, nascido aos 20 daquele mês, tendo por padrinhos Antônio Eugênio de Miranda Tavares e sua mulher Maria Paes Domingues (22).

João de Arrioles e Antônia Cardoso tiveram a filha Domingas de Arrioles, que, aos 10.11.1797, (23), batizou o filho natural Florêncio, tendo por padrinhos Manoel Correia da Silva e Teodora Alves.

Martinho de Arrioles e Ana da Silva (?) tiveram também o filho Manoel da Silva de Arrioles, casado com Ana Joaquina, filha de José Teixeira Seixas e de Antônia de Oliveira Camacho, segundo o batismo do filho Salvador, aos 23.11.1797, nascido aos 15 daquele mês, tendo por padrinhos o Alferes Manoel Pereira da Costa e Joana Gonçalves (24).

Lourenço de Arrioles e Maria da Silva (?) tiveram o filho Domingos Teixeira, casado com Joana Lopes Pereira, filha de Gregório Lopes, morto aos 12.5.1798, com cerca de 85 anos, e de Maria Peres Fernandes, morta aos 5.8.1783, conforme ba-

tismo do neto Joaquim, aos 17 de dezembro de 1797 (25), nascido aos nove daquele mês, tendo por padrinhos José Antônio Moreira e Lucina Antônia.

O citado Manoel da Silva de Arrioles, filho de Martinho de Arrioles e de Maria da Silva, teve também, com a dita sua mulher Ana Joaquina, a filha Maria, batizada aos 28.4.1796 (26), tendo por padrinhos Antônio da Silva de Arrioles e Antônia Lamim, em assento firmado pelo Pe. José Dias de Siqueira.

Félix da Silva de Arrioles, que já era falecido em 1798, e Catarina Gonçalves, também finada por essa época, tiveram, outrossim, o filho Miguel Joaquim da Silva, casado com Catarina de Oliveira, filha de José de Oliveira Cercal e de Helena Correia, consoante o batismo do filho Januário, aos 21.7.1798, nascido aos 17 daquele mês, tendo por padrinhos Manoel Antunes de Menezes sua mulher Bárbara Joaquina da Silva (27).

Lourenço de Arrioles, que já era finado em 1794, e Ana Vieira, morta em 1797, com cerca de 60 anos, também tiveram o filho Vitorino Antônio, casado com Joana Maria, filha de Rita de Siqueira, segundo o batismo da filha Mafalda, aos 17.3.1799 (28), tendo por padrinhos o Sacristão Antônio Gomes Pereira e Ana Pires dos Santos.

Martinho de Arrioles e Maria da Silva também foram pais de Luis da Silva, casado com Margarida dos Santos, filha de Manoel dos Santos Delgado e de Luzia Matosa, com quem teve a filha Ana, batizada aos 2.12.1798 (29), tendo por padrinhos Tomás Pereira da Costa e Ana Francisca.

Félix da Silva de Arrioles e Catarina

21 — Id. Ib.

22 — Livro n. 5 de batismos de N. S^a. da Graça.

23 — Id. Ib.

24 — Id. Ib.

25 — Id. Ib.

26 — Id. Ib.

27 — Id. Ib.

28 — Livro n. 5 de batismos da Matriz de N. S^a. da Graça

29 — Id. Ib.

Gonçalves também tiveram o filho Martinho Antônio da Silva, casado com Rosa Maria, filha de Antônio Jacques e de Francisca Lopes, de acordo com o batismo do filho Severino, aos 18.11.1798 (30), tendo por padrinhos Francisco de Oliveira Camacho e sua mulher Maria Veloso.

Um Antônio Alves Rodrigues, filho de Félix Rodrigues de Arrioles e de Margarida Alves Pedrosa, foi casado com Antônia da Silva, filha de Martinho de Arrioles e de Maria da Silva, conforme batismo do filho Manoel, aos 21.10.1798 (31), tendo por padrinhos Francisco Alves Rodrigues e Rita Maria de Jesus.

Manoel de Arrioles e Paula dos Santos foram pais de Maria da Silva, casada com Pedro Rodrigues, filho de Tomás Rodrigues e de Paula Ribeiro, de acordo com o batismo da filha Antônia, batizada aos 24 de março de 1799 (32), com anotação de que era "bastarda".

Félix Rodrigues de Arrioles e Margarida Alves Pedrosa tiveram, além dos citados, o filho Francisco Alves Rodrigues, casado com Feliciano Rita, filha de Isidoro da Maia Moreira e de Maria Alves, conforme batismo da filha Antônia, aos 23.5.1799 (33), nascida aos treze daquele mês, tendo por padrinhos Francisco Fernandes Dias e sua mulher Maria Fernandes.

Manoel de Arrioles e Antônia Barbosa também tiveram a filha Januária Gonçalves, casada com Faustino Jorge, filho de Antônio Jacques e de Joana Jorge, naturais da Ilha de Santa Catarina, consoante o batismo da filha Maria, aos 11.9.1799 (34) nascida aos três daquele mês, tendo por padrinhos José Caetano da Costa e Ana Martins.

Sebastião de Arrioles e Maria Rodrigues foram pais de Ana Rodrigues, que, aos 14.12.1799 (35), batizou a filha natural Vitoriana, nascida aos sete daquele mês, tendo por padrinhos o Sacristão Antônio Gomes Pereira e Josefa Francisca.

Félix de Arrioles e Margarida Pedrosa também tiveram a filha Antônia Clara de Jesus, casada com Miguel Antônio de Siqueira, filho de Manoel Antônio de Amorim e de Bárbara Dias, de acordo com o batismo da filha Faustina, aos 29.12.1799 (36), nascida aos 21 daquele mês, tendo por padrinhos Francisco Pereira e sua mulher Ana Maria das Neves.

Inácia de Arrioles (v. supra) foi casada com Francisco Rodrigues Gonçalves, com quem teve o filho Antônio Rodrigues, casado com Maria Rita, natural de Paranaguá, filha de Manoel Fernandes Vieira e de Tomásia da Silva, também naturais de Paranaguá, consoante o batismo do filho Domingos, aos 15.2.1800, nascido aos sete daquele mês (37), tendo por padrinhos José Rodrigues Gonçalves e Maria da Silva.

No batismo de José, aos 3.3.1800 (38), filho de José Gonçalves de Arrioles, a avó paterna é dada como sendo Maria Teixeira, mulher de Lourenço Gonçalves de Arrioles (v. supra). Já no batismo do neto Antônio, aos 16.6.1800, filho de Manoel do Rosário e de Francisca da Silva, a avó materna, mulher de Lourenço de Arrioles, é dada como sendo Ana Vieira. Os avós paternos são Salvador de Miranda e Ana Francisca Teixeira (39).

Félix de Arrioles e Margarida Pedrosa tiveram, outrossim, o filho Miguel Dias da Silva, casado com Isidora Maria da Conceição, filha de Salvador Tavares e de

30 — Id. ib.

31 — Id. ib.

32 — Id. ib.

33 — Id. ib.

34 — Livro n. 5 de batismos da Matriz de N. S^a. da Graça.

35 — Id. ib.

36 — Id. ib.

37 — Id. ib.

38 — Id. ib.

39 — Id. ib.

Maria, segundo o batismo da neta Florinda, aos 29.11.1800 (40), tendo por padrinho José Lopes Alves, por procuração que apresentou o Alferes Antônio Barbalho. Madrinha foi Maria Joaquina.

Maria Francisca, filha de Lourenço de Arrioles e de Ana Vieira, batizou aos 11.2.1801 (41), o filho natural José, nascido aos três daquele mês, tendo por padrinhos Cipriano Inácio de Menezes e Rita Maria, filha de Gabriel Francisco.

Manoel de Arrioles e Paula de Siqueira (v. supra) foram pais de Antônia da Silva, casada com Pedro Rodrigues, filho de Thomás Rodrigues e de Paula Ribeiro, conforme o batismo da filha Isabel, aos 26.10.1801 (42), nascida aos treze daquele mês, tendo por padrinhos o Tenente Francisco Abreu da Cunha Castel Branco e Maria Gomes de Oliveira, viúva de Inácio Alves. A margem de tal registro, encontramos também a seguinte anotação: "Francisco Alves, defunto, tenente do Regimento do Rio de Janeiro, cujo veio de Santa Catarina para esta Vila fazer dois fortes ou duas primipinas (?) por causa dos castelhanos que então andaram pirateando".

Lourenço de Arrioles e Maria Ferreira também foram os pais de Domingos Ferreira Galhardo, casado com Joana Lopes Pereira, filha de Gregório Lopes e de Maria Peres, ou Pereira, de acordo com o batismo do filho Amaro, aos 7.6.1802 (43), nascido aos 28 de maio daquele ano, tendo por padrinhos Manoel Joaquim de Oliveira e Felícia Rosa, filha de Gaspar de Oliveira. Esse Domingos Ferreira Galhardo era soldado do Regimento de Santa Catarina e morreu aos 5.9.1809 (44).

Gregório Lopes, seu sogro, morreu aos 12.5.1798, com cerca de 85 anos (45). Era irmão, ao que supomos, de um João Ferreira Galhardo, que morava nas Piçarras, em fins do século XVIII.

Ana Maria, filha de Sebastião de Arrioles (v. supra) e de Ana Rodrigues, também batizou, aos 5.7.1802 (46), a filha natural Antônia, tendo por padrinhos Antônio dos Passos e Rosa Maria, filha de Teresa França.

Vitorino Antônio, o filho de Lourenço de Arrioles, também teve, com Ana Maria, filha de Rita Maria e de avô incógnito, o filho Felipe, batizado aos 28.9.1802 (47), tendo por padrinhos o sacristão e Antônia Vieira de Jesus, filha de Ana Pires dos Santos.

Rosa de Arrioles, filha de Félix de Arrioles e de Margarida Pedrosa, batizou, aos 24.11.1802 (48), o filho natural Florentino, tendo por padrinhos José Fernandes da Luz e sua mulher Maria Marques. O filho Miguel Dias da Silva era casado com Isidora Maria da Conceição (v. supra), filha de Salvador Fernandes Dias e de Maria Veloso, conforme o batismo do neto Vitorino, aos 18.12.1802 (49), tendo por padrinhos Francisco de Sá da Costa e sua mulher Ana Fernandes de Miranda.

Félix Rodrigues de Arrioles e Margarida Alves de Siqueira também tiveram a filha Maria Alves Rodrigues, casada com José Joaquim Filgueira, natural de S. Miguel, Comarca de Santa Catarina, de acordo com o batismo do neto Antônio aos 29.5.1803 (50) quando se registrou que "nada puderam dizer dos avós paternos" (sic). Foram padrinhos o sacristão e Ma-

40 — Id. ib.

41 — Livro de batismos da Matriz de N. S^a. da Graça.

42 — Id. ib.

43 — Id. ib.

44 — 1^o. livro de óbitos da Matriz cit.

45 — Id. ib.

46 — Livro n. 5 cit.

47 — Id. ib.

48 — Livro n. 5 de batismos da Matriz de N. S^a. da Graça.

49 — Id. ib.

50 — Id. ib.

ria de Oliveira, mulher de Antônio Francisco dos Passos.

Manoel do Rosário, filho de Salvador de Miranda, e Francisca da Silva, filha de Lourenço de Arriola, também tiveram o filho Alberto, batizado aos 13.10.1804 (51), tendo por padrinhos Manoel da Mota e sua mulher Ana.

João de Arrioles e Antônia Gonçalves Cardoso foram pais de Domingas Cardoso, que, aos 25.7.1805 (52), batizou o filho natural Salvador, tendo por padrinhos Isidoro da Maia Moreira e sua mulher Maria Alves. O mesmo João de Arrioles foi casado com Clara Machado, com quem teve a filha Lourença Maria, que, aos 28.7.1805 (53), batizou o filho natural Manoel, tendo por padrinhos Domingos Ribeiro e Clara Maria, filha de Jerônimo Ribeiro.

Lourenço de Arriola e Maria Ferreira foram pais de José Gonçalves Galhardo, ou José Ferreira Galhardo, morador nas Piçarras, onde foi casado com Maria Ribeiro, filha de Joaquim Ribeiro da Silva e de Leonor Peres com quem teve a filha Clara Ribeira, segunda mulher de Antônio Francisco Jacques, filho de Nicolau Vieira Jacques, morto aos 9.5.1808, com cerca de 90 anos, já viúvo, e de Ana Francisca Moreira segundo o batismo da filha Rita, aos 31.7.1805 (54).

Antônio da Silva Arriole e Antônia Cardoso também foram pais de Joana Correia da Silva, casada com João Ponce, filho do espanhol Miguel Ponce de Leon e de Maria Teixeira, segundo o batismo do filho José, aos 24.5.1805 (55), tendo por padrinhos Salvador da Silva Arriola e sua irmã viúva Maria da Silva Cardoso.

Antônio da Silva "Arreiolez" (sic)

e Ana Cardoso (?) foram pais de Isabel da Silva Cardoso, casada com Tiago Vaz, filho de Antônio Vaz e de Ana Gonçalves, naturais de Paranaguá, com quem teve a filha Rita, batizada aos 3.8.1806 (56), tendo por padrinhos José Fernandes e sua mulher Felícia Correia.

Salvador de Arrioles, filho de Antônio Correia da Silva e de Antônia Cardoso, foi casado com Feliciano Dias, filha de Mateus Dias Ribeiro e de Francisca Borges, neta paterna de Manoel Dias Botelho e de Francisca de Lima, e materna de Sebastião Martins e de Ana Dias, consoante o batismo do filho Camilo aos 7.10.1806 (57), com oito dias, tendo por padrinhos Miguel Gomes Cardoso e Francisca Borges.

Aos 26.12.1791, faleceu Bárbara de Jesus, natural da Capela de São João de Itapocoróia, depois Penha (SC), casada com João Ferreira Galhardo, "moradores na Praia das Piçarras" (58).

Uma Maria da Silva de Arriole, então já finada, foi casada com Francisco Gonçalves Lamim, morador de Itapocoróia, com quem teve o filho Joaquim Gonçalves da Silva, casado, aos 24.4.1803 (59), com Feliciano Francisca, natural de S. Miguel, filha de Gregório Fernandes Ortunho e de sua segunda mulher Genoveva Francisca.

Antônia de Arrioles e Silvânio Mendes tiveram o filho Francisco Mendes, natural da Vila de S. Luiz de Guaratuba, casado, aos doze de maio de 1810 (60), com Angélica Maria, filha de Francisco José da Afonseca e de Maria de Jesus, então já finada.

O sobredito José Gonçalves de Arriola, filho de Félix da Silva de Arriola e de

51 — Id. ib.

52 — Id. ib.

53 — Id. ib.

54 — Id. ib.

55 — Livro n. 5 de batismos da Matriz de N. S^a. da Graça.

56 — Id. ib.

57 — Id. ib.

58 — Livro n. 1 da Penha (SC), de batismos, casamentos e óbitos.

59 — Id. ib.

60 — Id. ib.

Catarina Gonçalves (v. supra), morava em Itapocoróia aos 4.10.1791 (61), quando lá batizou o filho Sebastião, havido com Rosa Maria de Siqueira.

Uma Lúcia Gonçalves de Arriola, natural do Rio de São Francisco, foi casada com Roque de Oliveira, natural de Igua-pe, com quem teve a filha Agostinha Maria, natural de S. Miguel e casada com Manoel dos Prazeres, filho de Paulino dos Prazeres, natural da Cidade de Braga, e de Domingas da Costa, natural do Rio de S. Francisco, consoante batismo da filha Maria, aos 9.9.1792 (62). A sobredita Lúcia Gonçalves de Arriola, também grafada Luiza de Arrioles, teve também a filha Maria, casada com Francisco Dias Cardoso, filho de Pedro Dias Cardoso e de Paula Cardoso, naturais do Rio de S. Francisco, de acordo com o batismo do neto Manoel, aos 18.10.1792 (63), tendo por padrinhos Antônio de Moraes e Ana Cardoso.

Estêvão Gonçalves de Arriola e sua mulher Isabel Jorge de Chaves tiveram o filho Manoel Gonçalves Santiago, natural de São Miguel e morador de Itapocoróia, onde foi casado com Máxima Maria, também natural de S. Miguel, filha de Domingos Correia e de Leonarda Lamim, segundo o batismo do filho Joaquim, aos 15.08.1793 (64), tendo por padrinho João de Azevedo que, por impedimento, foi representado por Manoel Álvares.

João Ferreira Galhardo (v. supra) e Bárbara de Jesus tiveram a filha Antônia Teresa de Jesus, casada, por seu turno, com Domingos Lino da Silva, filho de João Domingues da Silva e de Clara de Oliveira, conforme batismo do filho Pe-

dro, em 18.4.1801 (65). Tiveram, outrossim, a filha Clara de Jesus, moradora nas Piçarras, onde foi casada com João José de Nepomuceno, filho de Salvador Vaz da Costa e Ana Maria do Ó, naturais do Rio de Janeiro, conforme batismo da filha Maria, em 1806, e obituário da filha Faustina, aos 6.5.1795 (66).

Salvador de Arriola e sua mulher Bernarda Lopes foram pais de Joana Rosa, casada com José Antônio Martins, filho de Manoel Martins e de Josefa Francisca, de acordo com o batismo do neto Antônio, aos 20.10.1805 (67).

Ana da Silva de Arrioles e Tiago Lamim (v. supra) foram pais de Antônia Lamim, casada com Amaro Gonçalves da Luz, filho de Antônio Rodrigues da Luz e de Joana Gonçalves Lamim, neto paterno de Inocêncio Rodrigues e de Rita da Luz, moradores nos Tabuleiros da Barra Velha, e materno de Salvador Gonçalves e de Isabel Francisca, conforme diversos registros eclesiais da Penha, especialmente o batismo de Antônio, aos 5.1.1806, e de Joaquim, aos 6.2.1809 (68).

José Ferreira Galhardo (v. supra) e Maria Ribeira foram pais de Antônia Ribeira, casada com Máximo Gonçalves, filho de Domingos Gonçalves Lamim e de Domingas Vieira, segundo o batismo do neto Laurindo, aos 20.11.1811 (69), tendo por padrinhos Domingos Gonçalves Lamim e Maria Rosa.

João Ferreira Galhardo e Bárbara de Jesus foram pais de Cecília, que, aos 18.3.1808 (70), em solteira, batizou o filho natural Inácio.

José Gonçalves de Arriola (v. supra) e Rosa Maria foram pais de Antônio de

61 — Id. ib.

62 — Livro n. 1 da Capela de S. João Batista de Itapocoróia.

63 — Id. ib.

64 — Id. ib.

65 — Id. ib.

66 — Id. ib.

67 — Registro de Itapocoróia transcrito em S. Francisco do Sul.

68 — Livro n. 1 da Penha.

69 — Id. ib.

70 — Id. ib.

71 — Id. ib.

Arriola, casado com Maria Felizarda, filha de Lourenço Rodrigues e de Joana Henriques, segundo o batismo do filho Damásio, aos 19.11.1815 (71), tendo por padrinhos Gregório Fernandes e Genoveva Francisca.

João José de Nepomuceno Júnior (v. supra), filho de pai de igual nome, casado com a filha de João Ferreira Galhardo, casou com Maria Catarina, filha de Damaso Pereira Machado e de Mariana Inácia, naturais da Ilha Terceira, consoante o batismo da filha Inácia, aos 11.2.1812.

O susodito Antônio de Arriola, filho de José Gonçalves de Arriola, também foi grafado Antônio José de Siqueira, quando foi do batismo do filho João, aos 6.1.1814 (72).

João Martins e Ana Cardoso, a filha de Sebastião de Arrioles (v. supra), tiveram o filho Caetano Martins, casado, por sua vez, com Ana Cardoso de Ramos, filha de Sebastião Rodrigues e de Maria Cardoso, segundo o batismo da filha Rosa, aos 2.8.1829 (73), tendo por padrinhos João Pereira Liberato e Maria do Nascimento de Jesus, casados.

Manoel de Arrioles e Antônia Bárbara foram pais de Antônio dos Passos, casado, por seu turno, com Ana Joaquina, filha de Salvador Dias Nogueira e de Josefa Francisca, neta materna de Lourenço de Arrioles, conforme batismo do filho Salvador, aos 13.6.1830 (74).

Pedro Rodrigues e Maria da Silva, filha de Manoel de Arrioles e de Paula de Siqueira, tiveram a filha Isabel Maria, casada com José Cardoso Bueno, filho de José Cardoso e de Maria Buena, de acordo com o batismo de Ana, aos 2.10.1832 (75). Pedro Rodrigues e Maria Catarina

da Silva também tiveram o filho Inácio Rodrigues, casado com Alexandrina Maria, filha de Antônia Martins, consoante o batismo do filho Marcelino, aos 16.10.1829 (76).

Luiz da Silva, o filho de Martinho de Arrioles (v. supra), teve a filha Ana Joaquina da Conceição, casada com João Antônio Fernandes, filho de Lourenço Antônio de Braga e de Antônia Luiza de Jesus, neto paterno de Antônio de Braga, natural de Braga, e de Margarida Arbona, e materno de João Fernandes Dias e de Joana Fernandes, conforme batismo do filho Antônio, aos 8.12.1830 (77).

José Gonçalves de Arrioles e Maria da Silva, talvez a segunda mulher, tiveram a filha Maria da Silva, casada com Antônio de Castilhos, natural da freguesia de Juvenil (?), Cidade do Porto, filho de Manoel de Sousa e de Maria Moreira, segundo o batismo da filha Maria, aos 12.1.1831 (78).

José Galhardo e Maria Ribeira (v. supra) tiveram o filho Amaro Gonçalves Galhardo, casado com Ana da Conceição, filha de Maria da Maia, conforme batismo da filha Josefa, aos 20.2.1831 (79).

Sebastião de Arrioles e Ana Maria Rodrigues foram pais de Antônia Moreira, casada com Florentino da Silva, filho de Manoel da Silva e de Ana Maria, segundo o batismo do filho Manoel, em 26.2.1831 (80).

Miguel Dias da Silva, o filho de Félix de Arriolas, teve, com Isidora Fernandes, o filho José Dias da Silva, morador no Parati, onde foi casado com Messias Francisca da Silva, filha de Máximo Fernandes da Rosa, ou da Luz, e de Joaquina Francisca, de acordo com o batismo

72 — Id. ib.

73 — Livro n. 8 de batismos da Matriz de N. S^a. da Graça.

74 — Livro n. 8 de batismos da Matriz de N. S^a. da Graça.

75 — Id. ib.

76 — Id. ib.

77 — Id. ib.

78 — Id. ib.

79 — Id. ib.

80 — Id. ib.

da filha Ana, aos 25.10.1830 (81). José Dias da Silva também foi o pai de Maria Dias da Silva, casada com Luiz José da Costa em Joinville (SC).

Antônio Gonçalves de Arriola, filho de Lourenço Gonçalves de Arriola (v. supra), casou com Leonor Fagundes, com quem teve o filho Francisco Gonçalves Moreira, morador no Cubatão Grande, onde foi casado com Francisca Gonçalves, filha de Antônio Gonçalves Cardoso e de Francisca Padilha, consoante o batismo da filha Maria, aos 26 de setembro de 1831 (82), tendo por padrinhos Antônio Gonçalves Cardoso e Antônia Lemos, casados. Francisco Gonçalves Moreira era branco e morreu aos 27.10.1870 (83), em Joinville (SC), com cerca de 60 anos, já viúvo.

Antônia Clara de Jesus, a filha de Félix de Arriola e de Margarida Pedroso, teve, com Miguel Antônio de Siqueira (v. supra), a filha Maria Antônia do Espírito Santo, casada com João Gonçalves dos Santos, filho de Anastácia Francisca de Oliveira, conforme batismo da neta Guiomar, aos 11.12.1831 (84), nascida aos 25 de novembro daquele ano, tendo por padrinhos João Jacinto Pereira e Alexandrina Marins, casados.

Salvador Dias Nogueira e Josefa Francisca, a filha de Lourenço Gonçalves de Arriola (v. supra), tiveram o filho Antônio José Nogueira, casado com Gertrudes Maria, filha de José de Siqueira e de Ana Maria, segundo o batismo do filho José, aos 20.5.1832 (85).

João Martins e Ana de Jesus, a filha de Sebastião de Arrioles, tiveram a filha Ana de Ramos, casada com José Pereira da Silva, filho de Joaquim Pereira da Sil-

va e de Maria da Costa, de acordo com o batismo do filho Dionísio, aos 5.6.1832 (86).

Miguel Joaquim da Silva, o filho de Félix da Silva de Arrioles, teve, outrossim, o filho Januário Antônio de Oliveira, casado com Laureana Teixeira, filha de Albino Teixeira e de Bernarda Nunes, neta paterna de Francisco Teixeira da Silva e de Teresa Maria do Rosário, e materna de Miguel Mendes Correia e de Agostinha de Oliveira Falcão, conforme batismo do filho Bento, em 1^o.11.1832 (87), que se chamou Bento Ricardo de Oliveira e foi casado, por seu turno, com Rita Maria do Espírito Santo, filha de Antônio Nunes da Silva e de Sebastiana Maria do Espírito Santo.

Maria da Silva, filha de José de Arrioles e de Maria da Silva, batizou aos 22.11.1832 (88), a filha natural Ana, nascida ao sete daquele mês, tendo por padrinhos José da Silva Santos e Maria Josefa.

Domingos Ferreira Galhardo (v. supra) teve o filho Antônio João Germano, casado com Cesarina Dias da Conceição, filha de Manoel Ribeiro e de Antônia Dias, consoante o batismo do filho João, aos 18.11.1832 (89), nascido aos dois daquele mês, tendo por padrinhos Agostinho Dias Veloso e Bárbara Alves.

O luso Antônio de Castilhos e sua mulher Madalena Maria de Jesus, a filha de José de Arrioles (v. supra), tiveram a filha Maria Catarina de Miranda, casada com Joaquim Dias da Costa, filho de Pedro Dias da Costa e de Esmênia Maria de Jesus, neto paterno de Salvador Dias da Costa e de Sebastiana Velloso, e materno de Caetano José Velho, natural de

81 — Id. ib.

82 — Livro n. 8 de batismos da Matriz de N. S^ª da Graça.

83 — Registros da Catedral de Joinville.

84 — Livro n. 8 cit.

85 — Id. ib.

86 — Id. ib.

87 — Id. ib.

88 — Livro n. 8 de batismos da Matriz de N. S^ª da Graça.

89 — Id. ib.

Portugal, e de Domingas Cardoso, segundo o batismo da filha Ana, aos 12.7.1833 (90), nascida aos cinco de junho, tendo por padrinhos Manoel Joaquim da Costa e Silvana Rosa de Jesus, solteiros. Moravam na Penha, ao que supomos.

Pedro Rodrigues e Maria da Silva, a filha de Manoel de Arrioles e de Paula de Siqueira, tiveram o filho João Rodrigues, casado com Maria Lopes, filha de Patrício da Mota e de Teodósia Dias, neta paterna de José da Mota e de Urbana Dias Veloso, e materna de João Lopes e de Francisca Dias de Siqueira, conforme batismo do filho João, aos 6.4.1833, tendo por padrinhos Antônio Moreira Dias, casado, e Máxima de Oliveira. viúva (91).

Antônio da Silva de Arrioles e Antônia Cardoso tiveram o filho Manoel da Silva Cardoso, casado com Francisca Gonçalves, ou Maria França, com quem teve o filho Salvador da Silva, casado, por seu turno, com Graciana Alves, filha de Manoel Joaquim de Moraes de Vicência Alves da Silva, neta paterna de Antônio de Moraes e de Escolástica Ribeiro, naturais da Cananéia, e materna de Inácio Cardoso e de Ana Álvares da Silva, de acordo com o batismo de Francisco, aos 8.1.1834 (92).

Aos 23.8.1818, faleceu Antônio, inocente, de três anos, filho legítimo de João Martins e de Ana de Jesus, "moradores nos Arriolas" (93). Essa Ana de Jesus era filha de Sebastião de Arriolas, conforme vimos, a demonstrar que as terras onde morava foram herdadas a seus avoengos.

Apolônia Francisca, de 40 anos, fa-

leceu aos 15 de maio de 1818 (94), casada com Salvador Gomes, "morador nos Arrioles".

Francisco Luiz Fagundes, de 44 anos, casado com Antônia Francisca, "moradora nos Arriolas", faleceu aos 16.4.1813 (95).

Antônio da Silva Arriola, casado com Antônia Cardoso, teve a filha Isabel Cardoso, casada, por seu turno, com Thiago Vaz, filho de Antônio Vaz, natural da Vila de Paranaguá, e de Ana Gonçalves, consoante o batismo do filho Antônio, aos 19.11.1804, indevidamente transcrito no segundo livro de óbitos da Matriz de N. S^a. da Graça, juntamente com outros moradores da Capela de S. João Batista de Itapocoróia (96).

Um José Nogueira, de 57 anos, casado com Antônia Teixeira da Silva. "moradores nos Arriolas", morreu aos 14.12.1803 (97).

Manoel Luiz de Arriola, viúvo de ... (ilegível) ... Gonçalves, com cerca de 93 anos, faleceu aos 14.12.1808 (98).

Victorino Antônio, de 47 anos, casado com Ana Maria, também "moradores nos Arriolas", faleceu aos 15.2.1803 (99).

Aos 17.2.1826, faleceu Miguel de Arriolas, com cerca de 40 anos, casado com Rita Maria de Jesus, "de asma oportuna", sendo sepultado dentro da Matriz (100).

No dia seguinte, foi sepultado Miguel, de menor idade, filho legítimo de Fidélis de Arriola e de Margarida Pedrosa (101).

José, de um ano de idade, filho de Miguel de Arrioles e de Rita Fernandes (v. supra), faleceu aos 17.4.1827 (102), "de feridas na garganta", sendo sepulta-

- 90 — Id. ib.
- 91 — Id. ib.
- 92 — Id. ib.
- 93— Livro n. 2 de óbitos da Matriz de N. S^a. da Graça.
- 94 — Id. ib.
- 95 — Id. ib.
- 96 — Id. ib.
- 97 — Id. ib.
- 98 — Id. ib.
- 99 — Id. ib.
- 100 — Id. ib.
- 101 — Id. ib.
- 102 — Id. ib.

do no cemitério.

Um Antônio José da Riola, filho de José Antônio da Riola e de Córdula Antônia de Oliveira, foi casado com Maria Francisca de Oliveira, filha de Antônio Correia da Silva e de Francisca Antônia de Oliveira, de acordo com o batismo do filho Joaquim, aos 17.7.1868 (103). Teve, outrossim, o filho José Antônio de Arriola, qual o avô paterno, morador no Rio Velho, viúvo de Teresa Joaquina, quando casou, em 1889 (104), com Maria Cardoso de Moraes, solteira, filha de Inácio Joaquim de Moraes e de Carolina Cardoso Moreira. Era "guarda policial" em Joinville. José Antônio da Riola Sênior teve, igualmente, o filho Laurindo de Arriola, casado, por sua vez, com Ana de Oliveira, filha de Francisco Jacques e de Sebastiana de Oliveira, consoante o batismo do

filho Alexandre, de três meses, aos... 23.6.1868 (105).

Tudo parece indicar que o "lugar Arriolas", ou "Costeira dos Arriolas", ficasse na Ilha do Mel, onde foi a sesmaria de Vicente de Arriollas, companheiro de Manoel Lourenço de Andrade na fundação de São Francisco do Sul.

O apelido da família não desapareceu e ainda hoje pode ser encontrado na Cidade de Joinville (SC), segundo já tivemos oportunidade de verificar.

A família ARRIOLA, portanto, representa o que de mais antigo existe em Santa Catarina, ligada, à certa, aos primeiros povoadores de São Francisco do Sul, a póvoa inicial catarinense, de onde partiram os assim chamados "segundos povoadores" da Ilha de Santa Catarina.

103 — Registros da Catedral de Joinville.

104 — Id. ib.

105 — Id. ib.

SOBRE O DESENVOLVIMENTO DE NOSSA CIDADE NO COMEÇO DO SÉCULO

Der Urwaldsbote — Nº. 71 — Sábado, 2 de março de 1912 — Ano 19
1ª. Página

Com o crescimento da cidade, também se fez necessário decretar normas para uma **nova forma de construção de casas**. Este assunto será discutido em breve na Câmara. Já no início do ano passado, o Superintendente, Sr. Schrader, incumbiu o arquiteto, senhor Gelbert, de elaborar um estudo para construção. Este esboço, como um outro que será fornecido pelo fiscal, senhor Ebert, servirá de base para o estudo da Comissão. O senhor Gelbert fez acompanhar ao seu estudo, que é muito bem feito, algumas observações gerais sobre o desenvolvimento de nossa cidade. Estas observações são muito interessantes, e nós aqui a transcrevemos.

«Em nosso tempo, tão agitado, surgem em todos os cantos do mundo, com espantosa rapidez, cidades que, em certo espaço de tempo, alcançam um grau de bem-estar tão elevado como não se conhecia em outros tempos. Com inveja, comunidades antigas olham para suas cidades vizinhas, pois não chegam a alcançá-las em número populacional como também em crescimento, pelo contrário, são ultrapassadas em quase tudo. Numa comparação, confirmou-se que devido suas

instalações inadequadas, foram impedidas de progredir. Logo reconheceu-se que, para o desenvolvimento de cidades, seria necessária a criação de modernas e saudáveis moradias, como também, meios de transporte. Em lugares onde vive muita gente aglomerada é natural que se acumulem grandes massas de matéria que devem ser logo afastadas, se não se quiser que cheguem a constituir um perigo para os moradores, poluindo o ar, a água e trazendo perigosas epidemias. Algumas cidades européias nos mostram a rápida transição.

O que o trabalho humano já fez para criar saudáveis condições de vida em moradias. Para tal serviço comunitário, são responsáveis as autoridades das cidades que, através de decretos contribuíram para a construção de estradas e formas de aproveitamento dos terrenos. Drenagens de canais, fornecimento de água, construção de casas e regulamentação das condições de vizinhanças e outras mais. Aqui em Blumenau, só ultimamente se fizeram ouvir vozes que exigem medidas urgentes neste sentido, pois está na hora de se fazer algo concreto. Não queremos aqui criticar os erros cometidos anteriormente, mas sim, queremos fazer sugestões de como estas falhas possam ser resolvidas, para que não tragam consequências piores.

Com os poucos meios de que dispõe a administração, naturalmente não se pode encenar grandes reformas; é preciso trabalhar aos poucos, de acordo com os meios disponíveis, mas **sistematicamente**, com um objetivo certo diante dos olhos. Não se deve repetir erros anteriores ou talvez ainda, aumentá-los. Deve ser criada uma norma para que no futuro tudo se constitua num só, inteiro e global.

Em primeiro lugar, seria necessário e imediato para a cidade, uma drenagem e canalização da água. Para a drenagem, se recomendaria, devido a situação do terreno e do rio Itajaí, o chamado «sistema paralelo». A vantagem deste sistema consiste em sua forma econômica. A desvantagem, no entanto, é que, em alguns lugares ao longo do rio, a água seria poluída. Mas, como por hora só é usada a água da chuva e os restos de uma canalização de água é usada para a lavagem dos detritos, seria preciso introduzir para as latrinas o **sistema de covas** e, mais tarde, continuar com o mesmo para que os detritos não fossem levados pela água.

Para o abastecimento de água da cidade, seria válido a construção de poços em forma de panelões, de preferência no Vale do Garcia e a água transportada por máquinas para grandes reservatórios, com respectiva filtragem.

Pois, próximo do centro da cidade, não existe nenhuma fonte, nem uma nascente que serviria para este fim e tivesse água suficiente. O sistema citado se adapta muito bem para Blumenau não só por ser barato mas também porque pode ser ampliado, por ocasião de maior consumo de água e crescimento da população.

Além disto, não seria só elaborar, mas sim começar imediatamente uma profunda **revisão** do Plano Diretor e uma definitiva norma de construção. Por ocasião da fundação e instalação de Blumenau foram feitos os maiores erros e é necessário corrigir isto enquanto ainda houver tempo. Se faz necessária, principalmente, uma **ordem de construção** que ofereça a possibilidade de ampliação do centro da cidade, impe-

dindo-se a construção arbitrária que se observa. Se querem que a cidade se desenvolva como uma verdadeira cidade, é preciso quebrar com os tradicionais costumes florestais.

A situação paisagística de Blumenau é tal que, com o aterro dos lugares mais baixos que são facilmente inundados, se poderá fazer, uma cidade saudável e também bonita. Como se julga uma pessoa primeiro pelo seu exterior, assim também acontece com as cidades. Quantos aposentados e funcionários em pensão, que hoje gastam seu dinheiro em Desterro ou em São Paulo não prefeririam morar em Blumenau, se esta tivesse uma apresentação melhor.

Frequentemente são feitas comparações entre Blumenau e Joinville, quando não se é, absolutamente, a favor de Blumenau. Em outras cidades se criam sociedades para fomentar o movimento de estrangeiros e sociedades de embelezamento etc. Enfim, faz-se tudo para impulsionar a vida publica. Somente Blumenau continua dormindo. Existem até pessoas que vêem nestas tentativas de renovação, uma ambição pessoal condenável. E há tanto para modificar e melhorar!

Se hoje um estrangeiro chega a Blumenau de vapor, vê a cidade primeiramente pelos fundos. Latrinas quase caíndo, currais de porcos é o que se vê primeiro. Quando se chega a cidade em si, logo verifica-se a construção arbitrária pelos terrenos. Ele não terá a impressão de uma cidade, mas sim a de uma grande aldeia, onde todos constróem suas casas onde bem querem. Mas, se ele olhar bem, também vai observar que Blumenau está crescendo e faz a tímida tentativa de sair de seu aspecto de floresta virgem, para ganhar um aspecto de cidade. Mas, isto acontece devagar e sem qualquer sistema.

O crescimento e melhora da cidade, para a qual a administração municipal pode contribuir através de medidas objetivas, não será só em benefício da mesma, mas sim, para todo o município, pois, quanto mais o lugar crescer, mais dependerá do abastecimento da colônia. Então, pode-se desenvolver um verdadeiro mercado, que no momento ainda falta. A população de Blumenau é conhecida como ordeira e trabalhadora. Portanto, é de se esperar que a maioria dela não se oponha a possíveis renovações que a administração de Blumenau, porventura, fizer. Mas, em benefício de toda comunidade, é preciso fazer algum sacrifício. As vantagens, no entanto, estão bem claras e só a maldade não a enxergaria.

A Comissão de Planejamento da cidade, poderia ser completada por especialistas e precisa primeiro deliberar sobre o sistema de construção, bem como a revisão e modificação de todo o planejamento de construção. Para o sistema de construção, gostaria de sugerir o sistema de pavilhão. Blumenau deverá se desenvolver, correspondendo ao seu atual caráter, para uma verdadeira **cidade jardim**, onde deverão sobressair casas residenciais de um ou dois andares. Ruas amplas e largas, um certo número de lugares públicos, com árvores plantadas, bem como algumas comunicações com o rio, são de grande importância. E é preciso levar em consideração o que já existe e em possíveis mudanças não empregar a força.

É preciso estipular um certo espaço de tempo, talvez 20 anos, dentro dos quais se poderão concretizar todas as mudanças previstas. Para

pequenas construções, não deveria ser permitido grandes reparos ou modificações e só autorizar aquelas que salvariam a existente da ruína total. No plano diretor deveriam ser previstas a construção de **calçadas** e determinadas as ruas onde este trabalho devesse ser feito logo. As ruas deveriam ser delineadas, para que não houvesse tantas reentrâncias irregulares.

Tudo, enfim, deveria ser pensado, unindo-se o prático ao bonito.

TRADUÇÃO : Edith Sophia Eimer

Blumenau, 31 de julho de 1991.

Aconteceu... há 50 anos passados

(Notícias copiadas das páginas do jornal "A Nação" — 1943-1980)

José Gonçalves

— DIA 04/01/1945 — O jornal destaca em manchete, as condecorações recebidas, na Itália, pelos pracinhas catarinenses Tte. Gonzaga Moura e Sargento Wilson Gondin, que se destacaram por atos de bravura na guerra contra os alemães.

— DIA 09/01/1945 — Estreou com grande sucesso no Teatro Carlos Gomes, a Companhia Brasileira de Operetas, proporcionando memorável espetáculo. Do elenco faziam parte Cezar Fronzi, Renata Fronzi, Amadeu Celestino, Iolanda Fronzi, Ondina Guimarães e Nancy Soares, além de outros.

— DIA 07/01/1945 — A equipe de futebol do Palmeiras venceu a do Caxias, de Joinville, no estádio da rua das Palmeiras, pela contagem de 3 x 0.

— DIA 14/01/1945 — A mesma equipe do Palmeiras jogou em Joinville, neste dia, contra o mesmo Caxias e lá também venceu, desta feita pela contagem de 6 a 5, tendo virado o jogo depois de estar perdendo por 4 a 2.

— DIA 16/01/1945 — Foi preso o falsário Reinaldo Holz, residente no bairro da Velha, de posse do qual foi encontrado material usado para fabricar dinheiro falso. Ele falsificava cédulas de 100, 10 e 2 cruzeiros e já havia passado numerosas delas no comércio da cidade. O interessante é que Reinaldo disse que fazia dinheiro falso como um simples prazer de falsário, já que sua situação financeira era boa, pelas rendas que possuía, entre muitos bens.

— DIA 16/01/1945 — Tendo sido eleitos no mês anterior neste dia tomaram posse dos cargos de presidente e vice-presidente da Liga Blumenauense de Futebol, respectivamente, os desportistas Sebastião Cruz e Vital França.

— DIA 25/01/1945 — O jornal critica o alto custo de uma laranja, pela qual o blumenauense estava pagando 0,50 centavos.

— DIA 25/01/1945 — O jornal registra inúmeras queixas de consumidores sobre o alto custo de uma carrada de lenha para fogão, que estava sendo vendida a 50 cruzeiros.

— DIA 27/01/1945 — A informação importante deste dia era a da transformação da razão social da Fábrica de Gaitas "Alfredo Hering" para Sociedade por Cotas Ltda.

— DIA 1º./01/1945 — O jornal destaca o primeiro aniversário da administração municipal sob o exercício do sr. Alfredo Campos.

— DIA 04/02/1945 — A equipe do Palmeiras foi derrotada, em Florianópolis, pela equipe do Avaí, pela contagem de 11 a 1 (onze a um).

RETRATO DE BLUMENAU E DE SUAS PRINCIPAIS PERSONALIDADES NO COMEÇO DO SÉCULO

Estamos publicando nesta edição um belo trabalho da autoria de Otto Stange, um dos colaboradores do conceituado "Almanach Wille", que foi editado em Blumenau durante muitos anos. Neste trabalho, Otto Stange imagina um passeio pelo centro de Blumenau, que ele mesmo havia realizado por várias vezes, quando bem jovem, iniciando pela rua das Palmeiras (hoje Alameda Duque de Caxias), cais do porto, rua 15 de Novembro, rua São Paulo e terminando em Altona (Itoupava Seca), onde residia. Neste passeio de recordações, Otto Stange declina nomes de dezenas das principais personalidades que residiam ao longo da rua 15 de Novembro, indicando as residências, alguns diálogos prováveis, as atividades profissionais das figuras etc., nos proporcionando, com isso, um retrato de Blumenau daquele começo do século e, assim, uma contribuição valiosa no resgate da memória histórica de Blumenau.

Vamos, pois, publicar este trabalho que foi divulgado em alemão naquele Almanach e que foi traduzido para o vernáculo por seu filho ERICH STANGE, nosso prestimoso colaborador. Na tradução é usada uma fórmula simples de redação, pois trata-se de uma narrativa ao pé da letra, por isso mesmo um trabalho sem retórica e preocupações literárias, mas que dentro desta simplicidade de linguagem, surge a beleza de um visual agradável em que se pode perfeitamente imaginar o que era a nossa principal artéria, assim como o bairro Bom Retiro, as ruas Floriano Peixoto e Alameda Rio Branco daqueles tempos de mais de 90 anos atrás :

UM PASSEIO PELA RUA PRINCIPAL DE BLUMENAU ENTRE 1900/1903

(Publicado no ALMANACH WILLE de 1963, páginas 73 a 108).

Escrito por OTTO STANGE

Traduzido do alemão pelo seu filho ERICH STANGE.

"O galpão dos imigrantes, situado no bairro "Vorstadt" foi visitado por nós. Velho, com aspecto de abandono, não é mais usado para seu fim específico, mas por algumas famílias caboclas, como moradia. Tudo bem. Todavia, dividido em diversos cômodos, este comprido galpão de madeira serviu para muitas famílias recém-imigradas como primeira estada na terra estranha. Mas hoje, os imigrantes, logo após a sua chegada são despachados em carroções puxados por duas parelhas de cavalos, via morro do Côcho, para a recém-aberta colônia da Hansa-Hamônia.

Neste instante, vem chegando o vapor

de rodas "Blumenau", subindo o rio, cheio de alemães-novos. Ao redor da chaminé e outros vãos estão sentados, todos cheios de esperança, olhando para a frente, homens, mulheres e crianças. Maneca, o cozinheiro de bordo, mal consegue achar passagem. Os demais marinheiros se retiraram para suas cabines ou ficaram na popa do barco, conversando. O Capitão Krambeck observa a aproximação da cidade e puxa a corda do apito à vapor, — tuuuut, tuuuut, — estamos chegando. São aproximadamente três horas da tarde. O vapor chega hoje mais cedo do que de costume; certamente teve menos perda de tempo nas paradas de Ilhota e Gaspar

Também as chuvas, nas últimas semanas, eram poucas; em consequência o rio está com o volume de água normal, a correnteza não é forte, descendo devagar até o porto de Itajaí, na barra do rio.

Apressamos o passo, pois não queremos perder a chegada do vapor no trapiche. Também o nosso superintendente Dr. Cunha está atrás da sua casa, observando a chegada do barco. — Alemães novos. Muito bem precisamos deles, são bons agricultores, bons colonos. Cumprimentamos o velho Emil Gropp na passagem, quando o mesmo, como de costume, cruzava a estrada, saindo da sua serraria para a sua residência. Está banhado em suor e passa o lenço para enxugar a testa empoeirada de serragem. Sempre atento na serra, não fica atrás dos seus filhos no serviço. "EMIL GROPP & FILHOS" pode-se ler na construção comprida que abriga a sua serraria a vapor. — E o Dr. Hugo Gensch também está em casa. Neste momento fala, em voz alta, a sua mulher —: Isto vai melhorar logo, siga a minha receita; ajudou aos outros também. Isto tudo é somente humano, despedindo-se com um adeus e acompanha-nos até o Schneider, o canoeiro, que o recebe na sua varanda, cumprimentando-o: — Bom dia, doutor. Sim, assim faremos... Depois se ouve estrondosas gargalhadas, hahaha, agora compreendo a coisa.

Caminhando, chegamos ao Hospital Wandal no momento em que está fechando a janela: Bom dia Dona Lieschen, tudo bem?

Mas o que está acontecendo no outro lado da rua? Muita movimentação com gritaria e choro! Ahá, mais um pobre desgraçado, desequilibrado mental que está sendo levado para ser preso no asilo. —

Bom dia, senhor Stutzer. Neste momento ele está chegando lá da Câmara; o tesoureiro, que assinou uma por uma, todas as notas de cem réis e duzentos réis, o dinheiro emitido pela Câmara, com sua assinatura "Otto Stutzer". Com a sua comprida barba branca, tem a aparência

de um nobre; ainda está bem de saúde, apesar da idade. Todo respeito. Com o guarda-chuva debaixo do braço, abre a sua porteira e a porta da casa e desaparece.

Agora temos a vista livre até o porto. Vejam: até o rebocador "Jahn" também está atracado. Provavelmente levará amanhã cedo, as lanchas, rio abaixo, até Itajaí. As barrigas das lanchas de frete estão quase cheias, carregadas com táboas, caixotes e barris, atracadas no muro do trapiche. Sobra pouco até a beirada, quase afundam.

O vapor "Blumenau", na mesma direção que nós, nos acompanha ou nós a ele, mas agora inicia a grande curva para atracar. Nós também dobramos a esquina, no Jansen. No outro lado da rua estaciona o senhor Peter Christian Feddersen o seu Landau. Está chegando de Altona e traz de carona o senhor Luiz Abry. Este, por sua vez, deverá receber imediatamente os imigrantes. e já se dirige à rua do trapiche. —

O senhor Feddersen grita para dentro da loja: Senhor Cônsul, novos imigrantes estão chegando. E o senhor Gustav Salinger chega à porta risonho e atrás dele o Hugo Joachinsthal esfrega as mãos: É bom, precisamos deles. Em breve deveremos abrir uma filial em Hansa-Hamônia. Imigrantes aumentam o consumo!

Lungershausen, que comentava sua nova construção com Schoenfelder, sai correndo. Luiz Sachtleben, na porta da sua loja, quer saber porque tanta pressa, mas Lungershausen responde que Schoenfelder não aceita sugestão e continua correndo até desaparecer na próxima esquina do "Hotel Brasil" de Haennchen Schmidt, em direção à sua quase pronta casa nova, na rua das Palmeiras.

O padeiro Kuehn, ao lado de Jansen, descansa no banco da frente à sua casa e pensa consigo: — Se a coisa continua deste jeito preciso, em breve, contratar um ajudante. O Albert Jaeger sozinho quase não dá mais conta do serviço; ainda mais que ele faz diariamente a en-

trêga domiciliar do pão fresco, com a carocinha. E o Dr. Faust também é da mesma opinião quando olha por cima do muro e vê como se trabalha lá. Mas, atrás destas casas, ao lado do porto da balsa, passeia sem pressa o Dr. Todt, em frente à porta da sua casa, fumando seu longo cachimbo, digerindo os rins de porco assados, que tanto gosta de comer.

Mas no pátio do porto da balsa está o sr. Heinrich Probst, chapéu de palha de 400 réis na cabeça, falando sozinho ou com as velhas pedras do ribeirão Garcia: — Parece que algo não está certo com as tábuas que o Stein está descarregando da sua carroça.

Saindo da Agência da Navegação Fluvial está chegando Erich Gaertner com suas pernas curtas e passo comprido, quase chocando-se com o professor Juerge na esquina, pois o mesmo também quer entrar na Palmen-Alee (rua das Palmeiras) e este lhe diz: — Com tanta pressa, sr. Gaertner? Este, balançando a sua pasta preta, no seu andar rápido, lhe responde: "Imigrantes" e com isto também já está no outro lado da rua, em direção à entrada do porto.

August Zittlow e Paul Schwartzner não têm tanta pressa. Zittlow, como de costume, com as mãos às costas, seu boné de serviço, que ele já usa durante anos, pergunta naquele instante: — Bem, como distribuiremos os personagens no teatro? — Salinger deverá ser o velho "Guarda Florestal" e seu ajudante deverá ser o Curt Hering. Gustav Lungershausen ou Max Feddersen, um dos dois deverá ser o amante e o Max Clasen seu rival. A mulher do Guarda Florestal deve ser a Dona Hanny e a filha sua própria filha. —

Para os papéis secundários, senhor Schwartzner, ainda temos a minha filha e a senhorita Salinger. Falta alguém ainda para o papel de hoppla! — Quase que acontece um desastre!... Veja, o Woldemar Odebrecht voando com a sua bicicleta, a primeira e única até agora em Blumenau, dobrou a esquina e esqueceu de tocar a sineta. Bem, desta vez ainda não aconteceu nada de grave, mas os dois assustados senhores seguem com seus olhares espantados o Woldemar: E, em Blumenau já se anda apressado, está chegando o progresso. Bem, o Woldemar quer mostrar o seu velocípede que trouxe da Alemanha, na sua recente viagem.

Continuando o passeio pela rua das Palmeiras, eles vêm assustados, saindo apressados do jardim do Dr. Blumenau, dois rapazes, que, certamente queriam roubar umas jabuticabas, atravessarem o leito da estrada, sendo, que por um triz, não foram atropelados pelo sr. Woldemar, que, num reflexo, pulou da bicicleta, evitando assim o choque. O desastre que poderia ter consequências desastrosas, foi assim evitado no último instante, por um fio de cabelo. Quem são estes dois rapazes descuidados? Ele pergunta, ainda chocado, ao sr. professor Rudolf Damn, que neste momento vem subindo a rua. Se não me engano, foram o Phillip Brandes e o Maenne Lueders. — Pensei que eram meus sobrinhos Baumgarten, grita o Reinhold Anton, o farmacêutico, do outro lado da rua. Ele saíra da sua porta para olhar passar a bicicleta. Também no Baechert, os fregueses esticam o pescoço e o mecânico Frischknecht não pôde deixar de fazer a sua rima:

Andar de ciclo é muito bom,
porém é necessário aprender
pois facilmente vai ao chão,
ou atropelamento acontecer.

(É uma tradução livre do tradutor, pois em alemão era:

Flitzpede fahren ist ser schoen,
man muss es nur auch erst verstehn,
denn leicht passiert's den Fahrradsmann
dass er die Fussleut' rampelt an).

Todos riram e cumprimentaram o poeta improvisado. Jacob Schmitt, o delegado de polícia, bate nas costas estreitas do Frischknecht com a sua pesada mão: — Então, como sempre, rimas facilmente! E aos outros presentes fala: — Bom apetite, vamos ver se sobra um copo de cerveja para mim e se vocês tomam cerveja do Jennrich e Rieschbieter, não esqueçam de abrir uma do Hosang também, mas sempre na medida e sempre com calma e sem barulho exagerado; como sabem, devido ao meu ofício, neste caso, deverei agir. Ernst Kielwagem diz seco: — Sempre devagar, vizinho, com nós não precisa se preocupar e se alguém não está de acordo, que não olhe para cá. E o madeireiro, senhor Saint-Martin Hofer, com comércio de sarcófagos, baús, e móveis em geral na rua dos Atiradores, fala: Baús de todos os tamanhos e modelos tenho sempre à disposição. Todos riram. Pessoal, sempre com calma, diz Scheidemantel senão tiro uma foto que publicarei no jornal "O Imigrante". Retirou-se em seguida, subindo a rua das Palmeiras, em direção ao porto. —

Também nós seguimos nosso caminho. Devido ao acontecido com o ciclista, quase esquecemos os imigrantes; mas na saída ainda avisamos: — "Imigrantes", e logo alguns se locomoveram em direção ao porto para ver o vapor e o desembarque dos alemães-novos que estavam chegando.

Também o latoeiro Behnke era curioso e acompanhou-nos até à porta do Teatro Frohsinn. Ele passou pelo caminho da cadeia pública, para encurtar caminho e trouxe consigo o guarda-chaves da cadeia, e o sapateiro Peter que também queria ver os recém-chegados. Mas no alto do barranco do porto da balsa estava o sr. Schrader com o pequeno Cunha e o Fides Deeke, que vieram naquele momento do prédio da Câmara Municipal, do outro lado da rua.

Os recém-chegados já desceram do vapor. Eugen Germer estava entre eles

para carregarem a bagagem e levar ao Hotel Holetz. Tinha que levar toda a carga em diversas carroçadas, cheias de caixotes, malas, cestas e pacotes de todos os tamanhos e tudo mais que os imigrantes trouxeram. Mas as suas espingardas os homens não largaram. Alguns até tinham duas. Luiz Abry esclareceu aos mesmos, que já amanhã cedo, seguirão em carroções, puxados por quatro cavalos, até a Hansa. Lá o ribeirão Taquara deverá ser colonizado, e até no Sellim o pessoal já pode escolher suas glebas, pois já estão medindo e catalogando ambas as margens do mesmo.

Em seguida, todos caminhamos pela rua do porto ao prédio da Câmara. Os dois policiais, responsáveis pela ordem em Blumenau, o Katzwinkel e o Krause, fizeram olho grande quando viram as belas armas trazidas pelos alemães, pois eles só usavam um sabre curto no cinto quando estavam em "serviço". Hoje o polícia Katzwinkel estava descalço, ou melhor, de chinelos, pois no domingo calçou uns sapatos novos que provocaram bolhas nos pés. Assim, estava impossibilitado de usar seus botins. Foi isto, pelo menos, o que nos contou, desculpando-se.

Caminhando, chegamos à ponte sobre o ribeirão Garcia, a velha ponte de madeira. Era a segunda ponte construída naquele local, pois a enchente de 1880 tinha carregado parte da primeira, impossibilitando a sua reconstrução. Atravessada a ponte, entramos no Hotel Holetz, logo ao lado. Mas o sr. Holetz não nos pode receber e assim, fomos cumprimentar a Frau Holetz, que enérgica e resoluta, nunca perde a calma. As empregadas têm que se mexer e pular para cumprir suas ordens e servir a todos. Ao redor das compridas mesas foram colocados bancos de madeira e o jantar já está pronto e abundante.

O Karl Holetz e o sr. Orth acabaram de matar um porco que eles engor-

daram, e assim, a carne não faltou à mesa.

Servem até salame, pois o açougueiro Poerner fornece, do seu picador. Mas certamente não será posto à mesa hoje; só a pedido especial. Hoje é servida uma deliciosa feijoada com costelinhas de porco, toucinho e farinha de mandioca fresca, comida gostosa que é aceita por todos, principalmente para quem tem fome. E isto não nos falta e muito menos aos imigrantes. Aqui o pessoal deverá pernoitar. Camas para todos infelizmente não há mas o Richard Holetz tem o grande salão, com paredes de táboas e lá cada um se ajeita como pode, entre as bagagens e com cobertores fornecidos pelo proprietário.

Nós nos despedimos dos imigrantes e do coitado do Richard Holetz, que devido à sua doença, depois de um princípio de enfarte, não pode se locomover e sair de trás do balcão; fica sempre sentado na sua cadeira, observando o movimento e nada lhe escapa. Só pode andar com a ajuda de duas bengalas, com as quais se locomove passo a passo.

Otto Strobel, o marceneiro e freguês, traz neste momento ao senhor Holetz o último número do "Urwaldsbote". O próximo número só sairá depois de amanhã. Este jornal blumenauense é difundido em todo o vale.

Chegando à estrada, estamos vendo crianças do Leopold Knoblauch com sua carrocinha puxada por dois cabritos. Bonito para ver, pois os dois bodes estão bem treinados e puxam bem. O sr. Knoblauch também está perto, observando para que nada de mal aconteça com seus filhos. ainda mais, com tanta assistência, devido à chegada dos imigrantes e sua constante movimentação na estrada.

Vem chegando, montado no seu cavalo branco, o sr. Wilhelm Schaefer, dono de uma serraria lá em Nova-Rússia, perto do morro "Spitzkopf". Frente a sua loja, aos cuidados do seu filho Richard, ouvimos chamar: Rudolf Sprengel, vá para a Lieschen Strobel e pergunta se ela ainda

tem pãezinhos frescos, pois trouxe uma fome danada. Alguns pãezinhos do Strobel sempre são bem-vindos. Depois você vai ao correio. Provavelmente terá algo para nós. Em seguida, dirige seu cavalo branco ao portão da entrada do pátio. Aí ele vê a senhorita Gretchen, que está no jardim ao lado, em baixo do pé de abacate grande. Oh, dona Margarida, como vai? E as aulas, como vão? Os dois vizinhos são muito amigos. Ela é a professora da escola estadual local. A senhorita, amigável como sempre, responde: Obrigada, senhor Guilherme, tudo vai bem. Como vai lá, com seus Deutch-Russen no Spitzkopf? Pode-se ver bem este morro da "Kaiser-Strasse" (Alameda Rio Branco), lá no fundo, com seus 950 metros de altura ele oferece um fundo bonito para a paisagem blumenauense deste lado. — Não vai tão bem como se esperava, responde o sr. Schaefer, à resposta da D^a. Margarida. Os colonos, estão inquietos devido aos bugres que ultimamente, têm aparecido por lá. Eles ameaçam da beira do mato e fazem gestos de iminentes ataques. A insegurança é grande e o pessoal não quer ficar lá; falam em ir para Benedito Novo, para onde alguns já partiram. Mas o meu filho Erwin que está por lá, apareceu aqui nestes dias e disse, que lá em Liberdade, o clima também não parece tão seguro; mas ele consegue manter-se por lá, embora os bugres lá também ameacem. Estes irmãos vermelhos ainda são perigosos, principalmente nas casas isoladas e avançadas na colônia, que mal foi aberta, mas com o tempo a situação vai melhorar. O principal é não abandonar a colonização e o nosso pessoal deve mostrar decisão, e no último caso, usar as armas para se defenderem.

Montado no seu pangaré velho, aparece agora lá na Kaiserstrasse, o sr. Christian Schmidt, vulgo "Millionen-Schuster", capacitado e amado professor, orientador dançarino de quadrilhas e poloneses: — "Las dames en avant, a la bonheur teuts avers". — Com elegante ges-

to ele tira o chapéu, descobrindo a careca cor de marfim. Ao seu lado cavalga a sua graciosa filhinha, recém-saída da escola, parecendo "Branca de Neve". Lá no Holetz dobram a esquina, seguindo em direção à ponte do Garcia, conversando animadamente.

Nós continuamos nosso passeio pela rua principal. Vemos Friedrich Blohm saindo da sua casa, descendo a escada, a barba "Kaiser Friedrich" e chapéu tipo coco na sua cabeça larga. Guarda-chuva na mão, segue à direita, subindo pela estrada. Já sabemos, vai ao Clube tomar o chopp da tarde. Atravessou o canal e nós também chegamos ao mesmo canal, com sua passarela já bastante danificada pelo tempo, pois é de madeira. O corrimão também já não é muito seguro, necessitando renovação urgente, para evitar desastre. Agora estamos chegando à casa do sr. Eberhardt, onde está instalado o correio. A casa de moradia está fechada, mas mais ao fundo, onde está instalado o correio, há movimento. Uma velha casa de madeira, com escada de dez degraus, já velha, tendo como corrimão um sarrafo de telhas num dos lados, para facilitar o acesso. Nada, mas absolutamente nada de pomposo, este nosso "Correio Nacional", como consta na placa pregada ao lado da porta. Os sacos com a correspondência já se acham ali, desembarcados do vapor "Blumenau" e o "Eberhardt, o da barba", nosso digno agente do correio, abre-os pessoalmente e sua mulher e o filho Paul, distribuem a correspondência. Ao lado da estrada, amarrado na cerca de estaquetas, está o cavalo do sr. Richard Paul, lá de Timbó, que hoje, pessoalmente vem buscar a sua correspondência. Também o sr. Friedenreich, com sua charrete, vem chegando para pegar tudo que se destina para seus vizinhos lá de Altona, saindo em seguida, na sua aranha puxada pelo cavalo, voltando para sua vizinha Altona. Paciência, diz o sr. Eberhardt. Todos receberão sua correspondência. Nós também recebemos algo e com as cartas na mão, descemos

os degraus da escada, seguindo pela estrada.

Boas notícias? Pergunta o açougueiro Poerner do outro lado da rua. Acho que sim, respondemos; correspondência da velha terra natal. Pois certamente também terá algo para mim, da velha Bohêmia, ele responde.

Também o Peter Kiesel, fabricante de escovas, que mora ao lado, dirige-se, ao correio, balançando a sua barrigona. A sua mulher encheu a varanda da casa com roupa branca bem passada, principalmente acessórios para camisas, pois hoje à noite teremos baile no Ernst Bernhardt e aí, os jovens da sociedade querem se apresentar bem vestidos, com suas camisas brancas bem passadas. Sempre trabalhando, Mutter Kiesel? Falamos. E ela responde: Quem vai passar à ferro toda esta roupa branca, se eu não o faço? Diz orgulhosa e satisfeita.

Quase esquecemos que lá no Merk teremos de comprar lentilhas encomendadas pelo pessoal da casa. Entramos no estabelecimento dos dois velhinhos. Frau Merk, pequena mas resoluta e sempre alegre, serve-nos mercadoria sempre boa, principalmente as lentilhas, fresquinhas. Tem também ervilhas e feijão branco, arroz importado da Índia, sal importado de Lueneburg; com este, sempre tem cuidados especiais, pois com tempo úmido que acontece muito aqui nos trópicos, fica molhado. Ela se queixa, e, assim, empilha os saquinhos de sal no fundo, em cima do fogão à lenha, para que fique sempre seco. Levamos nossas compras, agradecemos e nos despedimos.

O sr. coletor Buechele, ao lado, bem à vontade, ainda de pijama, está sentado à beira da cama. Com a cortina e a janela aberta, olha-se para dentro do seu quarto de dormir, situado ao lado da rua. As casas aqui na "Gespensterstrasse" (rua dos fantasmas) ficam a um metro abaixo do nível da rua, tendo ainda uma calçada, revestida de placas de pedralousa. Esta calçada, passando pelo correio, acaba num canal de tábuas, na casa

dos Blohm. Mas o dentista Haertel, na esquina da Gespensterstrasse, quer acabar com este estado de coisas, pois com a casa de dois pavimentos, em construção, exige dos poderes públicos solução para este caso.

No outro lado da rua, o Alexandre Lenzi já tem duas casas, com dois pavimentos cada, bem construídas, uma ao lado da outra, mas devido aos muros grossos sem as fundações necessárias, as duas se inclinaram um pouco para o lado do rio, parecendo a torre de Pisa. Na sua hospedaria, Lenzi hospeda principalmente seus compatriotas de origem italiana. Ao lado, a construção de igual tamanho, pertence ao Benno von Barasky, que tem aí uma pequena padaria onde faz pães grandes. É barrigudo e bem encorpado. Da varanda da sua casa se tem uma bela vista para o rio. Neste momento está na janela do bar, esperando algum freguês. Cumprimenta o seu vizinho do outro lado, o alfaiate August Sutter, com um "bom dia" e este retribui só com um aceno de cabeça. Sutter está sentado perto da janela, frente a sua máquina de costura e não tem muito tempo para conversas, pois o terno que está costurando deverá estar pronto ainda hoje. Cumprimenta também a nós só com um aceno da cabeça, quando passamos por ele.

No lado oposto, na esquina da Gespensterstrasse, vemos um bem cuidado jardim com flores e muitas verduras, que o velho Mayer sempre conserva em ordem. O velho casal mora na casinha um pouco afastada, nos fundos do terreno, gozando sua existência com muita calma. Mas bastante agitado está, no outro lado da rua, o sr. Gustav Ermlich. Com seu boné vermelho na cabeça, um grande bigode, voz alta e boca grande, fica frente à entrada do seu bazar, ao lado da escada de acesso, e grita: Entrem, aqui vocês acham tudo de que precisam: bom e barato. Acabo de chegar do Rio de Janeiro de onde estou trazendo caixas de mercadorias, comprada em liquidações. Também aqui temos preços de liquidação.

Aqui só se compra o que é bom e barato, repete. Segunda-feira cedo saio de carroça para o Testo, onde já tenho a minha freguesia que sabe de quem se compra bom e barato. Aí, eles tiram da gaveta os seus milrêis, esvaziam seus cofrinhos e compram. — E vocês não pretendem comprar nada? Estão perdendo a melhor oportunidade. Entrem e vejam. E puxando-nos pelo braço, encaminha-nos escada acima para dentro da loja. Vejam, até com um vintém preto já tem coisas a comprar. E com seu boné vermelho na cabeça redonda, mostra suas mercadorias.

Rimos e divertimo-nos com seus gestos. Despedimo-nos, prometendo voltar em outra ocasião para comprar, mas ele continua insistindo em voz alta: barato, barato, barato. Assim saímos, ouvindo a sua voz insistente por alguns instantes, procurando novos fregueses. O sapateiro Kumm, do outro lado, bate sola e não quer saber da conversa do vizinho da frente. Quem fica incomodado com o barulho do lojista é o dentista Hugo Riedel, ao lado da loja. Sem descanso, como se fosse pêndulo de um relógio, ele vai de um para outro lado no seu jardim e grita para Ermlich. Por favor, cale a boca pelo menos por alguns instantes. Já não aguento mais este barato, barato, barato. Estou ficando louco. O dia que precisares dos meus serviços de dentista, vais sentir o alicate. Aí sim, podes gritar a vontade, isto lhe garanto. Sobe a escada e entra na casa, bate a porta e fecha a janela. A sua caseira, a senhora Germann observa, balançando a cabeça, os gestos nervosos do dentista, em pé na varanda. Também o sr. Ferraz, ao lado, calmamente observa tudo. Acima da porta da sua casa tem uma placa com os dizeres — "AGÊNCIA GERAL DAS TERRAS E ESTRADAS ESTADUAIS". É o escritório público de propriedades ou tabelionato. Ao sr. Ferraz não aborrece a gritaria do senhor Ermlich para convencer fregueses, nem os gestos nervosos do dentista Riedel. Ele é a calma em pessoa. Passa dois dedos pela barba tipo Ruy Barbosa, num

gesto particular muito seu. Caminhando chegamos ao latoeiro Reinhold Pauli. Erminio Moser e Emil Fiedler neste momento, estão carregando uma carroça com latas para manteiga, provavelmente destinadas a F. G. Busch — Exportadora de manteiga e banha. Reinhold Pauli controla o carregamento e sua mulher olha pela janela na esquina do Jammertal (Bom Retiro). No lado oposto da rua as crianças brincam na roça de cana, na barranca do rio. Para estes chãos, não se acha comprador. Estão num nível muito baixo. Ninguém arrisca construir neste barranco. No outro lado, na esquina do Jammertal a situação é idêntica. O nível baixo do terreno só serve para pasto dos animais. Pode-se ver isto no poço do sr. Schadrack, que está com o nível da água para transbordar, lá naquelas bandas do pasto. Bom que ele construiu o galpão para sal e couros em palafitas. Assim ficam mais seguros contra umidade. O ferreiro Richter construiu sua casa e ferraria mais acima no barranco. O acesso à barbearia do August Werner também tem uma escada de 6 a 7 degraus para evitar as constantes enchentes. Ele não tem necessidade de arranjar canoa em qualquer pequena enxurrada. "Lá em casa, infelizmente esta tem de estar sempre à mão", — assim fala a boa Mutter Pauli.

Atravessamos a rua do acesso ao Jammertal e vemos o Ferdinand Schadrack indo apressado, esfregando as mãos, como de costume. A sua casa está situada no centro do seu pomar de frutas e legumes. Também ao lado, o Karl Rothbarth tem muito espaço ao redor da casa e pomar.

Ping-pang, ping-pang, assim se ouve da oficina do cobreiro Georg Hiendlmayer. Frente à oficina, na valeta à beira da estrada, está uma enorme frigideira redonda de cobre e um alambique com canos em espiral, para cachaça. Encostados à parede vemos dois palanques com bombas manuais para água, parafusados, prontas para serem entregues. Parece que não falta serviço para o cobreiro. Bem situa-

da, um pouco retirado, atrás de arbustos floridos, entre a oficina e a casa do vizinho, fica sua casa. Com sua perna de pau (protese) o Karl Rothbarth atravessa a rua e vai em direção à sua fábrica de charutos e depósito de tabaco. Sua perna amputada logo abaixo do joelho, não o atrapalha muito nos seus afazeres. Neste momento está saindo uma carroça do portão. Um italiano que trouxe um carregamento de tabaco. A casa ao lado tem um cartaz com os dizeres "TRIKOT-WARENLAGER VON GEBRUEDER HERING" (Depósito de artigos de tricô dos irmãos Hering). Este depósito, bem como o depósito e fábrica de cigarros, separados por um barzinho, são construções baixas. Sabemos que até poucos anos atrás, aqui era o berço de artigos de tricô dos Hering. Aqui o Papa e Tio Hering maneiram e manobraram eles próprios, suas primeiras máquinas. Mas agora, lá nos fundos do Jammertal (atual Bom Retiro) eles construíram e instalaram uma fábrica bem maior, tocada por uma grande roda de água que fornece a energia para suas máquinas com as quais fazem o tricô para camisetas e cuecas. Trinta pessoas já trabalham lá e estão ganhando o pão de cada dia. A mercadoria está sendo muito bem aceita; os pedidos se acumulam, a expectativa de vendas é enorme pois neste grande Brasil o potencial de consumo vem crescendo muito. Aqui na cidade, o depósito está sendo administrado pelo sr. Ernst Steinbach, casado com a filha do Papa Hering. Agora ele está conversando com seu vizinho Wilhelm Gross, dono do barzinho entre os dois depósitos. Aos sábados à tarde, sempre aparecem fregueses vizinhos para tomarem alguns copos de cerveja do Jennrich e Rischbieter ou do Hosang. A charrete do Carl Rischbieter está parada em frente à porta e ele, no seu jeito simpático e calmo, está tomando uma cerveja preta, de sua fabricação. — Uma "pequena preta", sempre é saudável, diz ele para o farmacêutico Brandes. na mesa redonda do Stammtisch. Também está chegando

o sr. Paul Husadel, relojoeiro e joalheiro, e se junta a eles. Da sua última viagem à Alemanha ele trouxe muitas novidades e artigos para a sua loja. Na mesa de bilhar os senhores Schossland, fabricante de gasosa e Oscar Gross estão em disputa acirrada.

Esquecemos de visitar o Eugen Currlin. Atravessamos a rua, retrocedemos um pouco, passamos pelo estabelecimento da Frau Brockes, com sua loja de chapéus, renda e linhas. Ouvimos quando ela, sentada no banco da varanda, fala à senhorita Kleine, da sua exportação de canarinhos da telha, que ela mesma leva para a Alemanha. Há pouco, voltou de lá. Se a venda destes passarinhos foi bom negócio, só ela sabe; também não nos interessa. Agora subimos os oito degraus da livraria do sr. Eugen Currlin. — Os senhores, o que desejam? Alguns cartões postais de Blumenau? Tenho aqui cartão da ponte do Garcia, vista do morro do aipim; aqui o porto com o barco "Progresso", vendo-se ao leme o capitão Gustav Hacklaender e o maquinista José Gall, os "piratas" do rio Itajahy. Cada cartão custa 300 réis. Os clichês foram feitos na Alemanha, por isso posso vendê-los tão barato. Muito bem, voltem sempre.

Novamente na rua, vemos ao lado do farmacêutico, no "Urwaldsbote" o ajudante de fiscal Wehmuth, cavalgando como de costume, sua mula, com duas guaiacas de couro atrás do selim e algumas estacas e piquetes com pontas de ferro, do mesmo tipo dos usados por seu superior, o Fiscal Ebert, do Fidélis. G. Arthur Koehler está, neste momento, sentado no seu escritório, perto da janela, exercitando-se na sua nova máquina de escrever "Continental", recém-importada da Alemanha, a primeira em Blumenau. Máquina complicada, tem de ser estudada primeiro, para ser usada. Mas certamente aprenderá a usá-la. Saindo da livraria, fala ao sr. Wehmuth: — Quando te vejo montado na mula, sempre me lembro do meu tempo de caixeiro-viajante, quan-

do saía para o interior da colônia, vendendo a minha mercadoria. Só as estacas e os piquetes eu não precisava levar. Bom tempo aquele. Mas, como vai? — Não tão bem assim, senhor Koehler, este responde. Durante a semana o Ebert e eu estivemos na Velha-Alta, medindo terrenos. Lá a situação não é muito boa; os bugres, vindo do Spitzkopf, causam pânico. Velha-Alta e Encano-Alto estão em alerta, esperando assaltos. Lá no Warnow-Alto já houve alguns assaltos destes selvagens, como o povo de lá conta. Os colonos conseguiram fugir pelas picadas dos fundos. O fiscal Ebert queria falar a respeito com o senhor, para publicar algo no jornal, mas agora ele deve voltar para sua casa, senão escurece antes de ele chegar lá no Fidélis.

Ah, sim, responde Koehler; sempre estes bugres selvagens. Parece que não há outra alternativa. O Martins com sua turma de caçadores de índios deverá fazer nova batida por lá. Está bem, senhor Wehmuth, agradeço sua informação. Vou imediatamente à redação do "Urwaldsbote" para escrever e publicar isto e advertir os colonos que moram muito isolados, por estas bandas, para não se afastarem muito e andarem sempre em grupos e armados.

Também Desterro deverá ser informado. O governo precisa saber o que está acontecendo aqui. Eles devem ajudar e proteger os colonos contra os bandos de bugres selvagens.

Hermann Hering, do outro lado, da porta da sua loja, tinha ouvido toda a conversa e falou que seu irmão Georg, que veio ontem lá do Ilse, também falou a respeito. Lá eles até viram as pegadas de "Pé Grande"; Koehler responde: isto é interessante ouvir. Falando para dentro da loja, ele diz: — Elsbeth, vou rapidamente ao Fouquet. Até logo, bom domingo, senhor Wehmuth. Com isto, sai num passo rápido de ginasta, para o outro lado da rua; passa pela bela residência do sr. Gustav Baumgart que passeia,

com as mãos nas costas, frente à sua casa, pra lá e pra cá.

Na casa ao lado o sr. Koehler bate na janela, onde mora o redator do "Urwaldsbote", sr. Eugen Fouquet. Falam algum tempo e o sr. Koehler, retornando, encontra no outro lado, próximo à casa de Paul Hering, os senhores Papa e Onkel Hering, que vem chegando na sua própria charrete, lá do Jammertal (Bom Retiro). Agitado o sr. Koehler conta aos dois os últimos acontecimentos referentes aos bugres. O sr. Paul Hering, saindo da loja, também escuta tudo. Bem, diz Onkel Hering, o nosso morro "Schweineruecken" também deverá estar infestado. Otimista como sempre, Papa Hering fala: — O Schweineruecken certamente os bugres vão deixar sossegado.

O nosso bom Doutor Blumenau, uns cinquenta anos atrás, passou por momentos piores. Ele teve a visita dos bugres na barra do ribeirão da Velha, onde residia, mas não fugiu. Bem Arthur, não quer entrar e tomar uma cerveja? — Obrigado, responde G. A. Koehler. Preciso treinar bastante na minha nova máquina de escrever; é complicada, mas para ler a letra da máquina é mais fácil do que a minha, que, algumas vezes, até eu tenho dificuldades para decifrar. Bem, boas conversas e até logo. Amanhã a gente se encontra para o Skat. Tenho de dar revanche ao Hermann Müller. Todos riem e também nós fomos andando, despedindo-nos.

No jardim do sr. Lueders trocamos algumas palavras com ele e sua esposa, olhando as belas flores. Ele costura corseletes para as senhoritas e damas da sociedade.

E o dr. Tomé Braga, o nosso advogado "quebra galho", para os íntimos, atravessa a rua para conversar com o Dr. Juiz de Direito; conversa fiada, pois aos sábados à tarde não se fala do ofício. O Dr. Ayres de Albuquerque Gama está à janela e observa o movimento da rua. — Boa tarde, sr. vizinho. — Boa tarde, sr. Tomé, como tem passado? Nós

também atravessamos a rua e cumprimentamos: Boa tarde, senhores; e seguindo adiante fazemos uma visita curta ao senhor Otto Freygang. Experimentamos o seu excelente licor, ele que é dono do bar, nos oferece. Muito bom mesmo e bem temperado, senhor Freygang. Ele agradece o cumprimento elogioso e passa a mão na sua barbicha de bode.

Na altura da igreja católica, neste momento, começam a badalar os sinos pois é hora da "Ave Maria", seis da tarde. Está na hora de apressar os passos se quisermos chegar com a claridade do dia em casa e acabar este nosso passeio por Blumenau. — Até logo, amigo Freygang; outro dia a gente conversa mais.

Passando pela alta escadaria da igreja e o comprido muro, damos uma olhada para dentro das janelas do convento dos padres franciscanos. Estes já reiniciaram nova construção; nunca ficam sem construir algo, estes padres. No outro lado da rua no barranco do rio, algumas corujas saem voando das altas árvores.

Nada para observar até chegar na loja de ferragens do Luiz Altenburg. No trapiche particular dele ainda estão descarregando uma lancha. Ferro em barras, cimento em barris, caixotes com vidro plano para janelas. Outras caixas e caixotes com ferragens são levados para o depósito. Ferdinand Altenburg, o mais novo dos filhos, atravessa rapidamente a rua para receber um telegrama do telegrafista Veiga. A senhora de Rudolf Altenburg está na frente da sua casa, ao lado da escada e pergunta ao Ferdinand, antes deste entrar no estabelecimento: — Notícias boas? Penso que sim, diz Ferdinand. O Rudolf vai retornar com o vapor "Santos" mas ainda dá uma paradinha em São Paulo a negócios; mas de resto tudo bem.

Saindo da rua dos padres, vêm dois deles montados nos seus cavalos. Interpelados falam que um vai para Belchior e Luiz Alves e o outro para Encano e Indaial. Agora estamos chegando ao depósito do estabelecimento comercial de

Nienstett e Rabe onde acaba de chegar uma carroça puxada por quatro cavalos, com um carregamento vindo da filial de Massaranduba. Arthur Rabe cumprimenta o carroceiro e ajuda no descarregamento. Os cavalos são levados à cocheira para serem tratados. Leopold Rabe recebe os sacos e os carrega auxiliado por seu ajudante, para o armazém. O sr. Nienstett, o padraço, com a papelada na mão, confere a carga de milho e feijão, os barris de banha e manteiga que são descarregados em seguida. Da bonita moradia do lado se escuta a conversa animada dos filhos mais jovens. Também os filhos do Fides Deeke que mora ao lado estão lá, brincando no grande jardim, bem cuidado, ao lado da residência nova dos Deeke. Duas belas construções estas residências. É mais um progresso que enfeita Blumenau.

Aqui, no lado do rio, está no topo da escada de acesso à sua casa, o alfaiate Ringling, que acaba de chegar da Alemanha. Como vai, senhor Ringling? Este dá uma puxada no seu cachimbo curto e curvo de estudante e responde: — Muito a fazer; vou mostrar a este povo daqui como se faz e como deve assentar um bom terno. Estou satisfeito pelo meu começo aqui em Blumenau. Hermann Baumgarten, ao lado, sentado à varanda, estudando as últimas notícias, ouviu as declarações do sr. Ringling e observa:— Isto muito me alegra, Ringling, que você está satisfeito aqui; o bom serviço sempre é abençoado. Para nós jornalistas, isto é mais difícil, pois a opinião do povo sempre difere do que está publicado; sempre existem e haverá críticas, mesmo que nós publicássemos o jornal em letras de ouro. Há mais de vinte anos estamos lidando com nossos leitores e a política. É um ofício duro; provavelmente não ficarei velho. Bem, toda gente tem sua carga para carregar. Falamos e saímos.

No outro lado, naquele terreno mais elevado, a Jenny Peters vive sossegada, plantando aipim, ordenha as vacas, engor-

da seus porcos e está satisfeita. Chegamos ao canal dos Peters. Lá embaixo na água, passam alguns gansos que vêm do rio em direção ao pátio da casa da Jenny, procurando o curral para passar a noite. E nós observamos a capoeira em ambos os lados, emoldurando a rua numa extensão de uns cem metros, sem interrupção e nenhuma casa; parece que a cidade acabou aqui; mas assim não é, pois, mal atravessamos este trecho, estamos em frente ao alto muro da residência dos von Ockel. No lado oposto o sr. Caetano Deeke abriu uma livraria com artigos de papelaria e escritório. Em seguida vem o depósito de sal e calcários de F. G. Busch, seguido pela casa e jardim bem cuidados do mesmo; continuando vemos as construções do depósito de banha e manteiga para exportação. Lá ainda estão trabalhando animadamente. Caixões e caixotes estão sendo pregados, fechados e por fim, endereçados. O sr. Busch está conferindo tudo, assobiando baixinho. Quem sabe o que estará inventando agora? Será que quer trazer a eletricidade para Blumenau? Ou será que vai construir uma rede de bondes até Altona? A licença para construção desta rede ele já adquiriu há anos; ou será que está pensando em comprar um automóvel? Dizem que já encomendou um na Alemanha e que em breve estará aqui. Será então o primeiro automóvel em Santa Catarina. Quem sabe, talvez também pretenda instalar uma fábrica de fósforos ou uma fábrica de gelo aqui. Já falou a respeito disto com alguns amigos. Também quer dar uma olhada num projetor de filmes, talvez seria uma coisa boa a ser instalada aqui em Blumenau. Estes pensamentos devem passar pela sua cabeça e por isso está assobiando baixinho. Pessoa como o Frederico Busch, Blumenau precisa sempre mais. Trazem o progresso e a vida para esta terra, ganham e deixam os outros ganhar também.

Mas o que está acontecendo lá no outro lado, no Ernst Bernhardt? Lá estão

mexendo com uns blocos esquisitos, em frente à sua casa. Porque trabalham assim num sábado ao anoitecer? Aproximamo-nos. Ah, isto nós trouxemos lá da Armação, quando estivemos lá veraneando. Isto são ossos de baleia. Lá na praia da Armação antigamente havia uma pescaria de baleias e estes ossos ainda estavam lá, espalhados. Ainda tínhamos lugar no carroção de quatro cavalos (Vierspaenner), os trouxemos. Bonitos, espinhos estes; se ficam atravessados na garganta de alguém, será o fim. Interessante, não é? Mas, mudando de assunto, hoje teremos o baile no nosso salão. Todos estão convidados. O Werner com seus rapazes fará a música. Certamente vocês já ficam aqui, pois a festa será grande e começará logo ao escurecer. Não? Que pena. Ao lado, o alfaiate Gruner também veio olhar os ossos de baleia e, de longe, chama sua mulher. Ela chega e aí ficam olhando os "ossinhos" por cima dos óculos. Ernst Diehm, o seleiro, também vem chegando devagar; acena para o seu auxiliar Heinrich Pasold, para que também veja os objetos estranhos. O vizinho do Diehm, o sr. Theophil Eggert, com livreria instalada, observa: Estes ossos devem ser de uma espécie de baleia pequena, dos mares do sul, pois as baleias do Ártico são muito maiores. Vou lhes mostrar as diferenças na minha enciclopédia o "Grosser Mayer", que também tenho à venda. Assim entramos na sua livreria. Tirou da estante o último volume da enciclopédia, quando já está começando a escurecer. Apanha o lampião de querosene e o acende para haver claridade bastante. Nervosamente o sr. Eggert começa a folhear o grosso volume e nós, impacientes, nos despedimos, desculpendo nossa pressa, enquanto ele coça a sua barba de bode.

Ainda vislumbramos as letras brancas do letreiro: RUDOLF KRAUSE, da construção ao lado. Chegamos à esquina da estrada para a "Velha"; ali tem fundamentos de uma casa antiga, já derrubada, e que agora está sendo aproveitado para

a construção de uma nova casa; mas a obra, infelizmente, está parada há alguns anos, esperando acabamento. Na esquina está, descontraído, o senhor Krause, que olha para o outro lado da rua onde existe a firma "Hermann Ruediger & Filhos". Neste instante o sr. Ruediger aparece na varanda, faz um aceno ao senhor Krause e os dois caminham de um lado a outro da rua, conversando animadamente. O senhor Ruediger, nas horas vagas, é músico, regente de um coro de cantores e presidente de clubes sociais onde se pratica música e canto. — Sim, caro amigo e vizinho, estou planejando um negócio de milhões, na Barra do Rio. Amanhã vou ao Dr. Manoel Barreto, o promotor e ao escrivão do Juiz da Paz, o Francisco Margarida que também está interessado no assunto, para tocar o negócio adiante. Ao Margarida poderia ir ainda hoje, pois ele está em casa. Vê-se daqui a janela do seu escritório. Mas, veja, do outro lado está chegando o Barreto; se os dois ainda têm a conversar muito hoje, aí, desisto da minha visita ao Margarida. Vamos deixar para amanhã. Mas, vizinho, como vai o clube "Harmonie"? Muito canto e exercitando muito? — Ah, sim, Krause, estamos treinando muito com canto e peça teatral. O Chico Franz Lungershausen já nos reservou o salão e palco lá na Sociedade dos Atiradores. Um dos papéis principais na peça está reservado ao senhor; esperamos que o aceite, caro Krause. Conto com a sua amizade. Ainda não terminei de transcrever todos os papéis individualmente e também ainda não copiei as notas; mas, mesmo assim, já teremos o primeiro ensaio hoje à noite. Espero você também. Muito obrigado, e até à noite.

Do centro ainda está chegando alguém. Não dá para reconhecer a pessoa, devido a escuridão, mas com o guarda-chuva que sempre carrega, o chapéu preto de abas largas na cabeça, a barba cheia e branca e sua capa preta, não podemos errar: é o engenheiro Heinrich Krohberger, construtor e responsável por

todas as construções e edifícios públicos e igrejas da cidade. Ele vai lá no outro lado do Ruediger, atravessando o pasto, em direção à sua casa, perto do barranco do ribeirão da Velha. À esquerda, sai da sua casa o consertador de guarda-chuvas, sr. Max Creutz. Tranca a mesma e sai apressado com passo de ginasta, calça branca e paletó escuro, em direção ao centro.

Na casa da viúva Hosang já tem luz de lamparina. Vê-se a Frau Hosang e sua irmã solteirona, já de idade avançada tricotando, provavelmente um par de meias para o filho e sobrinho Franz, para se esquentar no inverno.

Agora, descendo o declive, chegamos à ponte do ribeirão da Velha. O corrimão, já oscilante e sem manutenção, não inspira confiança. Algum animal se refugia na água com a nossa chegada. Na casa de Otto Desstamm, no morro do lado esquerdo atrás da ponte, também já tem luz. Provavelmente está escrevendo algo para o "Blumenauer Zeitung" que publica os seus artigos. Mutter Pauli, do outro lado, está subindo a escada que dá acesso à sua casa. A sua filha Luise ilumina a escada com uma lanterna, para facilitar a subida.

Tiramos as botinas e as meias dos pés, arregaçamos as calças e pés no chão, como de costume, pois o centro da cidade ficou para trás e a rua agora continua bastante esburacada. Para chegar em casa ainda teremos de andar um bom tempo.

Mas valeu. Estivemos novamente no centro desta simpática cidadezinha que é Blumenau, falamos com sua gente, vimos a chegada de alemães-novos aos quais demos as nossas boas vindas aqui nesta terra abençoada que doravante será a sua nova pátria, para a qual trabalharão, trazendo mais progresso e bem-estar, com os pés no chão, calças arregaçadas e os sapatos pendurados por cima dos ombros. como nós, neste momento, com destino ainda incerto, mas provavelmente risonho. Quando a nova casa estiver construída

com capricho e que será cercada por um pasto com gado e uma rocinha bem cuidada, onde o aipim, o milho, a cana de açúcar e o feijão, a batata, o arroz e também o tabaco, serão colhidos em abundância e o sustento da família estará assegurado.

O pomar com laranjas, tangerinas, ameixas, abacates, mamãos, caquis, goiabas etc. ajudarão a manutenção e diversificarão o paladar. O ribeirão ou rio sempre tem peixes gostosos; a caça ainda é abundante e variada, o jardim, com hortaliças e legumes os mais diversos; os bailes aos sábados e as festas de Tiro ao Rei para se divertirem, não devendo esquecer o jogo de cartas onde se reúnem os vizinhos nas suas casas. —

Com mais tempo disponível, poderíamos ter adentrado ao "Affenwinkel". Aos velhos Dittrich já tempo, estamos devendo uma visita. Também o Budag teria nos recebido com alegria e conversado um pouco. E à boa Frau Lallemand teríamos dito um bom dia.

No Garcia teríamos visitado o Siebert. O engenheiro Emil Odebrecht teria nos esclarecido algumas dúvidas sobre terras da colônia. Ehrat e Pamplona poderíamos ter cumprimentado e lá no outro lado do ribeirão, no Huscher, teríamos examinado alguns couros, e peles de animais selvagens. Lontras, gato do mato, tamanduás, uma pele bonita de onça pintada também tenho; eu mesmo matei, com tiro certo, pois estava matando nossos bezerros e porquinhos. O fabricante de carroças, sr. Paul Herbst, teria comprado o nosso feijão Urucurana, do qual é freguês. Bem ainda não é o fim do mundo; teremos tempo numa próxima chegada a Blumenau.

Mas, aonde estamos? Chegamos ao latoeiro Weise e ao lado seu irmão o charuteiro. A lua, neste momento, aparece de trás do morro do Tucano e clareia a rua. Agora dá para ver melhor, pois quase esbarrei num cavalo que se espreguiçava no leito da estrada, provavelmente pertencente ao carroceiro Quest,

aquí do lado do morro à direita. No lado esquerdo passamos por Mathes e no direito por Ferdinand Ruediger; subindo, o fabricante de vinagre Rischbieter, mais para cima, à esquerda, temos a cervejaria de Hosang e Schossland; à direita, na subida, a oficina de carroças de Beims. Ao lado, Charles Labes.

Escutamos atrás de nós o barulho da chegada de uma charrete e uma voz grossa e cheia cantando uma canção popular religiosa em alemão. Já sabemos quem está para nos alcançar: O pastor Hermann Faulhaber. Amanhã cedo, certamente terá de administrar missa lá na Itoupava Norte ou Badenfurt e assim, já vai hoje, pois antes da missa, deve dar aulas de religião aos confirmandos e batizar algumas crianças. Naquela região também houve um óbito uns dias atrás; mas o enterro foi executado pelo professor da escola. O pastor deverá recolher os dados pessoais que serão registrados nos livros da igreja.

Ainda antes dos Gaulke, à esquerda, ele nos alcançou com a charrete. Ele pára. Deve ter nos reconhecido no escuro, pois cumprimenta-nos pelo nome: Ainda tão tarde indo para casa? Subam, sempre temos lugar; mal viajado é bem melhor do que bem andado, o pastor, comenta, rindo. Aceitamos a carona. Na entrada do ribeirão Jararaca (Scharakenbach) ele começa novamente o seu canto alto, que se escuta lá longe, nos Boettcher, Probst e August Werner. Provavelmente o pedreiro Ratzlaff, bem em cima do morro, na esquina esquerda, também deverá escutar a canção. E nós o acompanhamos no canto. Passando a casa do professor Haertel, já cantamos a terceira estrofe. Este abre a janela, cumprimenta-nos, pois é o organista da Igreja de Blumenau e sabe quem está passando na rua, cantando.

Lá no padeiro Paul Lang sai fumaça da chaminé. O bom homem já está apron-

tando os pãezinhos que os blumenauenses exigem fresquinhos mesmo aos domingos.

Passamos pela cervejaria do Rischbieter e o jardim bem cuidado da família Lorenz e estamos nos aproximando do bairro Altona. Convém examinar este bairro de dia, com calma. Otto Jennrich com seu Museu Natural e Cultural, cheio de bichos empalhados como macacos, quatis, jaguatiricas, gambás, mão peladas, guaxinins e muitos outros pássaros regionais, lá estão, para serem vistos e estudados, para conhecimento geral e principalmente dos blumenauenses.

A cancha de bolão da Sociedade Teotônica é excelente, conforme a opinião de seus associados altonenses como Grahl, Auerbach, Marx, Morauer, Persuhn, Thedor Lueders, Liesenberg, Parucker, Specht, Galluff Boettcher, Luiz Abry, Peter Christian Feddersen. August Franke e outros. Todos exaltam sua "Teotônia" acima de tudo. Bem, deixamos eles, cada um na sua... O senhor pastor deve ter pensado assim, pois quando passamos por Galluff e Specht, olhou para trás e falou: — Este pessoal de Altona em breve não mais se distingue dos blumenauenses, pois quando a estrada principal for aberta definitivamente até o Schneckenberg (morro do caracol), casa por casa, passando por Spernau e mais adiante ainda, aí, haverá somente uma Blumenau, grande e forte. Este tempo chegará, podem ficar certos disso. E o senhor pastor deve saber disso. Se ele agora fala assim, com o atual progresso e o espírito de iniciativa dos blumenauenses, imaginem como será grande o futuro desta nossa cidade!

Viva Blumenau, resultado dos incansáveis imigrantes, apoiados pelo seu fundador de ampla visão, honrado, idolatrado e querido: — Dr. Hermann Bruno Otto Blumenau!

A N E X O

Este "Passeio pela rua principal de Blumenau" foi escrito como se o passeio fosse feito por várias pessoas. Também não foi escrito por um certo personagem;

foi escrito como se fosse uma pessoa qualquer, que adora Blumenau e os blumenauenses em geral. Que ficou blumenauense de corpo e alma.

Lá, por volta de 1900, ainda rapaz, com os olhos bem abertos, atravessou a cidade a caminho da "Neue Schule" (escola nova), na rua das Palmeiras, ou para a escola pública dirigida pelo professor Saxis, lá onde hoje se localiza o Hospital Santa Catarina, na entrada do Garcia. E se agora, já envelhecido, recorda a sua juventude e tem coragem para escrever sobre os tempos passados, tudo parece estar aí, na sua presença.

Na cama, por motivos de saúde, a máquina de escrever sobre os joelhos, sonhando com os olhos abertos, os velhos blumenauenses desfilam, cada um na sua característica. O velho blumenauense que lê estas linhas, certamente também sonhará e recordará destes tempos. O jovem leitor, este, certamente não nos compreenderá ou estudará estas linhas interessadamente, tentando descobrir algo sobre a sua origem.

O velho e torto Karussel-Jahn e o Stiefel-August vem ao nosso encontro, mas nós vamos adiante neste nosso passeio pela rua principal de Blumenau. Não existe aí nenhuma buzina de automóvel, nem apito de trem. Uma vez ou outra um cavalo relincha ou se escuta lá do rio o tuut, tuut dos barcos a vapor "Blumenau" e "Progresso" e do rebocador das lanchas "Jahn". São estes os barulhos que para cá trazem o progresso do mundo exterior. Mas para o interior, a oeste de Blumenau, escuta-se o estalo do chicote dos boleiros dos carroções puxados por duplas de cavalos fortes que levam para lá os bens de consumo e trazem de volta os produtos agrícolas e pastoris para o sustento da cidade e também para a exportação. São o elo que liga a civilização e cultura da cidade ao interior onde são levados e labutam os alemães, italianos e poloneses.

Nós continuamos passeando, olhando e observando tudo atentamente, o constante movimento e a evolução pela principal rua e ... cuidado! Quase fomos atropelados por uma bicicleta.

Indaial/Blumenau, maio de 1950.

Otto Stange".

(Traduzido do original alemão para o português pelo filho Erich Stange, em julho de 1994).

FIGURA DO PASSADO

OTTO STANGE

Esta figura, à qual devemos o trabalho que estamos publicando nesta edição, sob o título "Um retrato de Blumenau e de suas principais personalidades no começo do século", merece figurar nesta seção como figura do passado. E hoje o fazemos, graças a colaboração de seu filho Erich Stange, que nos forneceu os dados biográficos de seu pai que foi um dos mais esforçados incentivadores do resgate da memória histórica de Blumenau. Eis a sua biografia :

Otto Stange, nasceu no dia 15 de julho de 1890 em Mühlhausen/Thüringen, na Alemanha. Filho de Emil e Marie Stange, marceneiro naquela cidade. Teve ainda duas irmãs, uma mais velha: Frieda e outra mais nova: Helene. Lá foi à escola até aos doze anos e em 1902 toda a família se transferiu para Blumenau-SC-Brasil. O pai,

Emil abriu no bairro Bom Retiro, o tal «Jammertal», uma pequena marcenaria com serraria. Construiu nova casa e marcenaria bastante maior, na atual rua Paraíba, onde trabalhou com 14 pessoas. Otto ainda chegou a frequentar a escola em Blumenau para aprender a língua nacional. Com a viagem do pai para a Alemanha, em 1914, onde foi surpreendido pela primeira guerra mundial, não podendo voltar, Otto, com seu cunhado Julius Seibt, assumiu a marcenaria e juntos, fundaram a marcenaria «Seibt & Stange». Casou em 1913 com Hedwig Rechenberg com a qual teve cinco filhas e dois filhos.

O casal Seibt/Helene desquitou-se em 1925 e Seibt exigiu sua parte na empresa, o que obrigou a liquidação da mesma. Otto, com sua família, transferiu-se em fevereiro de 1926 para Indaial, onde abriu um pequeno comércio, numa casa recém-adquirida, no centro. Aumentou a casa com ampla construção para lá instalar a loja e nos fundos, uma fábrica de acolchoados. Esta fábrica o obrigou a viajar muito pelas redondezas, para colocação do produto. A sua condução principal era a bicicleta com a qual visitava toda a região, chegando até perto de Lages. Escreveu um artigo sobre estas viagens que oportunamente, depois de traduzido, será publicado, pois é interessantíssimo.

Com o avanço da idade, teve complicações físicas nas pernas o que o impossibilitaram a usar este veículo, dificultando mesmo andar.

Vendeu então a fábrica de acolchoados e seu filho Erich adquiriu o inventário da loja. Com a venda dos dois estabelecimentos em 1953, começou a construir nova residência. Pronta esta, em 1958 Erich

também adquiriu a casa velha e a loja. Faleceu em 22 de junho de 1964 repentinamente de ataque cardíaco. Em Indaial exerceu durante alguns anos o cargo de Juiz de Paz. Era presidente da Paróquia Evangélica Luterana, quando planejou e mandou construir a nova igreja evangélica do centro e algumas da redondeza. Projetou junto com o Prefeito Municipal sr. Marcus Rauh, seu vizinho, o atual cemitério municipal, onde orientou os trabalhos de terraplenagem e divisões das quadras.

Incentivou a vida cultural, criando um grupo teatral, para o qual escreveu diversas peças teatrais, que foram muito aplaudidas pelo público. Era membro do coro masculino do grupo «Eintracht und Lyra», do coro da igreja, instrutor e orientador da escola dominical evangélica. Na sua casa foi fundada a Associação Beneficente das Senhoras Evangélicas Luteranas de Indaial; era membro do grupo de ginastas masculinos. Em 1932 lançou o primeiro jornal em Indaial; era anual, humorístico-cultural e sempre saía no Carnaval. Teve sete edições e seu nome era «DIE GURKE» (O pepino). Primeiro e único de Indaial e redator era «Prinz Carnaval» como constava no logotipo, formado por duas cabeças de mulheres cujos narizes, em formato de pepinos, se encontravam no centro. As primeiras edições eram na cor verde-pepino. Devido à guerra de 1939 foi suspenso até hoje.

Indaial não o esqueceu completamente, pois, hoje tem uma rua com o seu nome, homenagem para um homem que também amou esta cidade e para a qual contribuiu dentro da sua possibilidade, para sua evolução e progresso.

— DIA 02 — Em nota oficial publicada na imprensa local, o Hospital Santa Isabel anunciou o descredenciamento daquele nosocômio com o Serviço Unificado de Saúde a partir do dia 1º. do corrente mês.

— DIA 03 — Neste dia, todo o país mobilizou-se para eleger o novo Presidente da República, Deputados, Senadores e Governadores.

— DIA 04 — As pesquisas de boca de urna já garantiam que o candidato Fernando Henrique Cardoso estava eleito Presidente do Brasil, com cerca de 46% na preferência de votos dos eleitores. *** Foi divulgado o resultado das competições referentes aos 7º. Jogos Abertos realizados em Jaraguá do Sul e que apontou a conquista por Blumenau, tornando-se a representação blumenauense penta-campeã da competição, com oito troféus, marcando 163 pontos. Os 7º. Jogos reuniram 35 cidades catarinenses e tiveram seu desenvolvimento de 23 de setembro a 1º. de outubro. A representação blumenauense conquistou 30 medalhas de ouro, 21 de prata e 21 de bronze, num total de 72 medalhas. *** Chegou a Blumenau a primeira banda de música alemã para animar os festejos da Oktoberfest. *** No Hospital Santa Isabel foi aberta, com missa de ação de graças, a solenidade pela passagem dos 85 anos de fundação daquela instituição. O hospital foi fundado a 04 de outubro de 1909.

— DIA 05 — O combustível — gasolina e gás de cozinha — passaram a custar, a partir desta data, 2% (dois por cento) menos, fato que ocorreu pela primeira vez nestes últimos anos. *** Na Biblioteca "Dr. Fritz Mueller", a escritora Berenice Dunbar promoveu noite de autógrafos com seu livro "Minha Infância Fez Minha História. *** Foi assinado convênio entre a Prefeitura de Blumenau e o Governo do Estado para a implantação de duas unidades de reabilitação de viciados. O convênio prevê o repasse de R\$ 16.000,00 ao Centro Terapêutico VIDA, além de R\$ 15.000,00 destinados ao Centro de Reabilitação Jovens Livres.

— DIA 06 — A imprensa (JSC) destaca que a indústria catarinense, em face do bom desempenho do Plano Real, bateu, neste ano, um recorde histórico de produtividade, alcançando 86,84% de utilização da capacidade instalada, contra 83,25% do ano de 1993. *** Foi aberta a 11ª. Oktoberfest em Blumenau, constando de um grande desfile e a sangria do primeiro barril de chopp no local dos festejos — a PROEB. *** No Shopping Neumarkt foi aberta a 9ª. edição da Fotochopp, reunindo 140 trabalhos de 12 fotógrafos catarinenses.

— DIA 08 — O garoto Ricardo Fernando Mafra, de 10 anos, conseguiu salvar seu irmão menor, Renato Fabricio Mafra, de 7 anos, que estava se afogando. Ricardo Fernando aprendeu a arte de salvamento por ocasião de uma palestra que havia assistido no Corpo de Bombeiros. Ricardo foi condecorado pelo seu ato de salvamento. *** Na prainha em frente à cidade, foi aberta a edição 94 do Skol Rock, a partir das 14 horas. *** A imprensa (JSC) destaca a premiação por três estudantes da FURB no IV Seminário Catarinense de Iniciação Científica, realizado em Florianópolis. São eles: Giane Michele Frare, estudante de Medicina, Emerson Maca-

ri, estudante de Ciências de Computação e Rosana Montagna, estudante do quinto semestre de Direito.

— DIA 11 — A imprensa (JSC) publica que as polícias rodoviárias Federal e Estadual registraram no último final de semana 108 acidentes com 15 mortos e 93 feridos nas estradas catarinenses. *** O Clube Blumenauense de Caça e Tiro inaugurou a "Trilha da Colina", uma opção para quem quer maior contato com a natureza. *** A TELESC informou os dirigentes da ACIB (Associação Comercial e Industrial de Blumenau) que as ligações com fibras ópticas das redes telefônicas do Estado já atingem 560 quilômetros contra 60 quilômetros do Paraná.

— DIA 12 — Cerca de 150 pessoas participaram da missa pelas almas das vítimas da enchente de 1990 no Garcia, especialmente na rua Belo Horizonte. A missa foi rezada no alto da colina, com vistas para aquela rua. *** Em comemoração do Dia da Criança, a Legião da Boa Vontade, Setor Blumenau, promoveu, na Capela Nossa Senhora de Fátima, um almoço festivo para 200 crianças, no bairro Ponta Aguda, Morro da Pedreira. *** Segundo dados fornecidos pela Secretaria Municipal de Saúde, 16% dos óbitos que ocorrem em Blumenau são causados pelo câncer. *** O Hospital Santa Catarina adquiriu seis monitores computadorizados de última geração para uso em UTI, com capacidade de monitorar até 32 leitos ao mesmo tempo. *** No Mausoléu Dr. Blumenau foi aberta a exposição de Orquídeas, edição 1994.

— DIA 13 — A Secretaria de Ação Comunitária desencadeou uma campanha de orientação à comunidade para dar encaminhamento aos mendigos encontrados na cidade. *** Diretores dos hospitais da região se reuniram nesta tarde, no Hospital Santo Antônio, para discutir a regionalização no médio Vale. Ficou definido que Blumenau passa a ser o pólo dos hospitais da região.

— DIA 14 — Em comemoração pela passagem dos 30 anos da FURB e vinte anos do grupo de teatro Phoenix, aconteceu um espetáculo de música, teatro e dança, no saguão da Fundação Universitária de Blumenau com numeroso público.

— DIA 15 — Uma das grandes atrações da Oktoberfest, neste dia de sábado, foi a apresentação, pela RBS-TV, da Taça da FIFA, conquistada pela seleção brasileira na disputa do tetra campeonato mundial. A iniciativa mereceu o aplauso do grande público. *** Nesta meia-noite, passou a vigorar o novo horário de verão, com o adiantamento nos relógios de uma hora. *** As polícias Federal e Estadual, contabilizaram quatro mortes ocorridas neste final de semana nas rodovias catarinenses.

— DIA 18 — Um violento temporal que derramou muita chuva sobre a cidade e subúrbios, causou preocupação e assustou os blumenauenses, especialmente os moradores em locais elevados. Houve muita inundação erosão e queda de barreiras. Felizmente não houve vítimas. *** No Instituto de Pesquisa e Tecnologia da Universidade Regional de Blumenau — FURB — chegaram 3.500 quilos de equipamentos de um completo laboratório de alta tensão (500 KV), doado pela Universidade de Nottingham, na Inglaterra.

— DIA 19 — A seleção de júniores do Brasil, jogando em Concepcion, no Chile, goleou a seleção daquele país, da mesma categoria de júniores, por 5 a 0. A partida,

que foi amistosa, serviu para a preparação da seleção brasileira para os Jogos Olímpicos de Atlanta em 1996. *** Chuvas torrenciais e fortíssimo vento, causaram grande destruição nos bairros Itoupavazinha e Fidélis. Houve desabamento de uma casa, a de Pedro Monteiro e queda de um barranco sobre a casa de Margarete Adão, felizmente sem vítimas.

— DIA 21 — Foi aberto, na Escola Básica Lúcio Esteves, bairro do Asilo, o 1º. Festival da Canção, promovido pela direção daquele educandário e para os alunos das 5ª, a 8ª. séries. *** Em Ilhota, foi assinada a ordem de serviço para o início da construção da ponte, ligando a cidade à outra margem do Itajaí-Açu.

— DIA 22 — Cerca de cinco mil crianças da rede municipal de ensino participaram da 14ª. edição da Festa da Criança, promovida pelo Rotary Club de Blumenau-Oeste.

— DIA 24 — Em solenidade realizada perante numerosas pessoas, foi empossado, no cargo de Reitor da FURB, o recém-eleito, Prof. Mércio Jacobsen.

— DIA 25 — A imprensa divulga um balanço relativo à Oktoberfest-94. Em comparação com o resultado do ano de 1993, a 11ª. Oktoberfest atraiu 26 mil pessoas a menos durante os 18 dias da festa: foram 827 mil pagantes nos pavilhões, contra 853 mil em 1993. Nas bilheterias, a renda foi de 1,65 milhões, ao preço de R\$ 2,00, uma diferença de 150 mil em relação ao que foi investido pela PROEB na festa. O consumo de chopp foi de 501 mil litros. Um volume 23% maior do que os 406 mil litros consumidos no ano passado. Para manter a ordem, cujo trabalho foi elogiável sob todos os pontos de vista, o 10º. Batalhão da Polícia Militar utilizou, na Operação Oktoberfest 600 policiais militares vindos inclusive de vários municípios da região. *** No saguão da FURB, o artista plástico Joel Figueira, de Florianópolis, abriu, às 20:30 horas, exposição de suas valiosas e aplaudidas obras: pintura a óleo, giz, pastel, guache, além de aquarelas e gravuras. *** Na Livraria Alemã do Shopping Center Neumarkt, a escritora infantil Regina Drummond e Lima autografou seu mais recente livro "Um Avião de Avó".

— DIA 26 — No Conjunto Educacional "Dr. Blumenau", de Pomerode, cerca de 300 expositores apresentaram seus trabalhos, na 10ª. Feira Regional de Matemática, promovida anualmente pela Universidade Regional de Blumenau (FURB).

— DIA 29 — A imprensa (JSC) destaca que o primeiro poço de petróleo, genuinamente catarinense, começou a jorrar petróleo. Foi perfurado no início deste ano, a 180 quilômetros da costa de Itajaí e entrou agora em operação, produzindo 3,3 mil barris de petróleo bruto por dia. O óleo que vem sendo extraído é fino e de boa qualidade e muito próprio para combustível. *** No Teatro Carlos Gomes, estreou com grande sucesso, a Companhia Espanhola de Danças com "Caminos Andaluces", que evocam as raízes ciganas e mouras nas castanholas. A Companhia Internacional de Danças Flamenca, como se denomina, tem Lucia Moreno na direção.

— DIA 31 — O SENAC iniciou o Curso de Matemática Financeira Aplicada à Calculadora HP-12. *** Na sede dos Eletricitários, realizou-se a solenidade de abertura do II Congresso dos Trabalhadores na Educação (SINTE) de Blumenau.

FIM DE ANO - ESPERANÇAS RENOVADAS

A nossa "Blumenau em Cadernos" está completando neste mês de novembro de 1994, nada menos do que 37 anos de circulação mensal ininterrupta desde que foi lançada por iniciativa do saudoso José Ferreira da Silva em novembro de 1957.

Se até os dias de hoje conseguimos manter a revista em circulação é porque o blumenauense sempre soube apoiar as iniciativas que visam preservar a memória histórica, objetivo primordial destas edições.

Nunca nos tem faltado o apoio financeiro de nossa gente — empresários, particulares e mesmo nossos colaboradores e pesquisadores. Sempre fomos obsequiados com a entrega de valores que supriram as necessidades para a aquisição do papel e de outros materiais necessários à composição e impressão da revista em nossa modesta oficina que, embora artesanal, já possui sua história pelo muito que tem proporcionado inclusive a inúmeros autores que aqui conseguiram, por preço ao seu alcance, editar seus livros.

No lado interno da capa de "Blumenau em Cadernos", está a relação daqueles que nos honraram com sua contribuição, no começo deste ano, possibilitando a composição e impressão de mais um Tomo da revista. Agora estamos chegando ao fim do ano. Para que possamos continuar a tarefa de não permitir que esta revista desapareça mas sim continue divulgando tudo o que se relaciona com a história do passado remoto, recente e contemporâneo para as gerações futuras, é necessário continuarmos recebendo o apoio que até aqui não nos faltou.

Esperamos, assim, que a partir deste fim de ano, estejamos recebendo as contribuições costumeiras para que possamos providenciar o estoque da matéria prima necessária às edições de "Blumenau em Cadernos". E o nosso agradecimento, estejam certos, será o agradecimento de todos àqueles que querem ver viva a memória histórica de nossa cidade e região, através das páginas de "Blumenau em Cadernos".

A todos os que nos auxiliaram na missão que nos tem cabido nestes 17 anos em que somos editores responsáveis, o nosso muito obrigado. Aos que, de uma ou de outra forma, nos estimularam com seus cumprimentos e incentivos, bem como aos nossos amigos e companheiros que mourejam nas oficinas de nossa gráfica, também a nossa gratidão.

Enfim, a todos estes nossos amigos — amigos e incentivadores de "Blumenau em Cadernos", os nossos votos de um Feliz Natal ao lado de seus familiares e amigos e um ano de 1995 repleto de venturas e muita prosperidade e que Deus a todos ilumine e guarde!

José Gonçalves

COOPERHERING COMEMOROU 50 ANOS

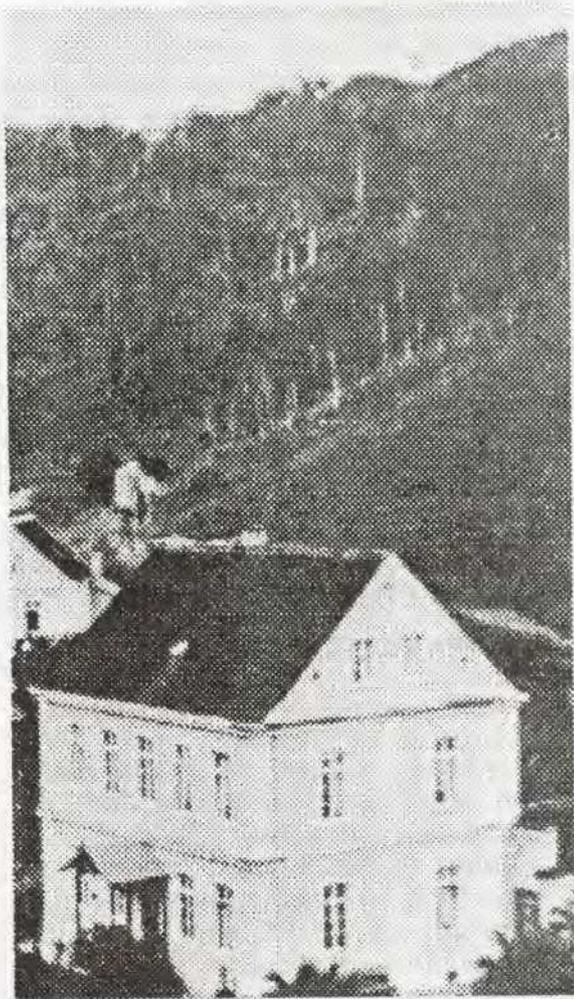
Este ano de 1994, além de outros acontecimentos de importância na vida econômica e social de Blumenau, também marcou um evento dos mais importantes na história cooperativista nacional.

É que no dia 06 de março des-

te ano de 1994, a Cooperativa de Consumo dos Empregados do Grupo Hering registrou a passagem de seus cinquenta anos de fundação. Um jubileu de ouro que precisa ficar gravado na memória de Blumenau.

Premidos por um saudosismo salutar, é necessário registrar que, no dia 06 de março de 1944, com a presença de várias figuras de um passado já longínquo, entre os quais destacamos a do nosso saudoso amigo, companheiro, homem de letras, aplaudido poeta e abalizado administrador Nestor Seara Heusi, orientados tecnicamente pelo não menos saudoso Teatino Cunha Mello, agente representante cooperativista do governo federal em Blumenau, foi lavrado o ato constitutivo que colocou, em terreno fértil, as sementes de uma organização cooperativista que hoje orgulha Blumenau — a COOPERHERING.

Providenciando a documentação para os trâmites legais, a partir deste dia, marco fiel do surgimento da entidade, Teatino Cunha Mello encaminhou tudo para os órgãos federais credenciados, acontecendo, então, a oficialização da Cooperativa, cujo documento liberatório foi assinado no âmbito federal, no dia 03 de julho do mesmo ano.



A foto que aqui estampamos, mostra o primitivo prédio ocupado pela COOPERHERING, nos primeiros anos de atividade, casa esta que ainda lá está como um marco histórico de, inclusive, outros serviços prestados e que vem prestando ao Grupo Hering.

Estava, assim, concretizada uma das grandes aspirações da não menos grande família que laborava nas fábricas do conceituado grupo Hering.

A partir de então, as administrações que se sucederam na entidade jamais deixaram de promover o crescimento da cooperativa, chegando aos nossos dias com um saldo positivo de exemplo de capacidade administrativa sem par.

O evento da COOPERHERING foi festejado com destaque quando conseguiu realizar em Blumenau, este ano, a XVI FECOOP, (Festa do Cooperativismo), que congregou numerosas cooperativas disseminadas por todo o país.

Trata-se de instituição sem fins lucrativos, destacando-se como uma organização seguramente estruturada nos princípios que regem as leis do cooperativismo; a COOPERHERING tem por objetivo primordial oferecer aos associados, além da grande variedade de produtos de reconhecida qualida-

de, os preços mais acessíveis à bolsa de seus colaboradores que a sustentam pela preferência. Tanto assim que, pela atuação da COOPERHERING no setor de supermercado em Santa Catarina, o PROCON, através de pesquisa efetuada, apontou-a recentemente como a que pratica os preços mais baixos na região de Blumenau.

Eis aí razões fundamentais para que, neste encerramento de ano em que «Blumenau em Cadernos» imprime sua última edição de 1994, é-nos grato podermos fazer este registro histórico, destacando um evento tão importante na vida econômica da comunidade blumenauense, como seja, o jubileu de ouro da Cooperativa de Consumo dos Empregados do Grupo Hering.

Nossas saudações a todos os que prestam serviços na COOPERHERING, tanto os colaboradores como os dirigentes, na figura de seu titular do Conselho de Administração Hercílio Schmitt.

A Rádio Clube de Indaial chega aos 40 anos de bons serviços

O ano de 1954, quando o Brasil foi tumultuado com o falecimento de Getúlio Vargas, estava entrando em serviço a Rádio Clube de Indaial. No dia 18 de setembro de 1954, pela voz admirada e aplaudida de Jeser Jossí Reinert, de saudosa memória, aquela emissora dava plena satisfação à comunidade indaialense, com uma programação das mais selecionadas.

Jeser Jossí Reinert que ante-

riormente atuava na Rádio Clube de Blumenau juntamente com Pereira Júnior, Jener Reinert, seu irmão, Dalmo Suarez, Blandino Filips, e outros, fora designado pela direção da PRC-4 para assumir a gerência da Rádio Clube de Indaial.

Surgia, assim, uma emissora coligada, pertencente à pioneira da radiofonia catarinense. Era a segunda do grupo, juntando-se à mesma, mais tarde, a Rádio Difusora de Blumenau, a Rádio Clube de

Gaspar e a Rádio Araguaia de Brusque.

Em nossa próxima edição, vamos transcrever o histórico completo da Rádio Clube de Indaial, nestas páginas, para registrar mais

um fato histórico na radiofonia catarinense, que foi a fundação da Rádio Clube de Indaial, que este ano comemorou seus 40 anos de serviços prestados aos ouvintes da região do médio Vale do Itajaí.

ÍNDICE DA REVISTA "BLUMENAU EM CADERNOS"

Aconteceu	28, 62, 88, 118, 135, 149, 189, 221, 237, 284, 315, 377
Aconteceu... há 50 anos — José Gonçalves	31, 47, 81, 123, 160, 192, 224, 246, 276, 360
Apêndice ao II Ramo da Família Gerent	340
Através dos 1.500 núcleos do Clube da Árvore, pratica-se um trabalho consciente de sentido ecológico	259
Autores Catarinenses — Enéas Athanázio ..	9, 40, 73, 105, 165, 200, 229, 271, 296, 343
Benjamin Carvolina — Antônio Roberto Nascimento	20
As bodas de Ferro do Casal Werner-Bernardine Garni	160
Brasil X E. U. A., um incidente em Santa Catarina — Antônio Roberto Nascimento	210
Características do Rio Itajaí e seus afluentes — C. Riviery	50
Cartas	90, 186
Cartas e Publicações	49
Casarão preserva a memória e a identidade arquitetônica	134
Curiosidades de uma época — S. C. Wahle/1993 — (XXXIII)	156
Curiosidades de uma época — (XXIX) — S. C. Wahle	15
Curiosidades de uma época — (XXX) — S. C. Wahle	36
Curiosidades de uma época — (XXXI) — S. C. Wahle	91
Curiosidades de uma época — (XXXII) — S. C. Wahle	102
Curiosidades de uma época — (XXXIV) — S. C. Wahle	170
11 ^a . Oktoberfest superou expectativas	319
Die Gurke (O PEPINO) um jornal carnavalesco indaialense de 60 anos passados	282
Ecologia há 60 anos — de Rud. Hollenweger	255
Ensino Público e Particular em Blumenau — W. J. Wanda 	5, 42
Escolas Alemãs no Estrangeiro no começo do século — Prof. Richard Hoffmann	32
"Eu sou o primeiro homem que veio a Blumenau"	236
Ex-colônia alemã em Santa Isabel faz 125 anos de emancipação — Toni Vidal Jochem	211
Fajeceu Elke Hering	37
A Família Arriola em Santa Catarina — Antônio Roberto Nascimento	347

Figura do Passado	249, 305, 375
Figura do Passado — Antônio Roberto Nascimento	169
Figura do Passado "Hermann Baumgarten" — Armando Luiz Medeiros	196
Figuras do Passado	85
Figuras do Passado — Antônio Roberto Nascimento — Adair José de Aguiar	143
Figuras do Passado, Vitorino Bacellar — Antônio Roberto Nascimento	124
Figura do Presente	325
Figura do Presente — Adair José de Aguiar	241
Figura do Presente, "D. Amélia" — Cláudio Heckert	101
Figura do Presente — Pe. Antônio Francisco Bohn	132
Genealogia da Família Goedert — Pedro Ernesto da Silva	25, 58, 91, 120
Genealogia da Família Meisen	214, 250, 277, 309
Genealogia das Famílias Gehrent/Schmidt/Silva/Gorges — Pedro Ernesto da Silva	152, 174
Imigração da Família Tönjes — Werner Henrique Tönjes	264
O Incêndio do Palácio Municipal (I) — Theobaldo Costa Jamundá	258
O Incêndio do Palácio Municipal (II) — Theobaldo Costa Jamundá	290
Meio Ambiente e Cultura na Primavera de 93 em Blumenau — Theobaldo C. Jamundá ..	02
"Minha Imigração para Hansa-Hamônia hoje Ibirama" — de Otto Wille	111
A mulher alemã no Brasil — Trad. Edith Sophia Eimer	67
A nossa mensagem — José Gonçalves	380
O Oratório de Tijucas — Antônio Roberto Nascimento	38
Otto Wille, uma figura inesquecível — Otto Wille	137, 179
A política e a questão orçamentária do Município no começo do século	205
Política no começo do século	16
O Prussiano que a mata abasileirou (I) — Theobaldo Costa Jamundá	35
O Prussiano que a mata abasileirou (II) — Theobaldo Costa Jamundá	66
O Prussiano que a mata abasileirou (III) — Theobaldo Costa Jamundá	98
O Prussiano que a mata abasileirou (IV) — Theobaldo Costa Jamundá	130
O Prussiano que a mata abasileirou (V) — Theobaldo Costa Jamundá	162
O Prussiano que a mata abasileirou (VI) — Theobaldo Costa Jamundá	194
O Prussiano que a mata abasileirou (VII) — Theobaldo Costa Jamundá	226
Raízes da Sociedade Recreativa Indaial	157
Registros de Tombo de Porto Belo (II) — Pe. Antônio Francisco Bohn	14, 61, 77
Registros de Tombo de São Francisco do Sul — Pe. Antônio Francisco Bohn	158
Registros de Tombo de São Francisco do Sul — Pe. Antônio Francisco Bohn	307
Registros de Tombo de São Francisco do Sul (I) — Pe. Antônio Francisco Bohn ..	127
Registros de Tombo de São Francisco do Sul (II) — Pe. Antônio Francisco Bohn ..	187
Registros de Tombo de São Francisco do Sul (III) — Pe. Antônio Francisco Bohn ..	212
Registros de Tombo de São Francisco do Sul (IV) — Pe. Antônio Francisco Bohn ..	234
Registros de Tombo de São Francisco do Sul (V) — Pe. Antônio Francisco Bohn ..	268
Registros de Tombo de São Francisco do Sul (VII) — Pe. Antônio Francisco Bohn ..	338
Reminiscências de Ascurra — Atilio Zonta	11, 46, 75, 108, 146, 172, 202, 231, 266, 299, 334
Retrato de Blumenau e de suas principais personalidades no começo do século ..	361
O "Sentinela do Vale" é Brig. Jacinto M. Bittencourt — Theobaldo Costa Jamundá ..	322
VI Encontro Catarinense de Arquivos foi sucesso	275
A Situação Econômica do Brasil em fins do século passado	107
Sobre o desenvolvimento de nossa cidade no começo do século — Edith S. Eimer ..	82, 257
Sociedade Assistencial Alemã em Blumenau na década de 1930	345
O Spitzkopf — Rudolf Hollenweger — Trad. Edith Sophia Eimer	314
Subsídios Históricos — Rosa Herkenhoff	19, 39, 79, 99, 142, 167, 204, 247
Trabalho sobre o Ribeirão Garcia vai à Feira Mundial	164
Um apelo aos nossos assinantes, colaboradores e leitores	34
Um episódio dos "sem terras" ocorrido em Gaspar no século passado	178
Um fato Histórico "Escoteiro vence duplo desafio"	220
Um Luso-Brasileiro em Blumenau — Ruy Moreira da Costa	261, 291
Um pouco da história na correspondência dos imigrantes — Trad. Emílio Odebrecht ..	273, 302, 333
Wigando Engelke — Antônio Roberto Nascimento	242

FUNDAÇÃO "CASA DR. BLUMENAU"

Instituída pela Lei Municipal nº. 1.835, de 7 de abril de 1972.
Declarada de Utilidade Pública Municipal pela Lei nº. 2.028, de 04/09/74.
Declarada de Utilidade Pública Estadual pela Lei nº. 6.643, de 03/10/85.
Registrada no Cadastro Nacional de Pessoas Jurídicas de Natureza Cultural
Registrada no Cadastro Nacional de Pessoas Jurídicas de Natureza
Cultural do Ministério da Cultura, sob o nº. 42.002219/87-50,
instituído pela Lei nº. 7.505, de 02/07/86.

89015-010 BLUMENAU

Santa Catarina

INSTITUIÇÃO DE FINS EXCLUSIVAMENTE CULTURAIS

SÃO OBJETIVOS DA FUNDAÇÃO :

- Zelar pela conservação do patrimônio histórico e cultural do município;
- Organizar e manter o Arquivo Histórico do Município;
- Promover a conservação e a divulgação das tradições culturais e do folclore regional;
- Promover a edição de livros e outras publicações que estudem e divulguem as tradições histórico-culturais do Município;
- Criar e manter museus, bibliotecas, pinacotecas, discotecas e outras atividades, permanentes ou não, que sirvam de instrumento de divulgação cultural;
- Promover estudos e pesquisas sobre a história, as tradições, o folclore, a genealogia e outros aspectos de interesse cultural do Município;
- A Fundação realizará os seus objetivos através da manutenção das bibliotecas e museus, de instalação e manutenção de novas unidades culturais de todos os tipos ligados a esses objetivos, bem como através da realização de cursos, palestras, exposições, estudos, pesquisas e publicações.

A FUNDAÇÃO "CASA DR. BLUMENAU, MANTÉM :

Biblioteca Municipal "Dr. Fritz Müller"
Arquivo Histórico "Prof. José Ferreira da Silva"
Museu da Família Colonial
Horto Florestal "Edith Gaertner"
Edita a revista "**Blumenau em Cadernos**"
Tipografia e Encadernação.

CONSELHO DELIBERATIVO :

Marlo Germer; Maria Beatriz Niemeyer; Friederich Wilhelm Heinrich Ideker; Ellen Jone Wegge Vollmer; Altair Carlos Pimpão; João Carlos von Hohendorf; Edgar Paulo Mueller; Gladys Suely Dorigatti Werner; Ruth Winkler Pául; Marcos Henrique Buechler; Ernesto Deschamps.

DIRETORIA :

Presidente Interino : Altair Carlos Pimpão
Diretor Administrativo-Financeiro : Valter T. Ostermann
Diretor de Cultura : Lygia Helena Roussenq Neves



Consórcio
Breilkopf

**A CERTEZA DE FAZER O
MELHOR INVESTIMENTO**

DISQUE CONSÓRCIO — 26-2000

Rua São Paulo, 2001 — BLUMENAU - SC

HERING

TÊXTIL

Nas tramas do mais puro algodão, uma marca de qualidade.

Para todo mundo. Em todos os tempos.